



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA AOS  
INDÍGENAS KOKAMA DO BAIRRO GRANDE VITÓRIA EM MANAUS**

**MAYRA LUZ ALVARADO DAVILA**

Manaus  
2021

### Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Davila, Mayra Luz Alvarado

D259e O ensino e aprendizagem da língua espanhola aos indígenas  
Kokama do bairro de Grande Vitória- Manaus / Mayra Luz  
Alvarado Davila, Mayra Luz Alvarado Davila. 2021  
142 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Raimundo Nonato Pereira da Silva

Coorientador: José Exequiel Basini Rodrigues

Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade  
Federal do Amazonas.

1. Povo Kokama. 2. Mobilidade. 3. Política Linguística. 4. Ensino.  
5. Língua Espanhola. I. Davila, Mayra Luz Alvarado.  
II. Universidade Federal do Amazonas III. Título



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

**MAYRA LUZ ALVARADO DAVILA**

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA AOS  
INDIGENAS KOKAMA DO BAIRRO GRANDE VITORIA EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS da Universidade Federal do Amazonas – UFAM como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva

Manaus  
2021

**MAYRA LUZ ALVARADO DAVILA**

**O ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA AOS  
INDIGENAS KOKAMA DO BAIRRO GRANDE VITORIA EM MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS da Universidade Federal do Amazonas – UFAM como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ 2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Raimundo Nonato Pereira da Silva – PPGAS/UFAM  
Presidente da Banca

---

xxxx – PPGAS/UFAM  
Membro Examinador Interno

---

xxxx – PPGAS/UFAM  
Membro Examinador Externo

Manaus  
2021

## RESUMO

Os Kokama na Amazônia possuem mobilidade entre os países Brasil, Colômbia e Peru, de forma mais intensa na região do alto rio Solimões e ultimamente em Manaus. O presente trabalho tem por finalidade contextualizar o processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola para os indígenas Kokama residentes na Zona Leste da cidade de Manaus, especificamente no bairro Grande Vitória. Nesse sentido, nos orientamos pela seguinte indagação: quais são os objetivos dos indígenas Kokama em desejar conhecer a língua espanhola considerando que a língua portuguesa em Manaus é hegemônica? Visamos com essa indagação contextualizar a relação dos Kokama com o processo de educação formal; compreender o sentido e significado da língua espanhola para os Kokama; perceber a relação interétnica dos referidos indígenas com as comunidades localizadas na região de Loreto no Peru e com a região do alto Solimões no Brasil; ao mesmo tempo, compreender a relação entre língua espanhola e o contexto da territorialidade Kokama, e por fim, analisar como o ensino da língua espanhola passa a fazer parte de um conhecimento tradicional.

**Palavras-Chave:** Povo Kokama; Mobilidade; Política Linguística; Ensino da Língua espanhola.

## ABSTRACT

The Amazonian Kokama has a mobility between the countries of Brazil, Colombia and Peru; more physically in the region of the upper Solimões river and, lately, also in the villages and proportionally in groupings in the capital Manaus. This work has the purpose of contextualizing the teaching process of the Spanish language to the indigenous Kokama living in the east part of Manaus. Therefore, we have been guided by the following question: What are the objectives of the indigenous Kokama who want to know the Spanish language, considering that the Portuguese language in Manaus is hegemonic? with this question we aim to contextualise the relation of the Kokama with the process of education in the city of Manaus; Understand the sense and meaning of the Spanish language for the Kokama; and to understand the inter-ethnic relationship of these indigenous people with the communities located in the regions of Loreto (Peru) and the region of the high river Solimões, in Brazil. At the same time, we intend to understand the relationship between Spanish language and the context of Kokama territory; analyze how the teaching of the Spanish language becomes as well part of a traditional knowledge and finally demonstrate that the Spanish language must be updated as a way of professional development.

**Keywords:** Kokama people; Mobility; Language policy; Spanish language teaching.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                         |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                 | <b>11</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO POVO KOKAMA: UMA SÍNTESE .....</b>                                                      | <b>16</b>  |
| 1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E O CAMPO LINGUÍSTICO .....                                                                                    | 16         |
| 1.1.1 O Contexto Histórico .....                                                                                                        | 16         |
| 1.1.2 O Campo Linguístico .....                                                                                                         | 21         |
| 1.2 O CAMPO POLÍTICO .....                                                                                                              | 23         |
| 1.2.1 Terras e Territórios Kokama .....                                                                                                 | 23         |
| 1.2.2 Terra Indígena Kokama no Peru .....                                                                                               | 25         |
| 1.2.3. Participação Política Educacional .....                                                                                          | 27         |
| 1.3 RELAÇÃO INTERÉTNICA ENTRE OS KOKAMA DO PERU E BRASIL E O KOKAMA NO CONTEXTO ATUAL .....                                             | 30         |
| 1.3.1 Relação Interétnica Kokama do Peru e Brasil .....                                                                                 | 30         |
| 1.3.2 Kokama no Contexto da Cidade .....                                                                                                | 34         |
| <b>CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO INDÍGENA EM MANAUS E OS KOKAMA.....</b>                                                                       | <b>41</b>  |
| 2.1 BREVE CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA.....                                                                                            | 41         |
| 2.2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS (2015 - 2025) E OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA..... | 45         |
| 2.2.1 Síntese da Educação Indígena em Manaus.....                                                                                       | 45         |
| 2.2.2 Processos na Educação Indígena em Manaus .....                                                                                    | 49         |
| 2.3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA KOKAMA CONTEXTO E ANÁLISES .....                                                                        | 57         |
| 2.3.1 Contexto da Educação Indígena Kokama no Peru e no Brasil.....                                                                     | 57         |
| 2.3.2 Descrição das Escolas Indígenas Kokama em Manaus .....                                                                            | 68         |
| <b>CAPÍTULO 3: DINÂMICA ÉTNICA E A QUESTÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA....</b>                                                                  | <b>82</b>  |
| 3.1 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E ESTRATÉGIAS ÉTNICAS .....                                                                                  | 82         |
| 3.1.1 Políticas Linguísticas .....                                                                                                      | 82         |
| 3.1.2 Estratégia Étnica Kokama .....                                                                                                    | 87         |
| 3.2 A INSERÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA ENTRE OS KOKAMA DE MANAUS ....                                                                       | 96         |
| 3.3 ENSINO, APRENDIZAGEM E SIGNIFICADO DO ESPANHOL NA VIDA DOS INDÍGENAS KOKAMA.....                                                    | 99         |
| 3.3.1 Atividades de Aula em Espanhol Feitas com os Indígenas Kokama do Grande Vitória.....                                              | 102        |
| 3.3.2 Descrição das Categorias de Análise .....                                                                                         | 118        |
| 3.3.3. Resultados e Discussão.....                                                                                                      | 127        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                        | <b>131</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                                                                                  | <b>135</b> |

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                                    |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>FIGURA 1:</b> LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO POVO KOKAMA NA CIDADE DE Nauta.....                     | 26  |
| <b>FIGURA 2:</b> CADERNO KUATIRAKA.....                                                            | 66  |
| <b>FIGURA 3:</b> LIVRO JAWATI TININ .....                                                          | 67  |
| <b>FIGURA 4:</b> I ENCONTRO DE ANCIÃOS DE EDUCAÇÃO INDÍGENA .....                                  | 92  |
| <b>FIGURA 5:</b> MOSTRA DA XII OFICINA DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA KOKAMA .....             | 94  |
| <b>FIGURA 6:</b> I CONFERÊNCIA E ASSEMBLEIA DE LÍNGUA KOKAMA: SABERES ANCESTRAIS E CULTURAIS ..... | 95  |
| <b>FIGURA 7:</b> ATIVIDADE DE ESCRITA DA ROTINA .....                                              | 106 |
| <b>FIGURA 8:</b> ELABORAÇÃO DA ÁRVORE GENEALÓGICA .....                                            | 113 |

## LISTA DE FOTOS

|                                                                                                                                                                                              |     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Foto 1:</b> 1ª REUNIÃO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA DE 2019 .....                                                                                                                         | 56  |
| <b>Foto 2:</b> AS PRINCIPAIS REPRESENTANTES INDÍGENAS KOKAMA E OUTROS REPRESENTANTES INSTITUCIONAIS NA INAUGURAÇÃO DO “CENTRO DE CIÊNCIAS E SABERES TRADICIONAIS KOKAMA ANTÔNIO SAMIAS ..... | 63  |
| <b>Foto 3:</b> COMPOSIÇÃO DA MESA NA INAUGURAÇÃO DE “CENTRO CULTURAL DE CIÊNCIAS E SABERES ESPAÇO CULTURAL INDÍGENA KOKAMA YATS+ +K+RA” .....                                                | 64  |
| <b>Foto 4:</b> CACIQUES FRANCISCO MARICAUA E EDNAY PANDURO .....                                                                                                                             | 69  |
| <b>Foto 5:</b> FRETE DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INDÍGENA TSETSU KAMUTUN .....                                                                                                           | 69  |
| <b>Foto 6:</b> SALA DE AULA DO CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INDÍGENA TSETSU KAMUTUN .....                                                                                                    | 70  |
| <b>Foto 7:</b> ENTREVISTA COM MULHERES KOKAMA .....                                                                                                                                          | 72  |
| <b>Foto 8:</b> ESTUDANTE DO ENEM FRANCILENE MORAIS PANDURO .....                                                                                                                             | 72  |
| <b>Foto 9:</b> LADEIRA FINAL DA RUA PEDRO GORDÃO .....                                                                                                                                       | 74  |
| <b>Foto 10:</b> VISTA DA COMUNIDADE KUARARA .....                                                                                                                                            | 74  |
| <b>Foto 11:</b> ANCIÃ DA ESCOLA INDÍGENA KOKAMA UKUKURIA .....                                                                                                                               | 75  |
| <b>Foto 12:</b> ESCOLA INDÍGENA KOKAMA UKUKURIA .....                                                                                                                                        | 76  |
| <b>Foto 13:</b> SALA DE AULA DA ESCOLA URUKURIA.....                                                                                                                                         | 76  |
| <b>Foto 14:</b> ENTRADA DA COMUNIDADE INDÍGENA KOKAMA NOVA ESPERANÇA.....                                                                                                                    | 77  |
| <b>Foto 15:</b> COMUNIDADE INDÍGENA NOVA ESPERANÇA.....                                                                                                                                      | 77  |
| <b>Foto 16:</b> CACIQUE MARIA DO PERPETUO SOCORRO .....                                                                                                                                      | 78  |
| <b>Foto 17:</b> ESCOLA INDÍGENA ATAWANA KUARACHI KOKAMA .....                                                                                                                                | 79  |
| <b>Foto 18:</b> SALA DE AULA DA ESCOLA INDÍGENA.....                                                                                                                                         | 79  |
| <b>Foto 19:</b> PROFESSORA JARDELIN NA ESCOLA INDÍGENA .....                                                                                                                                 | 80  |
| <b>Foto 20:</b> MALOCA DA ESCOLA INDÍGENA .....                                                                                                                                              | 81  |
| <b>Foto 21:</b> RITAMAKA UKA NUAN .....                                                                                                                                                      | 81  |
| <b>Foto 22:</b> PALESTRA DE REABILITAÇÃO DA LÍNGUA KOKAMA .....                                                                                                                              | 92  |
| <b>Foto 23:</b> GRUPO MUSICAL KOKAMA WARUNA: À DIREITA COM O MICROFONE, EDNAY KOKAMA CANTANDO.....                                                                                           | 93  |
| <b>Foto 24:</b> CONVITE DA I ASSEMBLEIA GERAL DOS MOVIMENTOS DO POVO KOKAMA .....                                                                                                            | 96  |
| <b>Foto 25:</b> CARTÃO DE DIA DAS MÃES KOKAMA E EM ESPANHOL .....                                                                                                                            | 109 |
| <b>Foto 26:</b> ATIVIDADE ESCRITA SOBRE A IMPORTÂNCIA DE APRENDER ESPANHOL.....                                                                                                              | 111 |

## LISTA DE TABELAS

|                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------|-----|
| <b>TABELA 1:</b> NÚMERO DE HABITANTES KOKAMA EM LETICIA ..... | 24  |
| <b>TABELA 2:</b> HABITANTES KOKAMA EM NAUTA, LORETO. ....     | 25  |
| <b>TABELA 3:</b> PLANO DE AULA 01 - CONTEÚDO.....             | 103 |
| <b>TABELA 4:</b> PLANO DE AULA 01 - ITENS .....               | 103 |
| <b>TABELA 5:</b> PLANO DE AULA 02 - CONTEÚDO.....             | 104 |
| <b>TABELA 6:</b> PLANO DE AULA 02 – ITENS .....               | 105 |
| <b>TABELA 7:</b> PLANO DE AULA 03 - CONTEÚDO.....             | 107 |
| <b>TABELA 8:</b> PLANO DE AULA 03 - ITENS .....               | 107 |
| <b>TABELA 9:</b> PLANO DE AULA 04 - CONTEÚDO.....             | 108 |
| <b>TABELA 10:</b> PLANO DE AULA 04 - ITENS .....              | 109 |
| <b>TABELA 11:</b> PLANO DE AULA 05 - CONTEÚDO.....            | 110 |
| <b>TABELA 12:</b> PLANO DE AULA 05 - ITENS .....              | 111 |
| <b>TABELA 13:</b> PLANO DE AULA 06 - CONTEÚDO.....            | 112 |
| <b>TABELA 14:</b> PLANO DE AULA 06 - ITENS .....              | 112 |
| <b>TABELA 15:</b> PLANO DE AULA 07 - CONTEÚDO.....            | 114 |
| <b>TABELA 16:</b> PLANO DE AULA 07 - ITENS .....              | 114 |
| <b>TABELA 17:</b> PLANO DE AULA 08 - CONTEÚDO.....            | 116 |
| <b>TABELA 18:</b> PLANO DE AULA 08 - ITENS .....              | 116 |

## LISTA DE SIGLAS

**ACIK:** Associação das Comunidades Indígenas Kokamas do São Paulo de Olivença

**ADE:** Avaliação dos Desempenhos dos Estudantes

**AIDSEP:** Associação Interétnica de Desenvolvimento da Selva Peruana.

**AKIM:** Associação dos Índios Kokamas Residentes no Município de Manaus

**ARE:** Avaliação do Rendimento Escolar

**CEEI:** Conselho Estadual de Educação Escolar Indígena

**CELP-BRAS:** Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

**CIKOM:** Coordenação Indígena Kokama de Manaus

**CIME:** Conselho Indígena Missionário.

**CLA:** Centro de Linguística Aplicada.

**CME:** Conselho Municipal de Educação

**CNPq:** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

**CONSUNI:** Conselho Universitário da Universidade Federal do Amazonas

**COPIME:** Coordenação de Povos Indígenas de Manaus e entorno

**DDPM:** Divisão do Desenvolvimento Profissional do Magistério.

**FEI:** Fundação Estadual do Índio.

**FORMABIAP:** Programa de Formação de Professores Bilíngues da Amazônia Peruana.

**FUNAI:** Fundação Nacional do Índio

**GEEI:** Gerência de Educação Escolar Indígena

**IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**ISA:** Instituto Socioambiental

**ISP:** Instituto Pedagógico Superior.

**LDBEN:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

**MAST:** Museu de Astronomia e Ciências Afins

**MCER:** Marco Europeu Comum de Referência

**MCTI:** Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovações.

**MEC:** Ministério de Educação

**MERCOSUL:** Tratado Comum do Sul

**MUSA:** Museu da Amazônia

**NEEI:** Núcleo de Educação Escolar Indígena.

**OGCCIPC:** Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama

**OIT:** Organização Internacional do Trabalho  
**ONG:** Organização não Governamental  
**PME:** Plano Municipal de Educação  
**PNCSA:** Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.  
**PNE:** Plano Nacional de Educação Escolar  
**PPGAS:** Pós Graduação em Antropologia Social  
**PPP:** Projeto Politico Pedagógico  
**RCNEI:** Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas  
**RMM:** Região Metropolitana de Manaus  
**SBPC:** Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência  
**SECIS:** Secretaria de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência.  
**SEMED:** Secretária Municipal de Educação.  
**SESAI:** Secretaria Especial de Saúde Indígena  
**SIE:** Saberes Indígenas na Escola  
**SIL:** Summer Institute of Linguistic.  
**SPI:** Serviço de Proteção ao Índio  
**SUFRAMA:** Superintendência da Zona Franca de Manaus  
**TEE:** Território Étnoeducacionais.  
**UEA:** Universidade do Estado de Amazonas  
**UEMA:** Universidade Estadual do Maranhão  
**UFAM:** Universidade Federal do Amazonas  
**UNAP:** Universidade Nacional da Amazônia Peruana  
**UNESCO:** Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.  
**UNICEF:** Fundo das Nações Unidas para a Infância  
**UNINORTE:** Centro Universitário do Norte

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação consiste em um estudo político e sociolinguístico, no âmbito educacional da comunidade indígena Kokama, no bairro Grande Vitória na cidade de Manaus. Historicamente, o povo indígena Kokama tem sido um dos mais expandidos na região Amazônica desde o século XVI. Além disso, estavam em pleno crescimento populacional na Amazônia peruana. Esta mobilização, ao longo dos séculos expressará simbolicamente um estado de relações sociais caracterizada pela exploração e por um forte controle social da sociedade mestiça branca sobre as sociedades indígenas (AGUERO, 1994, p. 13).

Dessa forma, para que pudesse compreender os aspectos políticos e sociolinguístico no âmbito educacional da comunidade indígena Kokama, tivemos que compreender qual é a relação entre os Kokama e o Estado. Para tanto, três perguntas foram necessárias para entendermos os conceitos e teorias que norteiam a dissertação em geral, a saber: O que entendemos como Sociopolítico e por campo Político? O que entendemos por relação interétnica? E, o que entendemos por educação indígena?

Desse modo, por se tratar de um trabalho na área de antropologia, partimos do pressuposto de que a relação entre antropologia e política existe desde os primórdios, ou seja, o estudo de sociedades e relações sociais é estreitamente ligada à temática das relações de poder. Nesse sentido, o contexto histórico dos Kokama com o contato Estado Luso-espanhol está inteiramente relacionado com essa questão sociopolítica, pois como iremos observar no decorrer deste trabalho os Kokama tiveram que reconfigurar e conservar sua cultura no decorrer dos anos.

Além disso, entendemos por relação interétnica a relação de trocas feitas entre diferentes etnias e culturas. Para tanto, por decorrência do contato entre os missionários e os Kokama, notamos que as trocas ocasionadas foram realizadas entre ambos pelos religiosos e pelos os Kokama.

E, por fim, entendemos por educação indígena a educação voltada para os povos indígenas, respeitando suas especificidades culturais e procurando preservar suas culturas tradicionais. Desse modo, observamos que os Kokama possuem centros culturais indígenas Kokama em Manaus, que trabalha como escola e busca proporcionar uma educação voltada para esse povo indígena e sua cultura específica.

Ademais, buscamos analisar o trabalho pela Antropologia Interpretativa, conforme Geertz (2008) diz que fazer etnografia era como tentar ler um manuscrito, ou seja, desenredar

as várias camadas ou “teias” de significados produzidos pelos participantes de um ritual. Nesse sentido, o idioma espanhol falado pelos Kokama em Manaus, não se diferencia do espanhol falado no Peru. O espanhol para os Kokama é vital para fortalecimento da sua língua nativa, pois existe uma mistura de frases e palavras inseridas na língua deles, que somente eles entendem. Desse modo, somente quem faz parte dessa cultura é que sabe o que eles dizem (ERICKSON, 2015, p. 183).

### **A MINHA INSERÇÃO NO UNIVERSO KOKAMA**

Eu como indígena e formada em Ciências Humanas: Licenciatura em educação com especialização em língua espanhol, etc venho, por meio desta, a desenvolver meu objetivo profissional como educadora, pesquisadora com a obtenção de conhecimentos visando contribuir com o meio acadêmico e a sociedade em geral. A minha relação com esta dissertação é melhorar meus conhecimentos sobre o estudo do homem e da humanidade na língua pois é uma ferramenta básica em sua totalidade. Atualmente participo do desenvolvimento de um projeto artístico denominado “Mingas Culturais” na minha comunidade nativa Yahua “Nova Vida” que fica no rio Momón, Distrito de Punchana - Provincia Maynas - Dpto. Loreto. Iquitos - Peru.

A antropologia nos leva a conhecer melhor o estudo das línguas e suas diferentes necessidades de comunicação; expressão e interpretação que leva as pessoas a ser mais responsável por estudar a homem; suas necessidades de agir; suas interações com a sociedade.

No ano 2000 a Escola Superior de Belas Artes realizava as mingas culturais (mutirões) juntamente com a Universidade da Amazônia Peruana (UNAP), Escola de Música, dentre outras instituições fazendo parte dessas ações, tive a feliz oportunidade de visitar muitas comunidades indígenas do rio Amazonas, entre elas a comunidade Kokama de Santo Tomás, Requena, Cabo Lopes, da cidade de Nauta. Lá me identifiquei junto a outros colegas e amigos como o professor Roger Murayari Kokama, com o músico Roberto Tananta Ahuanari e com o atual prefeito de cidade de Nauta que é o Kokama Lorenzo Chimboras.

Após minha chegada a cidade de Manaus estabeleci muitas amizades, dentre elas com o físico e pesquisador Ênio Candotti, o qual me convidou para reuniões realizadas todas as quintas-feiras no Museu da Amazônia (MUSA). Neste ambiente conheci indígenas que moravam em vários bairros da cidade, entre estes a minha amiga Perpétua, liderança kokama pertencente ao grupo da Coordenação Estadual de Povos Indígenas da Amazônia (COPIME), a

qual me convidou para conhecer o bairro Parque das Tribos. Nestas reuniões também conheci o cacique e professor da língua kokama do bairro Grande Vitória, o senhor Francisco Maricaua, e fui convidada por ele a conhecer a escola Tsetu Kamutun. Na escola Kokama, me deparei com livros didáticos que guardam muita relação com os livros utilizados na cidade de Nauta-Peru. A partir disso, decidi contribuir com o ensino da língua espanhola e a valorização da língua Kokama.

No ano de 2010 foi quando decidi estudar mais a fundo a língua portuguesa no programa CELPE- BRAS com a professora Edith Correia Santos, me deparei com o Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (PPGAS), o qual me chamou muito a atenção já que tinha como objetivo o estudo de vários povos indígenas, o ser humano como um todo e suas problemáticas gerais e específicas. A partir disso, decidi estudar antropologia para refletir minha experiência com os indígenas kokama da Amazônia Peruana e os Kokama da comunidade indígena do Grande Vitória.

Atualmente, os Kokama em maior expressão estão estabelecidos em zonas urbanas. Duas cidades se destacam: Nauta no Peru e em São Paulo de Olivença no Brasil. Todavia, a forte presença dos Kokama em Manaus me chamou à atenção. E, a partir do bairro Grande Vitória, passei a querer compreender a dinâmica educacional dos Kokama e a sua relação com a língua espanhola.

Oficialmente o nome do bairro é Gilberto Mestrinho, situado nos limites do extremo leste da cidade, zona leste de Manaus. Em companhia do cacique Francisco Maricaua visitei a comunidade. De imediato me chamou a atenção as suas narrativas sobre a sua etnia, a questão da língua kokama e a língua espanhola; as crenças e os aspectos da cultura Kokama. Esse diálogo veio a consolidar meu interesse de pesquisa na comunidade do referido cacique.

A minha inserção ao universo Kokama e principalmente o diálogo com os indígenas me conduziram a definir o tema para a dissertação “O Ensino e o aprendizado da língua espanhola e a territorialidade Kokama”. Na condição de pesquisadora e professora de língua espanhola, foi o que me aproximou e despertou em querer conhecer e compreender a relação dos kokama residentes em Manaus por essa língua. Desse meu interesse veio os questionamentos: Qual é a relação entre o ensino e o aprendizado da língua espanhola e a territorialidade indígena Kokama? Por que o ensino da língua espanhola para os Kokama residentes no bairro Grande Vitória?

Atualmente os Kokama estão em cidades do Brasil, Peru e Colômbia. Nesses países lutam por políticas públicas e reconhecimento étnico, principalmente, as famílias kokama que

residem nas cidades. Em Manaus a maioria das pessoas da comunidade indígena da Grande Vitória vieram dos municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Fonte Boa, Jutai, Benjamim Constant, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tocantins. Essas cidades são referências para os Kokama que estão em Manaus. Assim, a capital amazonense passou a ser juntamente com as do Peru e da Colômbia, o lugar de referência para a maioria dos Kokama. Manaus nesse contexto passa a ser o lugar da pesquisa, o lugar da língua espanhola para os kokama.

Defini como objetivo geral compreender a relação entre o ensino e a aprendizagem da língua espanhola e a territorialidade indígena Kokama. Ao mesmo tempo, como objetivos específicos analisei o processo de ensino da língua espanhola na comunidade indígena do bairro Grande Vitória. Por fim, investiguei os desafios do ensino e da aprendizagem da língua espanhola como parte do conhecimento sociocultural dos kokama residentes no referido bairro.

A hipótese desta pesquisa assenta-se na perspectiva que os indígenas kokama buscam através da língua espanhola justificar seus vínculos étnicos e culturais com os Kokama da tripla fronteira e do Peru.

No campo teórico-metodológico trata-se de um trabalho interpretativo, ou seja, considere às ações, discursos, símbolos, ambientes, instituições e a compreensão do fenômeno, para responder nossa indagação e atender os objetivos.

Compreender a partir desse paradigma a questão dos indígenas Kokama no seu interesse de aprender o espanhol, em suas mais diversas particularidades. Permitiu analisar como o idioma espanhol influi na questão étnica e cultural, com maior densidade na sua língua indígena.

Para consolidar a pesquisa, coloquei em perspectiva o conceito de território “[...] a base territorial fixa, se constitui em um ponto chave para a apreensão das mudanças que afeta profundamente o funcionamento das suas instituições e a significação de suas manifestações culturais”. Nesse sentido, a criação de território reconfigura uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora; a constituição de mecanismos políticos especializados e sobre todo a reelaboração da cultura e da relação com o passado, e ao estabelecer conexão com outras unidades restabelece, formata e define a territorialidade (OLIVEIRA, 1993).

Além dos conceitos citados e a partir do levantamento e sistematização bibliográfica, adentrei a questão relacionada ao Estado e a Política Pública no campo da Educação. Fazendo levantamento e sistematização bibliográfica sobre o povo indígena Kokama; Adentrei ao universo Kokama recorrendo às pesquisas trabalhos de: Agüero, 1994, sobre o mito e a utopia

Kokama; Ramos em seu trabalho abrangem a identificação e a delimitação da terra indígena São Domingos do Jacapari e Estação; No processo de coletas de dados realizei entrevistas, conversei intensamente com indígenas Kokama da comunidade de Grande Vitória, mapeei os territórios Kokamas, realizei trabalho de campo atual e intensamente no bairro Grande Vitória e coletei dados mediante a observação participante e na oportunidade ministrei aulas de espanhol aos jovens e aos adultos da comunidade. Nesse lugar realizei ainda entrevistas com pessoas da faixa etária entre 15 a 58 anos, em um total de 10 pessoas, com o objetivo de levantar dados sobre o interesse em aprender uma nova língua. Estas aulas foram ministradas todas as segundas-feiras.

Esta dissertação conta com três capítulos. O primeiro capítulo abrange a questão do contexto histórico e o campo linguístico, considerando as primeiras décadas da colonização e como são mencionados os Kokama. Além disso, abordarei a relação interétnica dos Kokama no Peru e no Brasil, e em destaque o processo de contato nas margens do rio Amazonas no lado peruano e na região do alto rio Solimões do lado brasileiro. Desse tópico optei em demonstrar que os Kokama foram forçados aos processos de brasileirização e peruanização, promovidos pelas políticas desses Estados nacionais com base em ideologias nacionalistas, e assim, submetidos a falar espanhol e português.

No segundo capítulo será enfatizada a questão dos Kokama e a educação indígena em Manaus. No primeiro momento tratarei da ação do Estado brasileiro a partir da Constituição de 1988, a qual possibilitou novas relações entre o Estado, sociedade civil e os povos indígenas. Depois fiz uma breve síntese sobre o Plano Municipal de Educação Indígena de Manaus (2015 - 2025) e os processos de educação escolar indígena. Destaquei os avanços nas últimas décadas, como foram assegurados os índios o reconhecimento de sua diversidade cultural, de sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Abordarei também a Educação Escolar Indígena Kokama em Manaus.

Por fim, no terceiro capítulo abordarei as políticas linguísticas, sua conquista de espaço no âmbito dos estudos linguísticos na América Latina. Em relação à língua espanhola apresentarei as dinâmicas do ensino da língua espanhola com o objetivo de fortalecê-la e promover seus centros educativos na cidade. Abordarei a questão da inserção da língua espanhola entre os Kokama de Manaus.

## **CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DO POVO KOKAMA: UMA SÍNTESE**

O povo Kokama mesmo submetido as desigualdades estruturais redesenham novas fronteiras políticas ao manter-se firmes e persistentes na afirmação e reafirmação étnica. Neste capítulo, apresentamos uma síntese do processo histórico, linguístico, político e educacional dos Kokama.

### **1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO E O CAMPO LINGUÍSTICO**

#### **1.1.1 O Contexto Histórico**

O contato dos Kokama com o Estado Luso-espanhol remonta as primeiras décadas de colonização. O deslocamento forçado e induzido de indígenas para as missões jesuíticas, e, posteriormente para as frentes de expansão econômicas, criaram um contexto tão adverso para a reprodução física e cultural que os levou a “negação” da identidade indígena por muitas décadas.

As primeiras menções sobre os Kokama são fornecidas pelos exploradores e missionários nos séculos XVI e XVII. Os relatos indicam e situam os principais assentamentos indígenas no médio e baixo rio Ucayali, afluente meridional do Amazonas peruano.

Sobre os Kokama Rosa Vallejos (2016) destaca que os Kokama chegaram ao Peru como parte de uma migração histórica dos Tupis, realizada cerca de 200 ou 300 anos antes da conquista dos espanhóis, e é passivo que os indígenas de tradição Tupi sejam povos de mobilidade, ou seja, um povo que cria e recria suas territorialidades. Conforme Stock (1981) afirma que eles atravessaram o rio Branco e partiram para as várzeas do baixo Ucayali, onde se estabeleceram motivados pela abundância de recursos, formando assim o “Grande Kokama<sup>1</sup>”. Desse modo, segundo o autor, os Kokama se expandiram para as planícies de outros rios de inundação (STOCKS, 1981, apud VALLEJOS, 2016).

Os termos Kukama e Kukamiria correspondem ao que podemos encontrar na literatura linguística e etnográfica como Cocama / Kokama e Cocamilla / Kokamilla, que são povos de tradição tupi. São dois povos e não um só, o segundo ocupa a região do rio Huallaga. Estes são denominações utilizadas para nominá-los no Peru, Brasil e Colômbia. Para todo efeito iremos nos valer da denominação Kokama, mais comumente usada no Brasil. No entanto, sem querer com

---

<sup>1</sup> Comunidade formada por indígenas Kokama

isso criar uma dicotomia étnica. Vale destacar que os termos são produtos da reflexão dos indígenas do Programa de Formação de Professores Bilíngues da Amazônia (FORMABIAP), o que demonstra a capacidade e a articulação dos Kokama em se reconfigurarem como uma única etnia frente aos Estados Nacionais.

De acordo com Catherine Ales (1981), no início do século XVI, Juan de Salinas Loyola, em 1557, organizou uma expedição para a Amazônia. Salinas documentou sua expedição com o objetivo de reivindicar a jurisdição sobre as terras descobertas. Foi por meio de registros de conquistadores como o de Salinas que o mundo europeu descobriu os povos indígenas que habitavam as margens do rio Ucayali. Salinas junto com 54 homens chegaram de pequenas canoas pelos rios Marañón e Ucayali até as terras dos Kokama (ALES 1981).

Nesse sentido, ao entrar no território, Salinas ficou impressionado com a cultura material dos Kokama. Além disso, o autor descreveu como “pessoas de muita educação”. Em seus registros a descrição de peças de vestuário de algodão muito fino, pinturas elegantes e plumagens. Destacou também os ornamentos de ouro e prata com abundância, de alimentos e recursos cerâmicos referidos como “a mais bela e fina que há no mundo”. Reportou que os caciques eram muito respeitados e que a língua era muito diferente das que ele havia contatado anteriormente, mas que ainda assim conseguiu se comunicar com a ajuda de intérpretes (ALES, 1981).

Conforme Luciana Ramos (2003) descreve uma expedição de Ursua e Aguirre ao Amazonas (1560-1561) na busca à cidade de ouro dos indígenas, *El Dorado*. O autor comenta o encontro desses aventureiros com os Kokama na foz do Ucayali, posteriormente, nas regiões próximas ao alto rio Amazonas e incluindo o Marañón, baixo Huallaga e Ucayali o rio Napo, a conquista missionária já havia atingido (RAMOS, 2003).

Desse modo, Rivas (2000) relata que um grupo de Kokama desceu rio abaixo até Pevas e subiram ao Marañón e o Huallaga a montante para se estabelecer na localidade hoje conhecida como Laguna. Outros grupos, em torno de 600 pessoas, ficaram instalados na região do rio Marañón e Ucayali e formaram a vila de Kukamiria (RIVAS, 2000, apud VALLEJOS, 2016).

No século XVII, conforme Manuel Marzal (1999) as missões jesuítas na América Colonial formaram os aldeamentos indígenas. Estes foram organizados e administrados pelos jesuítas como parte de sua obra de cunho civilizador e evangelizador. O objetivo principal das missões foi o de criar uma sociedade luso-espanhola. Para atingir esse objetivo, os jesuítas desenvolveram técnicas de contato e atração dos índios, aprenderam suas línguas, desenvolveram uma econômica, implantaram um sistema comunitário aos moldes europeu,

criaram uma estrutura de educação em língua espanhola. Por seu turno, o sistema missioneiro ao introduzir o cristianismo não descartou por total os valores culturais dos próprios índios (MARZAL, 1999, p. 489-495).

Ricardo Quevedo (2012) também destaca que a história e a experiência missioneira podem ser entendidas a partir da presença significativa e definitiva das populações indígenas em trono das missões. Nesse sentido, essa experiência foi constituída a partir das alianças, negociações entre os grupos indígenas, os representantes do Estado luso-espanhol e os representantes dos jesuítas entre outros, cujo resultado foi à construção de formas e espaço de vivência, sobrevivência, encontros e desencontros. A experiência se expressou numa rede que envolvia as negociações como forma de superar os conflitos, garantindo o êxito socioeconômico, político, o bem estar social e as práticas culturais que mesclavam elementos das culturas indígenas com as hispânicas (QUEVEDO, 2012, p.25).

Em relação à descrição dos Kokama no Brasil Colonial, Luciana Ramos (2003) menciona que no território brasileiro uma frente missionária jesuítica estabeleceu-se na Amazônia de forma mais contundente através da atuação dos padres Samuel Fritz e Richler que deram início aos trabalhos de catequese junto aos Omágua, Assuare, Ibanoma, Xebeco e Kokama. A Missão de São Joaquim de Omágua, coordenada por Fritz, estabeleceu-se no Putamayo (Içá) e 27 outras foram fundadas. Por muito tempo os jesuítas detiveram uma posição privilegiada na formulação e execução de uma política indigenista nos territórios da América, assim como foram os principais responsáveis pela concentração dos diferentes grupos étnicos nos aldeamentos missionários (RAMOS, 2003).

No fim do século XVII e início do XVIII, de acordo com Catherine Ales (1981) os portugueses avançam rumo ao rio Amazonas, com o objetivo de recomeçar e delimitar o território.

Deste modo, na administração de Marquês de Pombal o uso das línguas indígenas no Brasil foi proibido, foram feitas concessões de terras, acelerou-se a usurpação dos territórios indígenas, estabeleceu-se o ensino para o indígena como parte das medidas governamentais visando torna-los súdito da Coroa. Assim a partir de agosto de 1758, o governo de Pombal obrigou o uso da língua portuguesa, apoiando-se no princípio que os conquistado deveriam falar a “língua do príncipe”, em análise tratava-se de uma medida em que se projetará a educação (ALMEIDA e RUBIM, 2012).

Com o declínio da política pombalina que durou entre 1750-1777, a educação indígena voltou a ser mantida por ordens religiosas, e posteriormente em conjunto com o Estado esse

fato em processo fez surgir uma geração de Kokama ouvintes (que apenas entendia a língua), e mais tarde por uma geração de lembradores (que apenas lembravam-se de conversas dos pais). Atualmente, a maioria dos Kokama são considerados aprendizes, pois não falam fluentemente a sua língua e sequer sem entender (ALMEIDA e RUBIM, 2012).

Inty Martinez (2012) menciona que na primeira metade do século XX os indígenas Kokama foram alfabetizados na língua quíchua, pelo Estado Peruano. E na segunda metade do século passado, o autor também destaca que o Estado peruano não optou em implantar uma educação intercultural. Apesar disso, o Estado peruano centralizou-se em ideias de progresso e começa a falar de uma educação indígena universal, como forma de integrá-las à sociedade (homogeneizar). No entanto, o termo “civilizar” começa a ser utilizado uma vez que se considerava que os povos indígenas e sua cultura eram um obstáculo, pois eles eram visto pelo Estado Peruano como não civilizados. Dessa forma, eles tentaram as seguintes opções: Exterminá-los, “civilizá-los, cristianização, (re) educa-los...” (MARTINEZ, 2012).

Nesse sentido, posso dizer que os indígenas Kokama foram alfabetizados em língua espanhola devido ao processo de políticas peruana. Além disso, no século XX intensifica-se a presença de indígenas kokama nas cidades como Nauta, Requena, Ramón castilla, Francisco de Orellana, parte da Amazônia Peruana (AGUERO, 1994).

Ao acessar a literatura sobre os Kokama, observamos o destaque de alguns atores à motivação para posterior deslocamento deles rumo ao Brasil. Dentre as várias motivações é citada o movimento messiânico conhecido como Irmandade da Santa Cruz. Este movimento foi responsável pelo deslocamento de várias famílias kokamas da cidade de Nauta no Peru e de diversas comunidades que habitavam as margens do rio Marañón (próximo à sua confluência com o Ucayali) até o interior da floresta. Chamavam aos outros de “irmãos” e passaram a formar novas comunidades, enquanto esperavam o iminente fim do mundo. Então empreenderam uma marcha até uma cidade santa no rio Juí, afluente do Içá (continuação do Putumayo) em território brasileiro (AGUERO, 1994).

Aguero (1994) menciona que o líder do movimento era um profeta brasileiro, provavelmente mestiço, conhecido como Francisco da Cruz. Ele visitou comunidades dos principais rios da Amazônia peruana (Ucayali, Amazonas, Marañón) e pregou sua doutrina sobre a última reforma do cristianismo e o fim do mundo. Contam que curava enfermos, ensinava técnicas agrícolas, plantava cruzeiros e fundava novas comunidades religiosas, assim como ditava as normas da vida para aqueles que seriam seus seguidores (AGUERO, 1994).

Com base no texto do mesmo autor, sabemos que seguido de uma multidão de adeptos, em sua maioria indígena, o irmão Francisco da Cruz chega então às cidades peruanas de Pucallpa, Nauta e Iquitos, onde procura contatar as autoridades civis e católicas com a intenção de ser reconhecido oficialmente como o último reformador do cristianismo. Finalmente, desce o rio Amazonas com a intenção de entrar na Colômbia, mas é detido na fronteira, acusado de ser “comunista” e é preso pelas autoridades brasileiras. Após alguns dias é libertado devido à pressão de seus seguidores. O irmão Francisco decide, então, subir novamente o rio Içá (Putumayo) e fundar ali, em um de seus afluentes, o Juí, sua residência definitiva e sede central do movimento (AGUERO, 1994).

Para tanto, é importante mencionar a movimentação dos indígenas Kokama das margens dos rios Amazonas da Amazônia Peruana para o Brasil. Esse deslocamento os levou ao processo de alfabetização em língua portuguesa através da irmandade de Santa Cruz.

Conhecendo mais sobre a vida dos Kokama posso destacar sobre a sua organização política e social. Nesse sentido, os chefes das aldeias dependem de caciques ou autoridades na sua comunidade. Tradicionalmente, os homens ocupavam-se da pesca, da caça, da fabricação de instrumentos como os arcos, anzóis, artesanatos, etc. As mulheres ocupavam-se da preparação da comida e bebida, algumas eram donas de casa ou empregadas domésticas, mas, também iam com os maridos, sobretudo no cultivo da roça e no transporte de frutos até a casa, com o artesanato e outras atividades momentâneas que se apresentem como trabalho, ou atividades culturais em prol deles mesmos para fortalecer e promover sua etnia. Características que até agora podemos observar nas comunidades indígenas Kokama (AGUERO, 1994).

Em relação à cultura material e imaterial, alguns aspectos do modo de ser Kokama são destacados, a saber: as vestimentas, o ajuri, tradição guerreira e a questão da morte. Essas referências culturais serviram para distingui-los dos demais povos.

Em relação à vestimenta, tradicionalmente os homens Kokama se vestiam com uma espécie de camisa que lhes chegava até os joelhos com desenhos geométricos de cor roxa, azul, amarela, entre outras. As mulheres usavam uma espécie de túnica de algodão amarrada à cintura e que as cobriam até o joelho, acompanhada de um xale sobre os ombros. Os Kokama usavam também enfeites de plumas, cinturões de algodão, pulseiras, braceletes e tornozeleiras. Tradicionalmente ainda faziam, e nos dias de hoje continuam fazendo, cestas cilíndricas com desenhos hexagonais e peneiras confeccionadas com folhas e cascas de árvore (AGUERO, 1994).

Os Kokama atualmente usam suas vestimentas para representar-se e identificar-se etnicamente frente à sociedade e nacionais. Outro aspecto cultural contemporâneo destacado por Agüero é o *ajuri*, o qual consiste no trabalho coletivo ou *mutirão* de diversos grupos familiares seguido de uma refeição conjunta, e o consumo de sua bebida tradicional, o *pajua*, feita a partir da fermentação da mandioca infalível em toda festa ou atividade étnica (AGÜERO, 1994).

Além disso, o mesmo autor ainda destaca que tradicionalmente a vida após a morte era concebida pelos Kokama, como um estado desprovido de limitações e sofrimentos em que se goza sem medida de todos os bens corporais, estes difíceis ou perigosos na vida na terra. Nessa outra vida reencontrarão seus parentes e poderão viver o ideal de comer, beber, cantar e dançar com as cabeças de seus inimigos.

Os Kokama são fundamentalmente pescadores (ressaltamos que o rio não é tão importante no desenvolvimento sócio-econômico); agricultores e artesãos. Praticam uma economia baseada na autossuficiência, produzindo apenas o necessário para o consumo imediato. A unidade produtiva é o grupo doméstico, que corresponde, na maioria das vezes, à família nuclear, composta por pai, mãe e filhos solteiros.

Entretanto, o grupo doméstico pode estar temporariamente composto pela família extensa ou parentela. A mandioca é o produto agrícola mais consumido e produzido. A farinha, além de ter importante papel na dieta diária, figura como um dos principais instrumentos de trocas internas e de comercialização. Além disso, os produtos que possuem valor de mercado são madeira, mel de *jandaíra* (tipo de abelha), castanha, banana, peixes, galinhas e porcos, além de frutas cultivadas ou coletadas. Outras fontes de renda são as aposentadorias que alguns idosos possuem os salários pagos pelos respectivos municípios aos professores e agentes de saúde indígenas e a parceria com regionais na criação de gado (RAMOS, 2003).

### 1.1.2 O Campo Linguístico

Luciana Ramos (2003) destaca que a língua Kokama foi classificada como parte da família Tupi. Esta família linguística é uma das mais importantes da América do Sul e engloba várias línguas indígenas, das quais a mais representativa atualmente é o guarani, que também é um dos idiomas oficiais do Paraguai. Grande parte dos indígenas que habitavam o litoral brasileiro em 1500 falavam línguas pertencentes a esta família.

Destaca ainda a autora que a expansão da língua tupi estaria ligada às várias incursões de grupos tupi do Brasil para regiões peruanas em tempos pré-contato. Supõe-se que seja uma

língua produto da interação de alguns grupos indígenas na região do alto Marañón, nas proximidades dos rios Huallaga, Napo e Ucayali. Além disso, a língua tupinambá é uma referência como fonte linguística para justificar a relação entre esta língua e os Kokama, tendo em vista que aproximadamente 60% do vocabulário da língua kokama estão em referência ao tupinambá. Por fim, observa Luciana Ramos que no Peru cerca de 2,5% da população Kokama se expressam em sua língua materna (RAMOS, 2003).

Por conta da semelhança entre as línguas Kokama e Omágua, muitos autores acreditavam que era o mesmo povo. Nesse sentido, na época das missões, por volta de 1681, os Tupí-Kokama viveram por muito tempo com os Omáguas, após se unirem a eles por causa de uma epidemia desencadeada na cidade missionária de La Laguna, no rio Huallaga. (VELASCO, 1789, apud AGUERO, 1994).

Oscar Agüero (1994) afirma que o Omágua é catalogado como tupinambá denominação geral que engloba uma ampla variedade de grupos tupis que levam seus próprios nomes de acordo com a região ou o lugar onde eles se estabelecem (AGUERO, 1994).

Conforme VALLEJOS (2016) a língua dos Kokama no Peru é uma língua com alto risco de extinção. Estima-se que atualmente apenas 5% da população de Kokama conheça sua língua e os falantes sejam majoritariamente idosos. Hoje, essa língua serve a propósitos comunicativos bastante restritos, e os processos naturais de transmissão da linguagem de geração em geração foram interrompidos (VALLEJOS, 2016, p.5).

No Brasil, segundo Almeida e Rubim são poucos os que possuem fluência e não há casos narrados de comunidades que usam o Kokama, ainda que como segunda língua. Além do tupi, a língua Kokama também contém elementos das línguas Aruak e Quéchua, ou seja, é uma língua resultante da mistura de várias outras (ALMEIDA; RUBIM, 2012).

Luciana Ramos com respeito a este ponto diz que atualmente, alguns Kokama conhecem palavras ou frases soltas e possuem as lembranças das avós que falavam a língua. Além disso, os Kokamas relatam que a perda da língua se processou em decorrência do preconceito muitas vezes sofrido por eles ao se expressarem na sua língua (RAMOS, 2003).

Com base no exposto acima, observamos que os Kokama em seus discursos e práticas carregam as marcas das diversas experiências e memórias interculturais com outros grupos étnicos e urbanos, mas isso não implica a eliminação dos Kokama como grupo étnico específico. Tendo como base minha relação com eles na comunidade Kokama Grande Vitória, percebi que eles trabalham o fortalecimento da cultura e instrumentalizam o ensino da língua como mecanismo de reestruturação de suas referências.

Para tanto, podemos fazer o seguinte questionamento sobre o aspecto do campo linguístico Kokama, a saber: Por que os Kokama precisam conhecer a língua espanhola (tendo em vista que os Kokama mais antigos são falantes do tupinambá e de pequenas frases das línguas aruak e quéchua)?

Em relação à língua espanhola, os Kokama do Grande Vitória a consideram como língua dos seus antepassados, e acrescentam que três coisas são fundamentais, a saber:

1. Comunicar-se (é como uma segunda língua, pois essa língua os ajuda no campo comercial e laboral já que alguns viajam nas fronteiras e são comerciantes de artesanato);
2. Conhecer-se a seus parentes do lado peruano; e
3. Procuram expressões e palavras em espanhol que tenham mais aproximação e conhecimento da língua Kokama para não esquecer sua origem, afirmam também que é como se a língua fosse sua árvore genealógica para repassar a seus filhos e netos a sua história Kokama.

## 1.2 O CAMPO POLÍTICO

Neste campo, realizei uma breve consideração do campo político a partir de considerações sobre terras e territórios Kokama no Brasil e no Peru. Além disso, destaquei a questão de como os Kokama foram forçados no processo de brasileirização e peruanização, promovidos pelas políticas desses Estados nacionais que estabeleceram divisões territoriais e identitárias com base em ideologias nacionalistas.

### 1.2.1 Terras e Territórios Kokama

Segundo o Instituto Socioambiental (2000), a terra indígena Igarapé Acapuri de Cima é um território que está situado especificamente à beira do rio Jutai, perto da cidade do mesmo nome, a cidade de Fonte Boa, do alto rio Solimões.

Nesse sentido, o Censo de 1998 da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) estimava a população Kokama em 101 pessoas ocupando a Terra Indígena Igarapé Acapuri de Cima. Conforme o Censo de 2001, já existiam 141 Kokama estáveis no mesmo território (BRASIL, 2019, p. 104).

Além disso, conforme ISA (2000) outra terra habitada por indígenas Kokama a ser considerada é o Satopal, situado no médio do rio Solimões entre as cidades de São Paulo de Olivença e Tabatinga, no estado brasileiro do Amazonas. Em 2003, levantamento feito pela

FUNAI indicavam 379 Kokama morando nessa terra, sete anos depois (2010) o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez outro Censo onde confirmou a existência de 427 indígenas Kokama residentes na região. No mais, no último Censo de 2011 realizado pela FUNAI, novamente confirmou a presença cada vez maior dos indígenas Kokama, com uma população chegando a 524 pessoas.

Na Colômbia, segundo site da Enciclopédia livre Islã de Ronda (2020) comenta que também há presença dos Kokama na terra Islã de Ronda, que é um islã fluvial no município de Letícia, especificamente em Porto Marinho, Departamento do Amazonas, no “resguardo” do mesmo nome e no baixo rio Putumayo em pequenos assentamentos. Nesse sentido, os Kokama compartilham o território com os Tikuna e com os Yaguas. Uma reduzida população mora nos “resguardos” das praias em San José do Rio, no município de Letícia, Departamento do Amazonas. A tabela 1 mostra a quantidade de habitantes Kokama em Letícia no ano de 2005

**Tabela 1:** Número de habitantes Kokama em Letícia

| <b>Departamento</b> | <b>Município</b> | <b>Povo Indígena</b> | <b>Homens</b> | <b>Mulheres</b> |
|---------------------|------------------|----------------------|---------------|-----------------|
| Amazonas            | Letícia          | Kokama               | 767           | 646             |

**Fonte:** Departamento Administrativo Nacional de Estatística (2005)

Segundo Richard Ricopa Kokama, representante do povo Kokama na Associação Interétnica de Desenvolvimento da Selva Peruana (AIDSESP), os Kokama preferem morar nas beiras dos rios porque o clima é quente e muito chuvoso, as chuvas ocorrem ao longo do ano e o clima seria classificado como “floresta tropical pré-montana”. Richard Ricopa afirma ainda que há uma relação entre as comunidades pelo rio, visto que, usando qualquer tipo de embarcação, pode-se ter acesso aos locais habitados pelos Kokama. Sua concepção dos fenômenos da natureza ainda permanece. Eles não consideram a subida dos rios como um fenômeno catastrófico ou prejudicial como ocorre na cidade. Como Richard Ricopa diz:

Para nós, o crescente é normal, é até um benefício sabemos que quando a crescente do rio será maior, a queda de uma árvore é o que nos avisa. Para crianças, é divertido e todo o transporte entre as casas é dado por canoas e isso não limita nossa rotina porque vivemos da pesca (COCAMA COCAMILLAS, 2006).

Além disso, o uso de canoas é outra das características que refletem como o modo de vida é influenciado pelo ecossistema em que vivem. Pois, da mesma forma pode-se observar que sua principal atividade econômica é a pesca, já que estão localizadas nas beiras dos rios.

Em tempos de inundação, a pesca é beneficiada e ainda mais a caça, porque eles sabem onde encontrar animais. Conforme Richard Ricopa diz:

[...] quando há uma enchente no rio, a caça é mais fácil, porque vamos à restinga<sup>2</sup> e lá encontramos uma variedade de animais e não precisamos procurá-los por toda a floresta. (COCAMA COCAMILLAS, 2006).

### 1.2.2 Terra Indígena Kokama no Peru

Segundo INEI (2016) existem Kokama situados ao largo das beiras do baixo rio Ucayali, Marañón e Huallaga no rio Napo em áreas fronteiras do Peru com o Amazonas (Brasil). A Tabela 2 apresentando o número de habitantes Kokama em Nauta, Loreto:

**Tabela 2:** Habitantes Kokama em Nauta, Loreto.

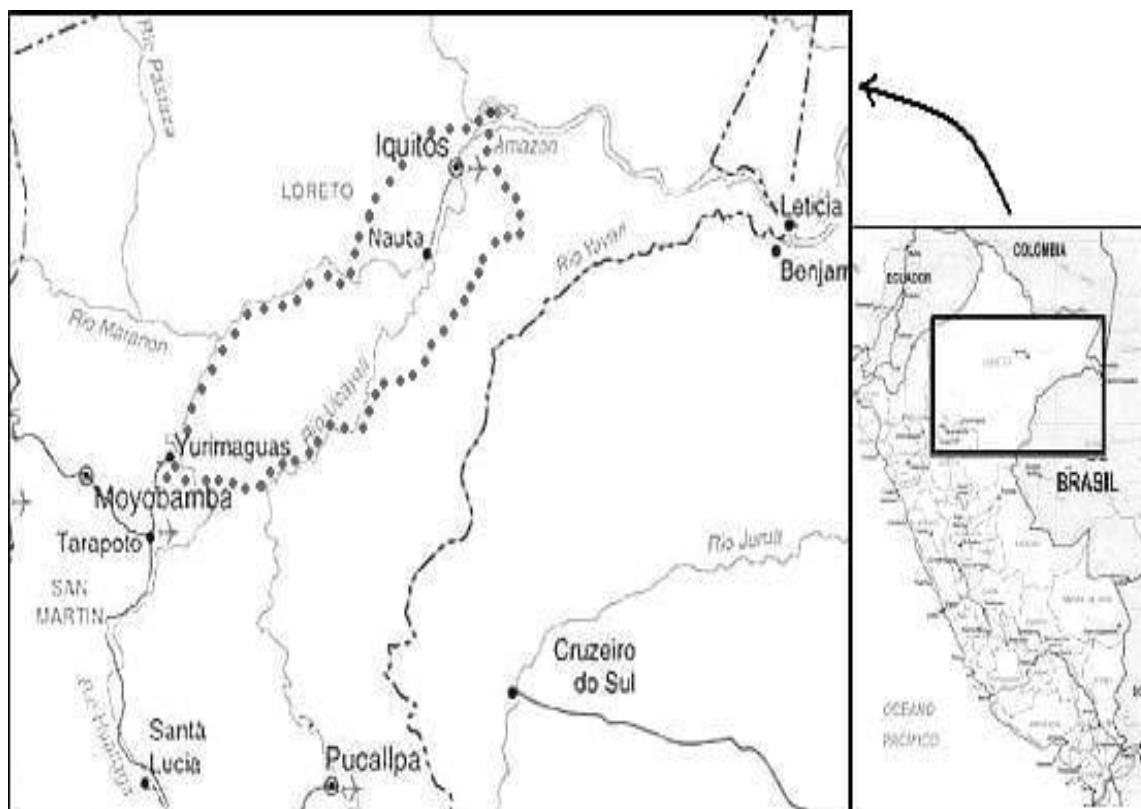
| DEPARTAMENTO | MUNICÍPIO | POVO INDIGENA | TOTAL RURAL |
|--------------|-----------|---------------|-------------|
| Loreto       | Maynas    | Kokama        | 363         |

**Fonte:** Instituto Nacional de Estatística e Informática (2016).

Conforme a Enciclopédia da cidade de Nauta, ela é uma cidade no Departamento de Loreto, província de Maynas, foi fundada em 30 de abril de 1830 pelo chefe Manuel Pacaya Irarica, líder de um grupo Kokama naquela época. Segundo a lenda, o nome desta cidade surge porque alguns homens de Pacaya encontraram uma tinaja na terra desta cidade. Na língua Kokama, tinaja é pronunciada “Mauta”, no entanto, os colonos mudaram este nome para a palavra latina “Nauta” que significa “marinheiro”, “navegador”. Na “Plaza Centenário de Nauta” há uma escultura que se refere a esses eventos. Além disso, a cidade conta com uma superfície de 6672,35 km, estando a aproximadamente 100 quilômetros de Iquitos, sua capital, no Departamento de Loreto, província de Maynas, nordeste do Peru. Segundo o INEI, a cidade encontra-se com uma população de 11.757 habitantes. A maior parte da população de Nauta é da etnia Kokama (ENCICLOPÉDIA DE LA CIUDAD DE NAUTA, 2019).

<sup>2</sup> Áreas inundadas sazonalmente (verão), localizadas na selva baixa.

**Figura 1:** Localização geográfica do povo Kokama na cidade de Nauta



Fonte: VALLEJOS et al., 2016.

Conforme a figura 1, os pontos pretos representam as comunidades indígenas Kokama que estão situadas nas partes mais baixas dos rios Huallaga, Marañón, Ucayali e Amazonas, nas províncias de Loreto, Requena, Ramón Castilla, Maynas e Alto Amazonas, na região de Loreto e em algumas comunidades na região de Ucayali, Peru. Atualmente, as comunidades Kokama da área de Huallaga e algumas das áreas de Marañón e Ucayali têm um título de propriedade. No entanto, aproximadamente 100 comunidades nas últimas áreas não alcançaram esse reconhecimento legal, pois o território em que sempre viveram foi declarado como área reservada, a Reserva Nacional Pacaya Samiria.

Nesse sentido, atualmente a pesca, a agricultura e a coleta de frutos silvestres são as atividades produtivas que garantem a subsistência dessa população. Os Kokama possuem uma série de conhecimentos e desenvolveram inúmeras técnicas que lhes permitem realizar suas atividades produtivas considerando seu próprio calendário agroecológico, uma vez que uma alta porcentagem dessas comunidades permanece inundada aproximadamente metade do ano.

### 1.2.3. Participação Política Educacional

Millones (2005) versando sobre política educacional menciona que para compreender melhor o que é política educacional faz-se necessário refletir sobre os dois termos que compõem o conceito. Nesse sentido, por política podemos compreender arte ou ciência de governar, já o termo educacional nos leva a adjetivar o que é relativo à educação. Política educacional é o nome dado a uma série de medidas planejadas e implementadas por um governo no campo da educação, intervindo nos processos formativos e informativos desenvolvidos em sociedade tendo como objetivo a melhoria da educação. Mediante a isto, quando falamos de políticas educacionais com relação às indígenas não podemos deixar de considerar que a educação indígena mudou de acordo com as necessidades da Região Amazônica. O autor Luís Millones (2005) também afirma:

“A população indígena da América Latina é de cerca de sessenta milhões de pessoas. Esta forma estendida de “ameríndios” parte de um amplo, desigual e multiforme espectro de realidades culturais. Embora seja verdade que populações nativas estejam presentes em todo o em todo o continente, grande parte dessas populações indígenas é espalhados principalmente em alguns países (México, Guatemala, Equador, Paraguai, Bolívia e Peru). Supõe-se então que em todos eles estipularam diretrizes convenientes e eficazes destinadas a configurar uma educação intercultural que satisfaça as peculiaridades de tais panorama multicultural heterogêneo.” (MILLONES, 2005, apud MARTINEZ, 2012, p. 15-6).

Conforme Martinez (2012) ao se referir à educação indígena no Peru em suas vertentes amazônicas, pode-se afirmar que é evidente a falta de responsabilidade e apoio na educação intercultural dada a ineficaz implementação de política pública de Estado, uma vez que sua aplicação não é consistente, nem prevaleceu como prioridade para diferentes governos. De qualquer forma, as realizações nesta área são bastante limitadas.

Como sabemos a partir da história, havia instituições eclesiais como a Igreja Católica que conseguiu chegar a meados do Século XX, a lugares onde o Estado peruano não chegou principalmente nos territórios inexplorados da selva. Nessas áreas de difícil acesso construíram os primeiros hospitais e algumas estradas, as quais conduzem a um tipo de educação que assimilou parcialmente a língua e cultura dos povos indígenas, também, criou-se a Educação Indígena, a Educação Artística e em 1952 é organizada a Campanha Rural de Alfabetização. Finalmente, em 1972 foi criada a primeira Política Nacional de Educação Bilíngue, na estrutura da Lei de Reforma da Educação nº 19.326 (MILLONES, 2005, apud MARTINEZ, 2012).

Deste modo, estabeleceram as bases para o “Princípio à pluralidade” como recurso pedagógico. Assim, houve um impacto na consolidação de um tipo de educação, e a partir de uma educação bilíngue compartilhava-se o conteúdo educacional em língua indígena e em espanhol nas comunidades indígenas no âmbito nacional.

Destacamos a afirmação de Rodrigo Montoya (1990):

“Não é até 1988 que a Direção Nacional de Educação Bilíngue é criada no Ministério da Educação, onde você pode falar sobre uma formalização da Educação Bilíngue pelo Estado.” (MONTOKYA,1990, apud MARTINEZ, 2012, p. 17).

Criaram-se então outros projetos e programas relevantes a Educação Indígena Bilíngue (EIB) realizado no contexto educacional peruano, sendo eles:

- o “Programa de Educação Experimental para Crianças que falam Quéchua”, do Plano de Desenvolvimento da Linguagem denominado Centro de Linguística Aplicada (CLA), da Universidade Nacional de San Marcos implementado em Quinoa, Ayacucho, entre 1966-1989; e

- o Instituto Pedagógico Superior (ISP) de Loreto patrocinou a Amazônia Central e Nordeste da Amazônia, o projeto denominado “Formação de Professores Bilíngues para a Amazônia Peruana” (FORMABIAP), que ocorreu entre 1988-2004.

Além disso, Carlos Contreras (1996) afirma que:

“No Peru tinha até os anos 1970 dois projetos educacionais: O primeiro intitulado civilista, que teve como objetivo a "Civilização do Índio", isso significa ensinar a eles o castellano / espanhol e o outro projeto era o "indigenista" que tinha como representantes de José Antônio Encinas, Luis E. Valcárcel e José Maria Arguedas; aqueles que fundaram uma concepção pedagógica de alfabetizar os indígenas em sua própria língua nativa e adaptar estratégias educacionais às características e necessidades da população rural.” (CONTRERAS, 1996, apud MARTINEZ, 2012, p. 19- 20-21).

A educação civilista conforme Martinez foi à educação estabelecida entre o Estado com a escola, ou seja, um único professor para lecionar várias matérias, a população indígena não tinha outro papel que adaptar-se, modernizar-se e, portanto, incorporar-se à vida Nacional, onde um professor deveria atender a uma centena de alunos indígenas Kokama que cursavam duas ou três séries diferentes no ensino do castellano ou espanhol. Muito deles precisavam caminhar várias horas ao dia para assistir as aulas, porque suas comunidades ficavam muito longe, então era mais uma questão de resistência física que de aproveitamento intelectual.

Na educação Indigenista do Estado peruano, o qual consistia em alfabetizar na própria língua indígena usando o meio mais funcional entre sinais e sons e para isso era necessário

adaptar as diferentes línguas a um alfabeto. Desta maneira, os índios aprenderiam a ler mais rápido e com maior eficácia, além disso, afirmariam sua personalidade cultural.

Pelo exposto, a educação indígena no Estado peruano foi superando e criando expectativas de se reivindicar no aspecto educativo, político, etc. Os indígenas Kokama foram criando meios educativos em sua própria língua e com professores indígenas afirmando sua diversidade cultural

No Brasil, conforme a constituição de 1988 a luta de lideranças e representações das comunidades indígenas brasileiras passou a se articular em assembleias, buscando soluções coletivas para problemas comuns, e a centralidade desses encontros de lideranças indígenas era pressionar a União e a sociedade para uma reestruturação na política indigenista do Estado, e por medidas asseguradoras aos povos indígenas do direito a uma educação escolar autêntica, fundada nas especificidades socioculturais de cada povo, somada à força do movimento das organizações em defesa da causa indígena, contribuíram para que se alcançassem as conquistas (BRASIL, 2016).

A educação é um direito social de todos os cidadãos brasileiros, assim como saúde, trabalho e moradia. Contudo, sabe-se que os cidadãos que vivem em localidades distantes dos centros urbanos têm dificuldade para acessar os centros de ensino, sobretudo, os indígenas.

Assim, a proposta da política educacional indígena no Brasil na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, no Artigo 78, onde estabelece “... o desenvolvimento de programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas”, encaminhe-se a uma perspectiva de melhora no âmbito da execução da educação indígena, pois ela já avançou em termos de conquista, na execução das normatizações no cotidiano.

Nesse sentido, as universidades incluíram nos cursos de licenciatura na área da educação a disciplina de interculturalidades indígenas, a fim de assegurar que os profissionais elaborem materiais e oferecem uma melhor educação aos indígenas. Somente assim os indígenas terão educação, formação adequada e sua cultura respeitada. Em virtude disso, o preconceito e a desigualdade social com os índios irão reduzir e será possível integrar a população e a educação indígena no âmbito brasileiro. Porém, ainda há muitos impasses dificultando a implementação de novas práticas escolares, como a falta de infraestrutura, professores, investimento real, etc.

Nesse contexto, quero destacar o relevante trabalho de Altaci Correia Rubim Kokama (2016), ela atualmente vem desenvolvendo projetos educativos com os professores Kokama em

parceria com o Ministério de Educação do Peru, especificamente na cidade de Nauta. Nas escolas indígenas da dita cidade, realizasse a criação de materiais didáticos com conteúdo da diversidade Kokama visando o fortalecimento da sua língua que se distribui nas escolas indígenas Kokama na cidade de Manaus. Sendo a cidade de Manaus referência para a recuperação da língua Kokama, pois na cidade, encontra-se a maior proporção de indígenas Kokama da Amazônia Peruana, através de atividades artísticas como pintura, teatro, cantos e em especial a música em Kokama e espanhol nos ritmos rap, hip hop (RUBIM, 2016).

Observo e reflito, o povo Kokama estão presentes na cidade de Manaus e nos municípios do Amazonas, a saber: São Paulo de Olivença, Juntaí, Santo Antônio de Iça, Tonantins e Fonte Boa. Além disso, observamos a superação social, política e educacional e em constante luta pela defesa de seus direitos educacionais, entre outros. Esta movimentação dos indígenas se destaca por ser uma experiência positiva, fornecendo mais e melhores oportunidades para o povo Kokama no campo da educação. A movimentação dos Kokama enfatizou também a importância de desenvolver políticas educacionais culturalmente específicas. Não basta que crianças indígenas frequentem a escola, é necessário que a escola seja cultural e simbolicamente significativa, que integre a diversidade em vez de reproduzir racismo e discriminação. Assim, eles poderão se adaptar e melhorar significativamente sua situação sem perder sua identidade cultural.

### 1.3 RELAÇÃO INTERÉTNICA ENTRE OS KOKAMA DO PERU E BRASIL E O KOKAMA NO CONTEXTO ATUAL

#### 1.3.1 Relação Interétnica Kokama do Peru e Brasil

A região do alto rio Amazonas/Solimões tem sido palco de contatos interétnicos entre povos indígenas que constantemente se estabelecem ou deslocam-se pela região, o que possibilita o estabelecimento de relações entre grupos de diferentes regiões da Amazônia.

Para compreender a atual conformação dessa relação Interétnica dos Kokama, sua diversidade étnica e cultural, é necessário entender a questão do contato, mais específico deles com o Rio Amazonas. No lado peruano é conhecido com o nome de rio Amazonas o mesmo que leva o nome de Solimões ao chegar à correnteza no território brasileiro, é meio de sustentação para as diversas populações indígenas, como os Kokama, que se estabelecem em suas margens e as principais rotas de comunicação nessa região tropical. Os rios são os principais cenários da história do povo Kokama.

Consideramos também a análise de que a relação interétnica dos Kokama do Peru e do Brasil está basicamente relacionada à diversidade étnica, cultural e linguística que resulta dos processos de contato interétnico que vêm se formando desde os tempos pré-coloniais, intensificados e mais complexos com a expansão tanto do lado peruano até as zonas urbanas, como a cidade de Nauta, e do lado brasileiro até a cidade de Manaus. Neste contexto, Peter Gow (2003) menciona que:

“O povo indígena Kokama é distribuído ao longo dos rios Marañón e Ucayali, no Amazonas do Peru até chegar às principais cidades urbanas como Nauta, onde a maioria da população mora e onde a população Kokama aproximada é de 10.000. No Brasil, Alto Solimões, eles ocupam aproximadamente catorze terras indígenas chegando até a capital Manaus segundo dados recentes da Fundação Nacional de Saúde (Funasa).” (GOW, 2003, p. 1-23).

Conforme Gow (2013), os povos indígenas Kokama foram distribuídos de diferentes maneiras: eles se encontraram no meio de um campo de batalha entre espanhóis e portugueses que disputavam, além do território, o direito de posse de grupos populacionais diversos, foram obrigados a seguir o estabelecimento de aldeias de missão, e outros foram objetos do tráfico de escravos para o Pará implementado pelos portugueses.

Podemos refletir que a partir da demarcação das fronteiras nacionais no século XX, os povos indígenas Kokama do lado peruano e brasileiro, foram forçados aos processos de brasileiração e peruanização, promovidos pelas políticas desses estados nacionais, que estabeleceram divisões territoriais e identitárias com base em ideologias nacionalistas tanto peruanas (falando espanhol) e brasileiras (falando português).

Ainda neste contexto, o povo Kokama está atualmente dividido, em termos de nacionalidade, Kokama no Brasil, Kokama no território Colombiano e Kokama no Peru. Os Kokama se mobilizaram politicamente nas últimas décadas na tentativa de se beneficiar de políticas públicas estatais por meio de seu reconhecimento étnico, reivindicando para isso sua diferença. Além disso, os Kokama usam as diferentes identidades nacionais para seu próprio benefício, de forma que eles coexistam com seu senso de identidade Kokama.

Para os Kokama peruanos o idioma espanhol é a língua comunicação geral. Nesse sentido, no Brasil a comunicação geral em espanhol não chegou rapidamente aos indígenas Kokama, pois houve uma grande movimentação deles ao Brasil e tiveram que interagir com a língua portuguesa, por mais que períodos passados eles morassem no território peruano.

No caso da fronteira Brasil-Peru considero também importante destacar a antropóloga Claudia López (2011), onde afirma que:

“Essas formas particulares de interseção de identidades étnicas e nacionais não se fundem, mas permanecem como formas de identidade diferenciadas que geralmente são usadas de acordo com as vantagens que eles podem representar para os diversos atores em contato, principalmente em situações de conflito. Hoje, os povos indígenas localizados nas regiões fronteiriças fazem uso das diversas identidades nacionais, na medida em que, por meio de estratégias de atribuição a certas nacionalidades, encontram oportunidades para acessar melhores condições socioeconômicas e políticas que garantam seu direito a terra à educação e à saúde e até ao reconhecimento político de seus direitos coletivos.” (LOPEZ, 2011, p. 174).

Com base na referência acima, as regiões fronteiriças são regiões de contato Interétnico nas quais os povos indígenas e os estados nacionais, com suas instituições e diversos setores sociais, geram práticas sociais e representações simbólicas em favor dos interesses da comunidade a que pertencem. Para a população indígena habitante da região do alto Amazonas/Solimões, os diferentes e complexos processos de formação e consolidação dos estados nacionais, Brasil e Peru significou não apenas o estabelecimento de divisões artificiais de seu território através de fronteiras internacionais, mas o início de novos processos socioculturais relacionados à implementação estratégica de práticas ideológicas nacionalistas como mecanismo para fortalecer o reconhecimento da nova ordem social representada no Estado-nação.

Os Kokama procuram, reflexivamente, "resgatar" e valorizar sua cultura tradicional como forma de conquistar a visibilidade étnica. Nesse processo, surgem conflitos e alianças com setores da sociedade não indígena da região e dentro do próprio movimento social Kokama, em virtude da competição por reconhecimento étnico e jurídico em termos associativos, direitos territoriais, bens culturais, patrimônio linguístico, saúde e educação diferenciadas, religiosidades, controle dos recursos naturais, entre outras demandas e projetos com escasso financiamento.

Os povos indígenas Kokama, por meio de suas organizações políticas, educacionais entre outro, buscam promover transformações sociais e políticas para o pleno reconhecimento de seus direitos culturais e coletivos nos estados nacionais em que estão inseridos. Nessa perspectiva, as aspirações políticas dos povos indígenas baseadas na defesa do território e a autonomia, como base para a autodeterminação dos povos, são geralmente considerados ameaças à soberania dos estados, o que impede o pleno reconhecimento de seus direitos nas políticas estatais.

No entanto, consideramos que além dos regimes legais e constitucionais, as práticas socioculturais cotidianas e as políticas de integração transfronteiriça das sociedades e povos

indígenas que habitam os espaços sociais das fronteiras são instrumentos que podem promover o surgimento de experiências de coexistência intercultural e Intersocietárias que contribuem para gerar processos históricos diferentes daqueles de dominação, discriminação e guerras geradas em nome do estabelecimento de estados nacionais.

Segundo o antropólogo José Trajano (2016), a cultura Kokama tanto pelo lado brasileiro quanto peruano é pensada, resgatada e inventada no meio das dinâmicas das relações sociais que mantêm: intra-étnica (as relações dos indígenas com o não indígena, processo de auto-inclusão) e inter-étnica (as relações entre povos indígenas entre si e entre membros de povos indígenas diferentes).

Com base no trabalho de Trajano (2016), em termos gerais, entendemos que a identidade étnica é constituída por um processo de contraste, mas fundamentalmente de confronto com o outro, razão pela qual não podem ser analisadas independentemente relações intra-étnicas e inter-étnicas, porque esses são os espaços de interação temporária em que a identidade é mantida, atualizada e renovada.

No mesmo contexto, considero também a linguística transfronteiriça da construção de um espaço que contemple e valorize a etnodiversidade (presença de diversas etnias e "raças" num mesmo país, ou mesmo território). Além disso, também está a fabricação de seus produtos de artesanato (também chamado de arte indígena, é a arte produzida pelos povos indígenas, são: arte com cerâmica, os enfeites para o corpo e o trançado são alguns dos artesanatos que mais se destacam na cultura indígena, sendo que, na maioria das vezes, os índios transformavam o material que vinha da terra, como sementes, barro, folhas, cipós, penas, plumas, couro, etc.) entre outros, para a venda que atravessam e interligam essas fronteiras geográficas entre estados e nações políticas, abrangendo uma região da Amazônia como Tabatinga, Brasil, Santa Rosa, Peru, passando por Letícia, Colômbia (RAMOS, 2003).

Então posso refletir que atualmente, existe uma relação interétnica dos Kokama do Brasil com do Peru, devido que observo a convivência de muitas comunidades indígenas Kokama na Amazônia brasileira começando nas suas fronteiras, onde eles estão interagindo falando o espanhol seja em Santa Rosa-Peru, em Letícia-Colômbia até chegar à cidade de Manaus-Brasil. Assim mesmo, de acordo com este contato interétnico, enriquece a dinâmica das relações políticas, culturais, educacionais dos indígenas Kokama diante a sociedade que permite ter uma melhor qualidade de vida.

### 1.3.2 Kokama no Contexto da Cidade

A presença de indígenas nas cidades tem sido um tema desenvolvido sob diferentes perspectivas tanto no Brasil como no Peru. Para os propósitos, este trabalho começou os estudos de maneira geral pelo Peru e, posteriormente, abordei as investigações realizadas no Brasil onde se destaca a grande trajetória dos Kokama.

O antropólogo Vega (2013), com o texto “Buscando el Rio”, desenvolveu um diagnóstico sobre as populações indígenas que vivem nas zonas urbanas, na cidade de Iquitos e a cidade de Nauta, ambos no Peru, à presença dos Kokama o autor menciona que:

“A presença dos povos indígenas da Amazônia nas zonas urbanas tornou-se visível na década de 1980, quando foram criadas as primeiras organizações indígenas nacionais com sede em à cidade de Lima a capital do Peru, entre as quais se destacam a Associação Inter étnica para o Desenvolvimento da Floresta Tropical Peruana (AIDSEP) e o Confederação das Nacionalidades Amazônicas do Peru (CONAP). Esses espaços permitiram que seus membros adquirissem visibilidade pública em zonas urbanas. Além disso, alguns optaram por ficar mais tempo na cidade, enquanto outros decidiram ficar e morar nela.” (VEGA 2013, p. 14-5).

Conforme o trabalho de Vega (2013) e das organizações indígenas no caso peruano, posso determinar três períodos de movimentação no caso dos indígenas Kokama amazônicos:

- Período de 1985 a 1995: caracterizado por uma massiva mobilidade étnica em diferentes lugares da Amazônia, especialmente na Selva Central. As principais causas são a violência política e a busca por melhores condições de vida;
- Período de 1996 a 2000: a mobilidade étnica foi causada pelo terrorismo<sup>3</sup>, além de outras relacionadas a novas oportunidades de trabalho e à necessidade de um ensino superior de melhor qualidade;
- Período de 2001 a 2011: caracterizado por motivos de estudo e a possibilidade de ingressar em universidades com melhores níveis acadêmicos em comparação com universidades de cidades intermediárias.

Segundo o autor a essas decisões tomadas pelos movimentos dos indígenas soma-se também a carga sociocultural produto das imagens e expectativas geradas por uma cidade como Iquitos, especificamente posso mencionar a cidade de Nauta que é alimentada pela intensificação das relações entre os povos indígenas Kokama e a sociedade nacional como parte do processo de globalização. Além disso, está incorporada às imagens que circulam pela mídia ou que chegam por meio de parentes e amigos que já viajaram para as cidades em menção e

---

<sup>3</sup> Grupo de pessoas que tem o modo de impor a vontade pelo uso sistemático do terror; de violência para fins políticos cujo objetivo é a desorganização da sociedade existente e a toma de poder.

retornaram às suas comunidades. Isso também produz curiosidade e fascínio por ela, que se torna uma cidade que você quer conhecer e conhecer em primeira mão as histórias que ouve e o que vê na televisão ou na internet (VEGA, 2013).

Mas o que eles estão enfrentando na cidade? Respostas a essa pergunta, como indica Vega, afirmam que:

“Ao chegar às cidades, ocorre o reflexo daquilo que são as relações históricas, marcadas pela exclusão e discriminação em relação aos povos indígenas da Amazônia. Esse problema favorecem a reprodução de novas condições de desigualdade, exclusão e pobreza refletidas no surgimento de assentamentos humanos e grupos habitacionais, todos habitados por migrantes indígenas.” (VEGA, 2013, p. 15).

Então os indígenas da Amazônia, como os Kokama, sofrem discriminação que os colocam em último lugar na sociedade. Isto é observado ainda no trabalho informal mediante a minha experiência e convivência com os Kokama e na baixa qualidade dos serviços de educação aos quais eles têm acesso e que ainda estão lutando. Outro fator mencionado no trabalho de Vega é:

“A insegurança, que é reconhecida por eles como a mais séria que as cidades têm, mas, apesar disso, as cidades ainda são concebidas como uma oportunidade.” (VEGA, 2013, p. 30).

No Brasil, a movimentação indígena para as grandes cidades, segundo o texto “Indígenas na Cidade” (2019) Fontoura e Karina Trevisan, existe há muitos anos, a princípio, esta migração se deu para a comercialização de produtos da roça e de artesanatos como adornos, tecelagem e cerâmica. (FONTOURA e TREVISAN, 2019, p. 330). Devido a isso houve uma aceleração do processo migratório e, assim, esse deslocamento, resultou na habitação permanente que recebeu o nome de Aldeia Urbana.

Assim mesmo, segundo Silva e Bernardelli (2016), algumas cidades do estado do Amazonas foram destinos principais das famílias indígenas Kokama. Os autores apontam que os motivos fundamentais para a ocorrência da saída da aldeia para a cidade se deram por problemas sócio territoriais, sanitários, de alimentação e renda, além de razões religiosas, conflitos de ordem política com produtores rurais e dificuldades de crescimento econômico dentro das reservas. (SILVA; BERNARDELLI 2016 apud FONTOURA; TREVISAN, 2019, p. 332).

Assim mesmo, conforme a revista de antropologia Índios Urbanos (2015), como no texto procurando as raízes longe da natureza, menciona que as movimentações indígenas da aldeia para a grande cidade não são algo recente. Acontecem desde meados do século XX, quando, entre as décadas de cinquenta e setenta, uma primeira onda de mão de obra chega à

metrópole para trabalhar na construção civil. Posteriormente, nos anos noventa, após a Constituição de 1988 e a ampliação da rede de ensino, essa movimentação se torna principalmente universitária, com a presença de coletivos que ganham a vida com apresentações artísticas e rituais (SASTRE, 2015).

Assim mesmo, nas últimas duas décadas, conforme Sastre (2015) buscando as raízes longe da natureza, destaca que a diferença entre zona rural e urbana se tornou mínima tanto no sentido migratório quanto de interação entre ambas. Com algumas grandes exceções no Norte do Brasil, a maioria das comunidades indígenas está bastante urbanizada, fazendo fronteira com ou sendo parte de cidades médias.

Os indígenas residentes em Manaus provêm de todo o interior do estado e representam a grande maioria das etnias amazonenses. Entre as quais se sobressaem as que se situam no Alto Rio Negro e no Alto Solimões. Entre as etnias mais presentes na cidade, encontram-se os Kokama, Ticuna do Alto Solimões, os Tucano, Baré, Dessana e Tariano, do Alto Rio Negro e os Sateré-Mawé, do Médio Amazonas (BARRETTO, 2002, apud TEIXEIRA; MAINBOURG, 2009).

Em entrevista de campo no ano 2019, considerando as palavras do cacique da comunidade indígena Kokama do Grande Vitória, Francisco Maricaua, apesar de buscar melhores condições de vida na cidade, a maioria dos indígenas vive em situação de carência, tem dificuldade de conseguir emprego e a principal renda vem do artesanato. Segundo ele,

“geralmente, as comunidades estão localizadas em área de risco. Nunca é numa área boa. A gente sente muito essa dificuldade de viver na cidade. A maioria dos indígenas daqui da aldeia está no trabalho informal, sem carteira assinada. A maior parte fica dentro da aldeia trabalhando com artesanato. Fora isso a gente fica dependendo de doações”.

Mas a mudança para uma grande cidade não implica somente uma falta de casa ou de refúgio, no caso dos índios urbanos, vai muito além:

“para viver aqui deixei minha tradição de vida e mudei, fui obrigado a mudar para não ser alvo de piadas nem o palhaço de ninguém. Fui mudando minha forma de falar e esquecendo minhas raízes para não passar vergonha a toda hora”, reconhece com tristeza o cacique Francisco Maricaua.

Como ele, observamos que muitos são os indígenas, que se sentem diminuídos na cidade, obrigados a interagir com a sociedade onde eles estão a renunciar seus antepassados e a seu modo tradicional de vida.

Hoje, os indígenas Kokama nas cidades têm o objetivo de provar a eles mesmos e a todos os demais que os indígenas também são capazes de lutar nas grandes cidades pelo reconhecimento e respeito à sua diversidade étnica, reabilitação de sua língua etc.

Há muitas razões para os indígenas permanecerem na metrópole, apesar das inúmeras dificuldades. Desde a mera resignação e necessidade de sobrevivência até a vontade de mudar esse sistema que os exclui e oprime. Transformar a sociedade transformando sua mente (SASTRE, 2015).

Além do trabalho (venda de artesanatos), destacamos também que outro motivo dos indígenas Kokama para permanecer na cidade de Manaus é a educação.

Como se define esse outro perfil de índio? Muitos deles nasceram na cidade, possuem o desejo de derrubar na sociedade o velho estereótipo do índio como ser preguiçoso e selvagem, mostrar ao branco seu conceito particular sobre a terra, plantar uma semente na cabeça das pessoas para que cresçam com uma consciência de respeito em relação aos povos indígenas e entendam sua forma de pensar e seus valores diferentes.

Inferimos que a procura por trabalho e busca de melhores condições de ensino são também os principais motivos da movimentação dos indígenas Kokama que saem de suas terras em direção às cidades próximas.

Em Manaus, considerando a minha experiência de campo no ano 2019 na suas comunidades indígenas e diálogo com os principais indígenas Kokama (caciques), duas causas caminham em direções opostas. A procura de trabalho apresenta importância apenas marginal; ela é a mais citada, e a educação, embora não se mostre de todo irrelevante, é referida por um número significativamente menor de migrantes.

Desse modo, é a juventude da população Kokama que se dirige a Manaus, por isso vale acrescentar o fato de que as universidades como a Universidade Federal do Amazonas criara campus universitários em cidades do interior, alguns próximos a áreas indígenas de Manaus. Diante disto, destacamos também o texto de Teixeira e Mainbourg que afirma: os fenômenos demográficos relacionados à população indígena que estão a exigir aprofundamento e detalhamento de análise encontra-se a migração, especialmente a que se dá em direção às cidades. Os processos migratórios estão se tornando cada vez mais frequentes, como decorrência, entre outros fatores, da absorção do indígena nos mercados regionais, dos conflitos por terra e da insuficiente infraestrutura e disponibilidade de serviços essenciais (como os de saúde e educação) nas terras indígenas (COIMBRA JR; SANTOS, 2000, p. 3 apud TEIXEIRA; MAINBOURG, 2009).

Conforme Sastre (2015), no texto procurando as raízes longe da natureza, comenta que no decorrer do tempo, as transformações que ocorriam no país passaram a ter reflexos no cotidiano da população indígena. Grande parte dela por não ter legalizada a terra em que vivia, não possuir meios de nela sobreviver, não desfrutar dignamente de serviços sociais básicos ou simplesmente ser atraída pela vida urbana (especialmente os jovens), acabou por movimentar-se para as cidades.

Várias situações podem determinar o movimento dos indígenas em direção aos aglomerados urbanos, as quais, segundo Teixeira e Mainbourg (2009), vão desde aquelas em que os indígenas são expulsos das suas terras, até outras situações em que optam pela vida na cidade em decorrência da falta de oportunidades de educação e atendimento adequado de saúde nas suas aldeias. O processo ocorre de formas diversas:

“Desde o traslado de grupos familiares para bairros onde já há um contingente grande de índios organizados politicamente até casos de migração de indivíduos para a cidade em busca de empregos, tratamento de saúde, educação ou um novo estilo de vida.” (BAINES, 2001, p. 265).

O mesmo autor também afirma que as condicionantes do movimento indígena, como os Kokama, em direção às cidades têm como aliados importantes o progresso e a universalização dos meios de comunicação de massa, bem como as facilidades crescentes de locomoção na área indígena e, dela, em direção à cidade, considerada cada vez mais, como referência para a satisfação de necessidades antigas e novas.

Afirmamos também que os determinantes desse significativo deslocamento cada vez mais intensos da população indígena, proporcionados, por sua vez, pelo acesso crescente aos meios de informação e pela relativa facilidade de locomoção. Esses fatores determinantes relacionam-se não apenas com as mudanças que ocorreram e ocorrem na sociedade, como também com as transformações econômicas, sociais e culturais no interior das comunidades indígenas, tendo como pano de fundo a degradação das condições de subsistência nos territórios onde elas se situam.

Lima e Charmo (2009) consideram que:

“Os Kokama têm se destacado em Manaus pela celebração de parceria com os demais povos indígenas durante a reivindicação pelo cumprimento dos direitos indígenas, considerados de extrema importância para a comunidade. Podemos observar que o povo Kokama está organizado em Manaus nas Comunidades como Nova Esperança, localizada no Ramal do km 8 da estrada do Brasileirinho, zona leste da cidade. Há Kokama por diversos bairros da cidade, tais como: João Paulo, Compensa Santo Agostinho, Cidade de Deus, Valparaíso, Mauzinho e Lagoa Azul, entre outros.” (LIMA; CHARMO, 2009, p. 25).

Conforme Lima e Charmo, o resultado disso foi o fortalecimento da Associação dos índios Kokama residentes em Manaus-AM, com 80 famílias associadas, totalizando 280 Kokama, incluindo famílias que residem no entorno da comunidade. Apesar de estar há pouco tempo nesse local, o povo Kokama conseguiu organizar a associação e construir um poço artesiano dentro da comunidade (LIMA; CHARMO, 2009).

Segundo a entrevista de campo, em 2019, a conversa com a Cacique e com a professora Kokama na escola Tsetsu Kamutun do Grande Vitória, Ednay Panduro as populações indígenas Kokama continuam sendo vistas pela sociedade brasileira ora de forma preconceituosa, ora de forma idealizada.

Posso refletir que na atualidade os Kokama residentes no bairro Grande Vitória, enfrentam problemas de infraestrutura e pavimentação, principalmente, nas áreas mais baixas do bairro. No entanto, em virtude de seu crescimento, o bairro está tornando-se cada vez mais assistido pelos empresários e pelas políticas públicas do Estado. Podemos citar a presença de supermercados, lojas, drogarias, igrejas entre outros, tornando o bairro bastante atrativo para pessoas que, pela conveniência, se mudaram para este.

Relato uma entrevista realizada no dia 15 de maio de 2019 com o Cacique Val Marinho Kokama, da comunidade Kokama no Ramal do Brasileirinho, ocupada, no primeiro momento, com a ocupação de terras, e mais tarde tornou-se própria dos Kokama:

“nossa comunidade atua em reconhecimento da língua do povo Kokama e da tradição, é uma das formas que nós encontramos de agregar o povo Kokama que estava espalhado, agora eles tem associações”. Val marinho Kokama é presidente e cacique da Associação do Índios Kokama em Manaus.

Tendo como base a entrevista do cacique Lutana Kokama e Perpétua Kokama, no dia 25 de março de 2019, quando falamos sobre os Kokama na atualidade, ambas manifestaram que:

“[...] em nossa comunidade temos pessoas que é [são] casada [s] com branco e indígena, tem uma mistura, um misto né, então nosso povo não poderia ser misturado né, podia ser casado Kokama com Kokama, Mura com Mura, mas infelizmente isso aconteceu, não fui eu que fiz, foi o povo que mudou as coisas, então eu queremos é melhoria para a nossa comunidade, união, trazer coisas novas, coisas boas, coisas que vá [vão] agradar todo o povo Kokama, não só nós aqui no brasileirinho, também outras comunidades que surgirão. Não foi só vitórias, mas também alcançamos derrota, aí nós Kokama, pelo menos [eu] passei por uma luta muito grande.” (Diário de Campo 25/03/2019)

Pelo exposto posso refletir que, os Kokama desenvolveram-se em diferentes aspectos, eles uniram-se em diferentes bairros da cidade, onde eles se apoiam muito. Chegaram a consolidar-se enquanto uma etnia forte e representativa na Amazônia. Eles lutaram para se fortalecer e se descentralizar em parceria com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a qual velou pelo bem-estar dos povos Kokama.

Conforme os dados da FUNAI existem alguns órgãos em zonas urbanas de Manaus como: a Coordenação Indígena Kokama de Manaus (CIKOM), que fica localizado no Ramal do Brasileirinho, Km 8 – Puraquequara. E a Associação dos Índios Kokama residentes no Município de Manaus – AKIM, a sede é na comunidade Nova Esperança, surgida há dez anos com o objetivo de convergir forças dos indígenas da etnia Kokama na luta pelos seus direitos e a permanência e culto de suas tradições.

Além disso, existem outros órgãos dedicados ao apoio dos Kokama no município do Amazonas. Em São Paulo de Olivença podemos mencionar a Associação das Comunidades Indígenas Kokama de São Paulo de Olivença (ACIK), em Tabatinga, outra cidade do interior, ressaltamos a Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama (OGCCIPC).

## **CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO INDÍGENA EM MANAUS E OS KOKAMA**

### **2.1 BREVE CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INDÍGENA**

A primeira experiência de Educação indigenista no Brasil aconteceu no início da colonização e foi realizada pelos jesuítas por meio da catequese, sob orientação dos princípios que norteiam a educação redentora. “A educação indigenista, introduzida pelos brancos em função do contato, se contrapõe à educação escolar indígena, aquela que inclui os diferentes processos tradicionais de socialização, específicos a cada povo” (SILVA; AZEVEDO, 2004 apud RODRIGUES, 2016, p. 27).

O modelo de educação ocidental foi imposto aos povos indígenas, os europeus munidos de uma visão eurocêntrica, viram a educação como um meio de integrar e enquadrar os índios aos padrões culturais ocidentais com a perspectiva de “civilizá-los”. Tomando por referência a literatura sobre essa temática, é possível inferir que, no princípio, a educação escolar imposta pelos europeus contribuiu para a dizimação cultural de várias etnias. Da imposição ao desejo, “a escola em meio indígena teve muitas faces e pautou-se por diferentes concepções, não só pedagógicas, mas também acerca do lugar que esses indivíduos deveriam ocupar na sociedade brasileira” (FREIRE, 2004, apud RODRIGUEZ, 2016, p. 36).

Então, a Educação e depois a Educação Escolar Indígena sempre estiveram na agenda política da Colônia e da República, porém só começou a receber atenção especial por parte do Estado brasileiro no século XX, na década de 1980, ocasionada sobretudo pelas mobilizações e articulações, bem como pela garantia dos direitos dos povos indígenas. Nesse momento, Almeida e Silva no texto sobre a educação indígena mencionam que:

“[...] a legislação educacional e a documentação que trata da Educação Escolar Indígena no Brasil não estão mais centradas na prerrogativa da integração e assimilação dos indígenas à sociedade nacional, mas sim na tarefa de proteger, respeitar, valorizar os saberes, as línguas, crenças, tradições e as formas de organização dos povos indígenas” (ALMEIDA; SILVA, 2003 p. 20).

No decurso da história do Brasil, “[...] os índios foram diversamente atendidos pelo Estado em cada época, de acordo com valores e interesses predominantes, e, em decorrência, as ações educativas dirigidas aos povos indígenas também resultaram diversas [...]” (BERGAMASCHI, 2005, p. 404).

A seguir, apresentamos uma síntese das políticas de atendimento aos povos indígenas, a partir da Constituição Federal de 1988, no tocante à questão educacional.

A promulgação da Constituição de 1988 inaugura um novo tempo da relação entre o Estado brasileiro e os povos indígenas. Nesse momento, os indígenas que foram concebidos pelo Estado como seres “indolentes, preguiçosos e bárbaros”, são reconhecidos agora pela mesma instituição como sujeitos de direito, sendo assegurados a estes os direitos sociais, individuais e coletivos, dentre os quais, destaca-se, no presente, o direito à educação, configurando como um dos direitos fundamentais e instrumento necessário ao exercício da cidadania.

Historicamente em 09 de janeiro de 2001 foi promulgado o Plano Nacional de Educação Escolar, também conhecido pela sigla PNE (2001-2011), mediante a Lei nº 10.172, que pela primeira vez na história da educação brasileira traz um capítulo específico, com diagnóstico, diretrizes, objetivos e metas à oferta na educação escolar aos povos indígenas, criando o plano nacional orientou a elaboração do Plano Estadual e Municipal de Educação (SEMED/PLANO DE METAS, 2005).

Este processo além do atendimento aos princípios da Constituição Federal – CF do Brasil de 1988 também conta com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, às normas específicas definidas na legislação do ensino e às diretrizes do Plano Nacional de Educação – PNE e o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, (RCNEI).

O referido Plano Nacional apresenta um capítulo sobre a educação escolar indígena, dividido em três partes. Na primeira parte faz-se um rápido diagnóstico de como tem ocorrido à oferta da educação escolar aos povos indígenas. Na segunda parte, apresentam-se as diretrizes para a educação escolar indígena. E na terceira parte, estão os objetivos e metas que deverão ser atingidos, a curto e em longo prazo.

Mencionamos que no referente Plano estão os principais objetivos e metas previstos, destaca-se a universalização da oferta de programas educacionais aos povos indígenas para todas as séries do ensino fundamental, assegurando autonomia para as escolas indígenas, tanto no que se refere ao projeto pedagógico quanto ao uso dos recursos financeiros, garantindo a participação das comunidades indígenas nas decisões relativas ao funcionamento dessas escolas, assim, esses dispositivos abrem a possibilidade para construção e implementação de seus currículos e suas práticas pedagógicas próprias.

Não se pode deixar de mencionar a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 1989, ratificada pelo Brasil no ano de 2004, assegurando que:

“os povos interessados terão o direito de definir suas próprias prioridades no processo de desenvolvimento na medida em que afete sua vida, crenças e instituições. Em matéria da educação, apregoa a participação dos povos na formulação e execução dos programas, alfabetização na língua materna e ratifica o direito de os povos indígenas deterem autonomia nos seus processos educativos. (CONVENÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO, 1989).

Para que isso se realize, é necessário destacar que o Plano Nacional defina a necessidade de criação da escola indígena para assegurar a especificidade do modelo de educação intercultural e bilíngue e sua regularização junto aos sistemas de ensino.

Além disso, consideramos que quando se fala de interculturalidade a ideia que nos vem à mente é a de que duas ou mais culturas estão se relacionando de alguma forma. O binômio intercultural e bilíngue é considerado como constitutivo da categoria “escola indígena”. Essa preocupação em afirmar os currículos educacionais indígenas como interculturais nasce de uma situação já existente de fato. Ou seja, antes da escola ser intercultural, as sociedades indígenas já estão se relacionando com a sociedade não-indígena, desde o momento do contato. E o modo como ocorrem essas relações se reflete no cotidiano da escola. Diante disto, destacamos a afirmação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO):

“[...] a interculturalidade é estabelecida como um dos pilares para a educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser tendo em vista a urgente demanda e a necessidade de uma formação escolar para a convivência com o outro e com as diversas culturas, ensinando às gerações futuras a condição humana como um dos sete saberes necessários à formação, considerando que as “gerações precisam conhecer a unidade e a diversidade humana.” (UNESCO, 2019).

Deborah Freitas (2010) menciona que:

“Todo indivíduo tem necessidade de relações sociais, de conviver com o outro, o que testemunha a existência de diversos tipos de comunidade. Todas as comunidades têm seus esquemas culturais próprios, mas em sua particularidade atestam todas as necessidades sociais comuns, tais sejam; as necessidades de comunicar, organizar, e de harmonizar a vida comunitária, a necessidade de uma vida econômica, de uma expressão única na educação, na arte, na música e a necessidade de uma identidade cultural através do desenvolvimento e da manutenção de tradições de um modo de vida único.” (FREITAS, 2010, p. 96).

Desse modo, o Plano Nacional de Educação também assume a necessidade da profissionalização e o reconhecimento público do magistério indígena, com a criação da categoria de professores indígenas como carreira específica do magistério e com a implementação de programas contínuos de formação sistemática do professorado indígena. (SEMED/PLANO DE METAS, 2005).

Afirmo também que a presença dos povos genericamente denominados de indígenas sempre constituiu preocupação para as forças colonizadoras. Conforme analisou Eugênio Costa: “a questão indígena sempre esteve, na história brasileira, intimamente associada à construção do Estado e aos problemas militares” (COSTA,1992, p. 171).

A mesma avaliação fez Egon Heck ao afirmar que: “a formação do Estado Nação teve nas forças armadas um de seus elementos básicos, e se deu num processo antagônico aos interesses dos povos nativos, o que dá, à integração, uma conotação de negar aos indígenas sua condição de povos diferenciados” (HECK, 1996. p. 21).

Então, reafirmamos que a Constituição de 1988 abriu a possibilidade de novas relações entre o Estado, à sociedade civil e os povos indígenas ao superar, no texto da lei, a perspectiva integracionista e reconhecer a pluralidade cultural. O direito a diferença fica assegurado e garantido, e as especificidades étnico-culturais valorizadas, cabendo protegê-las. Assim, a substituição da perspectiva corporativista pelo respeito à diversidade étnica e cultural é o aspecto central que fundamenta a nova base de relacionamento dos povos indígenas com o Estado. Considero também nesta discussão a Francisco Oliveira, o qual nos lembra de que:

“A presença dos grupos indígenas na cena política explode o grande mito do Estado brasileiro: este não é um Estado de uma única nação homogênea, ocidental. Este é um Estado que, doravante, tem que se haver com um Outro, ou melhor, vários Outros radicais que, não obstante conviverem dentro das mesmas fronteiras, pertence a universos culturais totalmente diferentes, valores diferentes, relações diferentes com o ecossistema (mais funcionais, diga-se de passagem), relações de produção totalmente distintas, que falam outras línguas.” (OLIVEIRA, 1994, p. 13).

Com o passar do tempo, para melhorar a qualidade da educação, primeiro criou-se o Plano Nacional de Educação(PNE) 2014-2024, o que acrescenta mais uma estratégia nas metas (7.27) de desenvolver currículos e propostas pedagógicas específicas para a educação escolar nas comunidades indígenas, incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades para o fortalecimento das práticas socioculturais e da língua materna de cada comunidade indígena, produzindo e disponibilizando materiais didáticos específicos. Depois de algumas verificações criou-se o PNE 2015-2025, com base nesse conteúdo faremos alguns análises.

Em relação ao conteúdo dos programas, Antônia Silva destaca em seu texto sobre as práticas da educação escolar indígena que:

“Deve-se estabelecer o ensino além de sua língua o respeito e valorização dos saberes e da cultura dos indígenas. Desse modo, a organização curricular deve buscar a articulação entre os vários aspectos da vida cidadã (a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura, as

língua) com as áreas de conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física e Educação Religiosa), devendo ser construída, se possível, por uma perspectiva interdisciplinar e contextualizada. [...] A constituição de um objeto e de um projeto, ao mesmo tempo interdisciplinar, é que permite criar o intercâmbio, a cooperação, a policompetência.” (SILVA, 2016, p. 161).

## 2.2 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS (2015 - 2025) E OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

### 2.2.1 Síntese da Educação Indígena em Manaus

Atualmente, o Plano Municipal de Educação PME (2015-2025) do Município de Manaus, conforme aprovação pela Lei nº 2.000, de 24 de junho de 2015, o qual reafirma as diretrizes do Plano Nacional de Educação (2014-2024) para a educação escolar indígena do sistema municipal de ensino. O processo de formulação do PME (2015-2025) contou com os subsídios da IV Conferência Municipal de Educação de Manaus, realizada no período de 20 a 23 de maio de 2013, sob o tema central “Plano Nacional de Educação: fortalecendo democracias e respeitando as diversidades na construção da educação municipal” (SEMED /IV COMED, Relatório Final, 2013).

Destaco também que nessa Conferência Municipal de 2013, a educação escolar indígena em Manaus foi debatida no sentido de “Educação e Diversidade: justiça social, inclusão e direitos humanos”.

Sem dúvidas, pensar em uma escola com diversidade que possa acolher os saberes e fazeres dos povos indígenas e, ao mesmo tempo consiga contemplar aquilo que um currículo e uma organização escolar tradicional, do mundo ocidental, determinam como mínimo a ser considerado para os diferentes níveis de escolarização, é um grande desafio pedagógico.

No site “rede de índios” criado no ano de 2007, comenta sobre educação escolar indígena e diversidade afirma que:

“Os povos indígenas têm muito a contribuir na busca de um mundo melhor para a humanidade. É partindo da igualdade, da diferença e da parceria que podemos criar o novo. Esse novo só poderá ser criado se a sociedade nacional oferecer a oportunidade aos povos de mostrarem a sua capacidade e competência de gerenciar seu próprio destino. Enfim, trata-se de construir também novas concepções de entender o outro dentro da sua potencialidade individual e coletiva.” (REDE DE INDIOS, 2007).

Paulo Freire (1992) ressalta também o caráter da educação que acolhe a diversidade, pois para ele:

“É preciso enfatizar que a multiculturalidade também é um fenômeno que implica a convivência num mesmo espaço de diferentes culturas, não é algo natural e espontâneo. É uma criação histórica que implica decisão, vontade política, mobilização, organização de cada grupo cultural com vistas a fins comuns e demanda, portanto, certa prática educativa coerente com esses objetivos e uma nova ética no respeito às diferenças.” (FREIRE, 1992, p. 96).

Destacamos que as relações positivas entre educação e diversidade cultural são fundamentais para as mudanças de políticas, de ações e de posturas. A educação tem o papel de preparar a sociedade para o convívio com a diferença entre as povos indígenas e a sociedade ocidental, mostrando as diferenças existentes entre elas, são considerações importantes que queremos destacar para o convívio com diálogo e com respeito mútuo.

Além disso, quando falamos da diversidade de forma errada, a imagem que vem a mente é de um imigrante na escola que apresenta dificuldades. No entanto, as diferenças no estilo de vida, no que diz respeito às normas e valores que explicam o comportamento, podem ser entendidas como um produto da diversidade cultural, de modo que, em termos relativos todos diferem em certa medida de seus companheiros, e, portanto, todos estão envolvidos no conceito de diversidade cultural, embora este parecesse ser invisível porque a escola como instituição social é baseado na suposição de homogeneidade. No entanto, o funcionamento real do grupo é baseado precisamente nas diferenças entre seus membros, as quais não se distinguem de cada um de nós, como por exemplo: a incapacidade de se comunicar com outros, ser incapaz de estabelecer uma síntese comum.

Outro desafio que consideramos sobre a educação indígena em Manaus é a criação de uma educação intercultural bilíngue e diferenciada. Uma das maneiras de enfrentar este desafio para avançar juntamente é buscando interlocuções com ideias que enfatizem o diálogo intercultural, o cuidado com o outro e a escuta sensível daquilo que perpassa os processos relacionais nas comunidades de aprendizagem. Ao refletir sobre este desafio, Maria Bergamaschi e Ana Luísa Menezes (2009) se manifestam e nos dão uma pista possível a ser seguida:

“É no fazer diário, marcado pela cosmologia indígena, que se faz uma escola diferenciada, nos pequenos, porém potentes indícios que apontem um outro modo de fazer escolar. Nessa perspectiva, os sentidos da escola vão se constituindo em atos ao apropriarem-se como um aparelho educativo que não nasceu no interior de suas antigas tradições, mas que, ao trazê-lo para dentro da aldeia, conferem-lhe significados próprios.” (BERGAMASCHI; MENEZES, 2009, p. 182).

Quanto à escuta sensível como princípio para pensar-se uma educação escolar indígena diferenciada estamos, concretamente, buscando criar um espaço de convivência escolar que

possa abrigar não só as diferenças entre a cultura indígena e a cultura ocidental como também queremos incentivar uma relação de reciprocidade intercultural de aprendizagens comuns e, com isto, a inclusão educacional e social.

Nesta perspectiva, ao pensar e organizar um espaço escolar de caráter intercultural, sugerimos levar-se em conta o que dizem Humberto Maturana e Sima Nisis de Rezepka (2002) como um dos papéis fundamentais da escola quando propõem que: “a tarefa da educação escolar é permitir e facilitar o crescimento das crianças como seres humanos que respeitem a si próprios e os outros com consciência social e ecológica, de modo que possam atuar com responsabilidade e liberdade na comunidade a que pertencem” (MATURANA; REZEPKA, 2002, p. 13).

Em relação a isto, o autor Fidel Tubino (2005) menciona que:

“à interculturalidade se enfatiza no reconhecimento da diversidade e diferença culturais, visando à inclusão desta no interior da estrutura social estabelecida (educação). A partir desta perspectiva que busca promover o diálogo, a convivência e a tolerância a interculturalidade é funciona ao sistema existente, não toca as causas da desigualdade sociais e culturais.” (TUBINO, 2005, p. 14).

Analizamos que o multiculturalismo sem dúvida é um fenômeno, um ponto urgente no debate pedagógico e tem grande impacto social, nossa próxima pergunta é: Como lidar com a diversidade cultural através do sistema educacional? Uma resposta pedagógica na educação para a diversidade seria através da educação intercultural-bilíngue. Por isso, a igualdade de oportunidades educacionais depende de fatores sociais e políticos, porque lidar com a diversidade é um esforço, embora seja extremamente necessário.

Por outro lado, baseada na informação do Diário Oficial do Município de Manaus, a Secretaria Municipal de Educação SEMED instalou uma Comissão Interna, Port. nº 0713, de 05 de agosto de 2014, com representantes dos diversos setores desta Secretaria, para coordenar a formulação do PME, resultando num documento base no qual constava um diagnóstico com aspectos históricos e educacionais a respeito de Manaus para debate e encaminhamentos do Fórum Municipal de Educação da cidade. Além dos encontros no fórum municipal, que congregava a sociedade civil organizada e os representantes governamentais, inclusive com consultas públicas on-line, a proposta do plano também foi submetida à discussão com outros setores da Secretaria Municipal (SEMED) e de Finanças e Conselho Municipal de Educação (CME) de Manaus. (Plano Municipal de Educação; Diário Oficial do Município de Manaus publicado em 24/06/2015).

Seguindo o mesmo Plano Municipal de Educação de Manaus (PME-2015), reiterou-se a colaboração entre o Município de Manaus, o estado do Amazonas e a União para o cumprimento e implantação das metas e estratégias (art. 7º). Nessa matéria merece destaque o estabelecimento de que a educação escolar indígena deverá ser implantada por meio de “regime de colaboração específico, considerando os territórios étnico-educacionais” e de estratégias que levem em conta as especificidades socioculturais e linguísticas de cada comunidade, promovendo consulta prévia e devolutiva a essas comunidades. O PME de Manaus reconhece os Territórios Étnicos Educacionais e quanto ao “regime de colaboração específico”.

Destaco, as palavras do professor Glademir Sales de Sousa da Gerencia de Educação Escolar Indígena (GEEI), numa entrevista por telefone, no ano de 2019 e conforme o PME de 2015, a Meta 04 destinada à educação especial, a qual garante um sistema inclusivo e de atendimento especializado. Nas estratégias dessa meta, o Plano Municipal também reafirma o fomento a formação continuada de professores para atendimento educacional especializado nas escolas indígenas, atualmente contamos com 29 professores indígenas na rede municipal de ensino em Manaus, acrescentando que esta formação contemple a formação em educação para as “relações étnico-raciais, diversidade religiosa e educação em direitos humanos” (Meta 04, Estratégia 4.3).

Além disso, segundo as palavras do mesmo professor e o PME garante a oferta de educação das comunidades indígenas, por meio da construção do “Complexo de Educação Específico”, na zona rural ribeirinha (Estratégia 6.7). Na Meta 07 o PME propõe reestruturar a Avaliação do Desempenho dos Estudantes (ADE), o Avaliação do Rendimento Escolar (ARE), e as estratégias, dentre outras, de incluir “as especificidades da educação indígena” nos exames aplicados no ensino fundamental (Estratégia 7.8).

Pelo exposto, posso dizer que a educação indígena em Manaus é uma luta constante de reivindicação para seu elaboração e valoração. Esforços que têm sido feitos de maneira a preservar, respeitar a sua cultura, mas também incentivando sua integração às demandas da sociedade moderna.

### 2.2.2 Processos na Educação Indígena em Manaus

Destaco que a educação indígena é a educação a qual contribui aos sistemas dos povos indígenas, respeitando suas especificidades culturais e procurando preservar suas culturas tradicionais que teve muitos processos nas últimas décadas. A partir da Constituição de 1988, os Povos Indígenas têm direito a uma educação escolar específica, diferenciada, intercultural, bilíngue/multilíngue e comunitária conforme define a legislação nacional que fundamenta a Educação Escolar Indígena, que assegurou aos índios o reconhecimento de sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, respeitosa de seus conhecimentos cabendo aos Estados e Municípios a execução para a garantia deste direito dos povos indígenas. A diversidade indígena é, ao mesmo tempo, a riqueza e o desafio para o desenvolvimento de uma política educacional voltada para os índios. Desafio pela qual a procura por políticas universais colide frequentemente com as especificidades e demandas locais. Isso porém, não significa que uma política educacional não seja possível.

As diferentes populações indígenas apresentam histórias, culturas e práticas diversas. Suas reivindicações e necessidades são também múltiplas e variadas. Pensar uma educação que considere essa diversidade e a respeite deve continuar a ser o objetivo das políticas e práticas públicas voltadas à educação dos indígenas.

Outro ponto importante a se considerar é que o governo de estado do Amazonas pelo decreto nº 18.749 criou, no dia 6 de maio de 1998, o Conselho de Educação Escolar Indígena-AM (CEEI), o qual é composto por representantes do setor público, de organizações não governamentais e dos povos indígenas do Solimões, Madeira, Negro, Juruá, Amazonas, Purus, Vale do Javari, Waimiri-Atroari e Yanomami. “O conselho, além de trabalhar no assessoramento técnico pedagógico junto às secretarias municipais, tentando mobilizar essas secretarias para se sensibilizarem e trabalharem a educação escolar indígena, também caminha para se tornar um colegiado normativo e, a partir daí, poderemos ter mais condições de trabalhar e cobrar mais ações dos municípios”, explicou um dos representantes do CEEI-AM, o professor Elir Macuxi, membro do Conselho de Educação Escolar Indígena, conversa realizada no curso de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Ao Conselho, acrescenta, se garantirá o poder de decidir sobre atos de criação de escolas e aprovação dos planos políticos pedagógicos. Na condição de um órgão normativo, será esse conselho a dar a palavra final da legalização das escolas indígenas. Todo o processo que envolve a educação escolar indígena passará pelo CEEI-AM. Assim, a instituição realiza em Manaus, reuniões ordinárias tendo em consideração a avaliação das políticas educacionais para as

escolas indígenas do Amazonas, a aplicação de projetos políticos pedagógicos das instituições indígenas e a formação de professores.

A prefeitura de Manaus para garantir a implantação e desenvolvimento do ensino escolar, em alguns acontecimentos, progressos para a realização e enriquecimento da Educação Escolar Indígena no Município são:

- No ano de 2005 aconteceu a autorização para a constituição do Núcleo de Educação Escolar Indígena/NEEI, composto por professores indígenas e não-indígenas do quadro da SEMED. Há também o diagnóstico parcial das Comunidades Indígenas de Manaus. Ainda neste ano foi realizado o "II Seminário sobre Educação Escolar Indígena: Desafios e Perspectivas na Rede Municipal de Ensino", além da autorização da contratação dos Professores Indígenas;

- No ano de 2006 houve a definição dos mecanismos de implantação da Escola Indígena, I Encontro de Professores Indígenas de Manaus, I Ciclo de Palestras do NEEI, além da discussão do Programa de Formação de Professores Indígenas;

- No ano de 2007 houve a elaboração do Programa de Formação de Professores Indígenas Manaus; realizou-se II Ciclo de Palestras do NEEI e um marco importante para a organização de uma política diferenciada para os indígenas foi à contratação dos professores Indígenas, com isso foi possível realizar em dezembro deste ano a I Mostra dos Trabalhos dos Professores Indígenas;

- No ano de 2008 aconteceu o I Módulo de Formação do Programa de Formação dos Professores Indígenas/Manaus, aconteceu também o III Ciclo de Palestras do NEEI e a II Mostra dos Trabalhos dos Professores Indígenas;

- O ano de 2009 é marcado pela mudança no organograma da SEMED/MANAUS, quando o Núcleo de Educação Escolar Indígena ganha status de Gerência;

- Em 2011 por meio do Decreto nº 1.394/11 estabeleceu-se a criação da Escola Indígena e o reconhecimento da categoria de professor indígena no âmbito municipal. O ato atende aos artigos 78 e 79 previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação; Se formou uma Comissão composta por representantes de instituições ligadas à Educação Indígena, Conselho Estadual de Educação Indígena (CEEI), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade do Estado do Amazonas (UEA), dessa forma foi criada a Gerência de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação (GEEI) pela Portaria n. 002/CME/2011, publicada no DOM Edição 2670 do dia 20.04.2011. Com o objetivo de regulamentar os

programas e cursos destinados á formação inicial e continua de professores indígenas no âmbito dos respectivos sistemas de ensino, nas suas instituições formadoras e nos órgãos normativos.

No princípio, as escolas indígenas municipais de Manaus adotaram em suas nomenclaturas a definição do povo ou da comunidade indígena a que se destinarem.

Nesse contexto, a proposta legislativa feita por Grupo de Trabalho da Educação Escolar Indígena de Manaus altera a denominação através da Lei nº 1.893, de 23 de julho de 2014, as escolas trocaram os nomes pelos que elas possuem atualmente, passando assim, a usufruir dos direitos conferidos às instituições de educação escolar indígena. São elas:

- A Escola Municipal São Thomé, constante do item 22 do Anexo Único da Lei nº 272, de 19 de dezembro de 1994 para Escola Indígena Municipal Kunya Taputira;

- A Escola Municipal Aleixo Bruno, constante do item 61 do Anexo Único da Lei nº 1.229, de 2 de abril de 2008 para Escola Indígena Municipal Yayumbwewa Renawa Maku Arú Waimi;

- A Escola Municipal Três Unidos, constante do item 15 do Anexo Único da Lei nº 1.296, de 2 de dezembro de 2008 para Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú;

- A Escola Municipal Boas Novas, constante do item 17 do Anexo Único da Lei nº 1.296, de 2 de dezembro de 2008 para Escola Indígena Municipal Kanata T-Ykua.

As três primeiras são de etnia Baré e a quarta é da etnia Kambeba, conforme a gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI). Para sermos mais específicos, essas escolas encontram-se localizadas em:

- Escola Indígena Municipal Kunya Taputira, rua: Paraná do Sumaúma, Rio Negro (Ribeirinha, Manaus- AM); tem Educação Infantil/ Ensino Fundamental / Educação Indígena;

- Escola Indígena Municipal Arú Waimi<sup>4</sup>, rua: Comunidade Terra Preta, Rio Negro (Ribeirinha, Manaus – AM); tem Educação Infantil / Ensino Fundamental / Educação Indígena;

- Escola Indígena Municipal Puranga Pisasú<sup>5</sup>, rua: Comunidade Indígena Boas Novas, Rio Cuieiras, a 86 km de Manaus, no baixo rio Negro (Ribeirinha, Manaus - AM); tem Educação Infantil / Ensino Fundamental / Educação Indígena;

- Escola Indígena Municipal Kanata T-ykua<sup>6</sup>, rua: Comunidade Indígena Três Unidos, no Rio Cuieiras e Aruwaimi, na Comunidade Terra Preta, no Rio Negro (Ribeirinha, Manaus – AM); tem Educação Infantil / Ensino Fundamental / Educação Indígena;

---

<sup>4</sup> Escola indígena municipal Sapo Velho

<sup>5</sup> Escola indígena municipal Nova Esperança

<sup>6</sup> Escola indígena municipal Luz do Saber.

Em 2014, conforme De Souza (2015) a educação escolar indígena em Manaus, comenta que a Gerência da educação escolar indígena, a formação continuada é fortalecida pela ação Saberes Indígenas na Escola (SIE), resultado das ações pactuadas entre os governos federal, estadual, municipal e a sociedade civil, que legitimou a necessidade de políticas de educação escolar que reconheçam a diversidade cultural e territorial dos povos indígenas do Brasil. (DE SOUZA, 2015, p. 1)

Ressalta-se ainda o autor SIE configura-se com uma ação da Política Nacional de Territórios Etno Educacionais/TEEs (Decreto nº 6.861/2009), que propõe construir um novo modelo de planejamento e gestão da educação escolar indígena, tendo como principal referência à forma como os povos indígenas se organizam, as suas especificidades sociolinguísticas, políticas, históricas, geográficas e suas relações Inter societárias e pretende formar um sistema próprio de educação escolar indígena. A SEMED aderiu à ação Saberes Indígenas na Escola. Esta ação está sendo implementada pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.

Em 2015 outro processo da educação escolar indígena em Manaus foram às criações de exposições escolares indígenas nas instalações da SEMED, como os Kokama, Sataré Mawé, Piratapuya, entre outros por iniciativa da SEMED, na 1ª Exposição de Educação Escolar Indígena denominada “Saberes, Culturas, Artes e Tradições”, o evento contou com apresentações de danças indígenas e mostra de artesanato produzido nas comunidades dos indígenas em menção.

Em 2017, outro evento a ser destacado, com informações da GEEI, foi o “9º Jogos Interculturais Indígenas” da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), cerca de 100 alunos com idade entre 11 e 16 anos foram inscritos para a competição. O objetivo da ação é promover a interação social entre os povos indígenas da Amazônia, como os Kokama e outros residentes da comunidade, assim como promover melhor qualidade de vida por meio de práticas esportivas.

Todas estas atividades são voltadas para a valorização da cultura e preservação da língua materna das etnias da Região Metropolitana de Manaus (RMM), como dos Kokama. De acordo com a Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI) da SEMED, a ideia é apresentar as atividades pedagógicas desenvolvidas nestas unidades de ensino mostrando que é possível trabalhar a educação escolar indígena juntamente com o ensino regular, de forma interdisciplinar e intercultural, valorizando os conhecimentos milenares dos povos habitantes da comunidade onde a escola está inserida.

Neste mesmo ano, o Conselho Municipal de Educação em Manaus, órgão normativo, deliberativo e consultivo do Sistema de Ensino, instigado pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus e diante da realidade local, inicia um processo de criação de mecanismos visando à garantia das especificidades da educação escolar para os indígenas do município de Manaus, como: incentivo e apoio de ações voltadas para a redução de preconceito na relação entre índios e não índios e assessoramento aos municípios na definição e implementação de políticas educacionais.

Além disso, são considerados também assegurados os direitos ligados às especificidades dos povos indígenas, por exemplo, a utilização de línguas maternas e processos próprios de aprendizagem pelas comunidades indígenas, o conhecimento da organização social, costumes, línguas, crenças e tradições dos índios, bem como os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam e a legitimidade jurídica dos índios e suas comunidades como defensores de seus direitos e interesses previstos na legislação brasileira nos artigos 210, 231 e 232 da Constituição Federal de 1988.

Destaco que o estado do Amazonas é pioneiro na implementação de políticas para a Educação Escolar Indígena. Em particular, o município de Manaus, que iniciou de forma mais contundente o processo de construção de uma proposta de educação diferenciada, quando a Secretaria Municipal de Educação/SEMED promoveu atividades como o evento intitulado "O Círculo de Palavras Educação Escolar Indígena: pensando uma escola diferenciada" que proporcionou a organização de um Grupo de Trabalho Indígena (GTI) para estudar, refletir e elaborar uma proposta de educação a ser implantada na SEMED/AM, além de, durante as reuniões, realizar diagnóstico da situação escolar indígena no Município (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO).

Como percebemos, é possível dizer que a Educação Escolar Indígena é uma realidade municipal. Atualmente a Prefeitura Municipal de Manaus, por meio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), oferece a inclusão à educação para índios de variadas etnias que moram nas áreas urbana como os Kokama nas suas escolas indígenas como a escola Setsum Kamutum entre outros e em zonas rurais da capital como já mencionamos. Os conteúdos são ministrados na língua nativa dos alunos como: Kokama, Sateré, Tikuna e Nhengatu.

Diante disso, a SEMED junto com a GEEI seguindo as normas da instituição sobre a educação para índios, os professores precisam ser indígenas e ter o aval dos moradores das aldeias para lecionar. As matérias da grade são as mesmas do ensino regular, no entanto, são trabalhadas de forma bilíngue e interdisciplinar, inserindo técnicas de conhecimento da

natureza dentro das disciplinas. A regularização dessas escolas indígenas, de outras que virão, e da categoria de professores indígenas no Sistema de Ensino Municipal no âmbito do município de Manaus se faz necessária.

Portanto, na Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI), as escolas serão criadas de acordo com a demanda de cada aldeia e terão que atender às aspirações da comunidade no que diz respeito à estrutura física e pedagógica. O material didático será confeccionado de forma bilíngue e vai abordar um ensino intercultural, com vistas à manutenção e valorização das diversidades linguísticas de cada comunidade, além de preservar os saberes tradicionais.

Por tudo isto, posso destacar também na GEEI que as escolas indígenas terão por objetivos: o desenvolvimento de crianças, jovens e adultos, críticos e conscientes de seu papel na vida de sua comunidade e de seu povo; a formação de cidadãos para assumir seu papel de interação na sociedade brasileira; e a consolidação de projetos societários dos povos e comunidades indígenas. Cada escola terá suas especificidades pedagógicas conforme a etnia indígena que atenderá. As aulas serão adequadas à cultura de cada povo onde a escola será instalada. O professor tem que ser indígena e deverá ter um perfil indicado pelas comunidades.

A educação indígena na zona ribeirinha persiste, e agora com este decreto será criada uma estrutura específica para cada escola. Os professores terão diário escolar indígena, um planejamento escolar indígena, um PPP (Projeto Político Pedagógico) próprio, e isso tanto nos municípios, quanto na capital.

Diante disso, podemos refletir que com essa diversidade linguística, dentro do processo educacional atual visando manter um equilíbrio para a língua oficial do país, mas que também haja espaço para o ensino da língua indígena, de modo que esta não se perca, daí a importância do professor bilíngue e indígena. Outros aspectos que devem ser assegurados são os processos próprios de aprendizagem, o desenvolvimento de currículos e programas específicos.

O papel da educação indígena é reafirmar as identidades étnicas, valorizando suas línguas, ciências e garantindo aos indígenas e as suas comunidades o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e das demais sociedades sejam elas indígenas ou não. Dessa forma, os indígenas deixam de ser considerados como uma categoria social em processo de extinção e passam a ser respeitados como grupos étnicos diferenciados, com seus costumes, crenças e direitos preservados. As comunidades indígenas estão tendo um maior amparo legal na área educacional e na preservação da sua cultura. Através desse contexto, podemos perceber uma preocupação em preservar a identidade e a cultura dessas comunidades.

Em 2018, destaco também o projeto “Pro futuro Aula Digital”, onde computadores e tablets serão recursos eletrônicos que farão parte do cotidiano de 150 alunos. O projeto possibilita que os indígenas tenham mais interatividade. O projeto é uma parceria entre a Prefeitura de Manaus e a Fundação Telefonia Vivo.

Destaca-se também, de acordo com o portal da Gerente de Educação Escolar Indígena (GEEI) que *“o mais importante para os nossos estudantes é que o projeto viabiliza a interação intercultural”*. O projeto Aula Digital visa facilitar o acesso à educação de qualidade para estudantes em risco de vulnerabilidade social baseando-se em quatro pilares: inspirar a formação continuada de professores; experimentar a formação em serviço de educadores; personalizar os equipamentos, plataforma e conteúdos digitais; e, ir além do fortalecimento do ecossistema de inovação.

Conforme o portal da Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI), Manaus foi o primeiro município do país a receber o projeto, e atualmente são 200 escolas indígenas que estão no Aula Digital, entre as escolas indígenas que estão no projeto, duas estão localizadas no Rio Negro: Escola Indígena Municipal Arú Waimi e Escola Indígena Municipal Kunia Taputira. E no Rio Cuieiras as Escolas Indígenas Municipais Kanata T- Ykua e Puranga Pisasú. Neste período, 775 educadores da rede passaram por formação continuada, com acesso a um ambiente de aprendizagem e conteúdos pedagógicos digitais para o desenvolvimento de planos de ação para inovação das práticas pedagógicas (GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ESCOLAR ÍNDIGENA)

Em 2019, segundo também a Gerência de Educação Indígena (GEEI) da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), realizou-se em fevereiro do presente ano a 1ª reunião do ano com gestores, professores e lideranças indígenas para tratar sobre encaminhamentos pedagógicos e normativos utilizados na educação indígena da rede municipal de ensino de Manaus. O encontro reuniu mais de 40 pessoas na Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério (DDPM). Durante o encontro abordaram assuntos sobre os processos macros e micros da secretaria voltados à educação indígena e a escolha do lugar da data para a XII Mostra Pedagógica Indígena, e possíveis dias de formação.

**Foto 1:** 1ª Reunião da educação escolar indígena de 2019



**Fonte:** Portal da Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEIi)

Por todo o exposto, as ações do poder público converteram-se em tópicos bastante atuais nas instituições educativas em comunidades e organizações sociais. A partir dos direitos garantidos na Constituição Federal de 1988, o Movimento de Professores Indígenas intensificou suas lutas por políticas públicas de educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bi/multilíngue. Agora, a escola indígena tem um papel fundamental no fortalecimento das identidades, línguas, culturas e na formação de novas lideranças políticas, além de valorizar os conhecimentos e sistemas educativos próprios de cada povo, bem como tem um papel fundamental na apropriação de conhecimentos da sociedade não-indígena.

No momento, estas ações estão servindo para criar parâmetros para a discussão da reforma da educação, novas tendências curriculares do sistema educacional. Esses fenômenos não apenas enfocam o debate em torno do papel das instituições educativas na elaboração de políticas educacionais indígenas, mas também sugerem a questão sobre a responsabilidade que devem assumir os diferentes setores da sociedade.

## 2.3 A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA KOKAMA CONTEXTO E ANÁLISES

### 2.3.1 Contexto da Educação Indígena Kokama no Peru e no Brasil

No Peru, a Educação Indígena na década de 1980 para os Kokama foi voltada respeitando suas especificidades culturais, que posteriormente foi implementado a ideia de educação diferenciada. Nesse contexto, focaremos nas Diretrizes de política para a educação bilíngue intercultural (2004-2010). A política indigenista na constituição da república peruana argumenta que a luta pela educação indígena estava latente na inclusão de sistemas educacionais. Novas experiências educacionais emergenciais indígenas surgiram para exigir suas próprias culturas e línguas para receber uma educação culturalmente relevante. As reivindicações dos povos nativos foram direcionadas ao reconhecimento de seus direitos econômicos, sociais, políticos, religiosos e culturais, em nível nacional e internacional. As demandas educacionais foram constantes ao longo da história dos povos indígenas. (QUISPE, 2018, p.74).

Diante disto, conforme o mesmo texto de Quispe (2018), uma das demandas dos povos indígenas foi de reabilitar a sua língua, pois para muitos povos indígenas, como os Kokama, suas línguas eram consideradas como inferiores e não pertenciam à esfera do poder dominante, assim para acessar a escola, eles foram forçados a desistir de sua língua e cultura para aprender apenas o espanhol, por ser uma língua adequada para leitura e escrita, não apenas para funcionar mais amplamente, mas também para sobreviver na sociedade (QUISPE, 2018, p.77)

Para López e Küper (2003) inverter esta situação é reconhecer que:

“[O] Peru foi e é um país multilíngue e multicultural. Foi originalmente habitado por vários povos indígenas. Diante dessa realidade, é necessário desenvolver uma política cultural e linguística consistente com a natureza de nosso país, baseada na premissa de que quanto maior a diversidade, maior a riqueza. O Estado e a sociedade precisam reconhecer e assumir positivamente o Peru como um país multicultural e optar por fortalecer e disseminar os princípios que permitem a coexistência pacífica, o desenvolvimento com igualdade de oportunidades, respeito e suposição positiva de diversidade cultural. Somente assim todos os indígenas contribuirão para reverter à exclusão e discriminação que eles caracterizaram a sociedade peruana.” (LOPÉS; KUPER, 2003, p.35).

Considero que se trata de educar para mudar a educação, abrindo maneiras de vincular nossas experiências descolonizadoras, aceitando os sistemas de conhecimento dos povos indígenas com outros que emergem no mundo de uma perspectiva universalista e de diálogo intercultural inclusivo. Então, nasce a perspectiva de uma Educação Intercultural Bilíngue a partir das demandas das organizações indígenas por seu forte conteúdo ideológico e político em

geral. Diante disto, Luís López e Ingrid Jung (2003) destacam que “500 anos depois, a origem e a condição indígena dos países dos quais fazem parte [...] levam em conta que o indígena não é apenas história e passado, mas presente e futuro” (LOPEZ e JUNG, 2003, p. 48).

Refletimos que dentro dessa exigência educacional em várias dimensões sociais e culturais, tem sido a participação indígena que mais avançou no sistema educacional. Quando as populações indígenas se apropriaram da escola, os Estados introduziram mudanças educacionais constitucionais significativas, incorporando questões de identidade, cultura, recuperação de língua e direitos interculturais.

Os povos indígenas e movimentos sociais foram para vincular os direitos ancestrais dos povos indígenas às normas constitucionais do Estado peruano, como foi alcançado com o reconhecimento da Convenção 169 da OIT e da “Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas”, em claro reconhecimento do seu direito à autodeterminação e ao autogoverno. Dessa forma, com a recomendação da UNESCO é encorajado o desenvolvimento de um projeto de educação indígena sobre o uso de línguas oriundas na educação e a Declaração dos Direitos Linguísticos (UNESCO, 1994).

Por outra parte, o Fundo das Nações Unidas para a Infância apresenta-se como uma proposta que: “concebe o bilíngue e o intercultural em uma dimensão dupla e complementar do mesmo processo educacional” (UNICEF, 1993).

Afirmo que é bilíngue, uma vez que as crianças indígenas desenvolvem o conhecimento de seu próprio idioma e são instruídas por ele enquanto aprendem uma segunda língua, geralmente o oficial do respectivo país, neste caso o espanhol. É, por outro lado, intercultural, uma vez que parte da própria cultura dos alunos indígenas para sua reavaliação e promoção, a fim de obter uma identificação completa como ao mesmo tempo, facilita a apropriação de técnicas e práticas pertencentes a outros povos indígenas.

A escolaridade foi, então, amplamente construída com discursos que compartilham valores culturais indígenas, integram um campo de comunicação, interação, e maneiras de aprender com as quais os membros se identificam e são identificados por outros. Foi através de acordos internacionais que a educação para os povos indígenas, como os Kokama, foi promovida onde os indígenas mantiveram total ou parcialmente suas características linguísticas, culturais e organizacionais.

Além disso, posso destacar um dos meios culturais que serve para interagir no campo educativo dos Kokama na cidade de Nauta- Peru, como destaca no texto de Lisa Galli (2014), é a Rádio Ucamará, a qual se tornou um lugar onde se pode criar uma comunidade através da

reunião dos Kokama residentes em Nauta e nas comunidades vizinhas. A rádio permitiu que os Kokama crianças, adultos e idosos se encontrassem novamente em um espaço onde pudessem socializar em sua língua nativa, conversar sobre temas comuns e, acima de tudo, ser valorizados como portadores de uma herança cultural intangível que precisa ser transmitida e disseminada (GALLI, 2014).

Da mesma forma, mediante uma conversa na casa do professor Roger Murayari Tenazoa na cidade de Nauta no dia 21 de julho de 2019 quem é da etnia Kokama comenta que este método educativo cultural levou os meninos e as meninas da escola não apenas a afirmar sua identidade, mas a moldá-la e construí-la de acordo com seus próprios interesses e seus planos de vida. As duas gerações recuperaram a possibilidade de se identificarem como membros do mesmo grupo, de afirmarem sua existência como coletivo. A maior contribuição dos produtos culturais da Rádio Ucamará é ter começado a romper o círculo vicioso de “ser indígena → falar uma língua nativa → desprezo → exclusão” e convertê-la em uma virtude em que a diversidade cultural é apreciada e o ser indígena é comemorado ou para falar uma língua como geradora de questões de mais oportunidades e reconhecimento de direitos.

Neste contexto, os Kokama peruanos, conforme Marcos Ramirez, quem também é professor e pesquisador Kokama da mesma cidade, no projeto intitulado “histórias do rio são as memórias dos avós (2016)”, afirma que ao Kokama, especificamente da cidade de Nauta, há um centro educacional e cultural chamado Ikuari<sup>7</sup>, onde desenvolvem um projeto de reabilitação da língua Kokama, o qual é auto gerenciado pela última geração de Kokama falantes. Os membros do *Kokamakana Katupi* ensinam a língua Kokama para cerca de 120 crianças que não tiveram a oportunidade de aprender em casa. As aulas priorizam o método de conversação, pois o objetivo é fazer com que a língua seja usada novamente na comunicação cotidiana. A dinâmica inter geracional também revaloriza a figura dos idosos, o sábio "avô" que ocupa um lugar central no ensino dos membros da comunidade. Embora seja um programa de revitalização linguística, este projeto educativo também está inserido no abrangente programa da rádio Ucamará (RAMIREZ, 2016, p.24).

No mesmo texto, os contos indígenas Kokama que são ensinados na escola *Ikuari Kokama* também são contados pela rádio que pertence aos mesmos indígenas. Embora os contos indígenas existam na sabedoria dos avós, devemos esclarecer que seu "armazenamento" segue uma lógica diferente da literatura ocidental, que tem como suporte, por excelência, o livro. Os

---

<sup>7</sup> Guerreiro do deus

sentidos e sentimentos expressos por essas histórias assentam, em grande parte, em sua variabilidade. Não existe uma forma original ou canônica dessas histórias, pois seus elementos narrativos e seu significado são criados no calor da socialidade. A tradição não é fixa, mas é transformada de acordo com as condições sociais e as necessidades do pensamento. Na verdade, quando um avô conta uma história, ou seja, executa a transmissão do conto, a enunciação pública se torna um exercício de memória. Serve para manter o passado vivo, mas também para compartilhar a sabedoria acumulada e colocá-lo nas mãos das novas gerações. Com a narrativa dos contos do rio, os Kokama escrevem suas histórias e reativam suas memórias. Dessa forma, o povo Kokama cria e caracteriza o próprio rio e seus personagens, um ambiente indeterminado e mutável, definido de acordo com as relações estabelecidas e rompidas, o conto do rio pode ser lido como uma narrativa, como uma memória.

Outro processo educativo cultural dos indígenas Kokama em parceria com a escola *Ikuari* e a rádio Ucamará, conforme a Univisão América Latina (2013), é a criação de um grupo musical indígena Kumbarikira (compadrito), o qual é um projeto inspirado na perda das tradições da cultura Kokama. Contaram com o apoio de uma Organização não Governamental (ONG) alemã liderada por músicos e artistas que, através da arte e da música, realizam transformação social especialmente em crianças e jovens indígenas. Seu objetivo é que, por meio de expressões artísticas e musicais feitas em Kokama e em espanhol, as crianças indígenas Kokama percebam que suas vozes são poderosas o suficiente para serem ouvidas, encorajando os outros a dizer o que pensam e sentem. Esta ONG transformou os processos criativos em músicas sonoras e cativantes, inspiradas em ritmos tradicionais e sons contemporâneos como o hip hop (UNIÃO AMÉRICA LATINO, 2013)

No Brasil, no desenvolvimento político-legal da educação escolar indígena, a partir da Constituição de 1988 e o que foi derivado disso, é discutido o progresso e os limites da implementação dessas políticas, considerando a complexidade dos desafios e necessidades que ainda existem para a construção de uma escola indígena cujo guia é o respeito pelos próprios modos de vida, ensino e aprendizado com as comunidades. É transversal a análise e o reconhecimento da condição de sujeito dos povos indígenas e a defesa da implementação de práticas que resgatem e reafirmem suas tradições.

Diante disso, a educação indígena Kokama é uma das características mais marcantes desse povo. As demandas educacionais também foram uma luta constante ao longo da história desse povo indígena. Trata-se de uma educação que vem abrindo caminhos para vincular suas

experiências de descolonização, aceitação, fortalecendo sua identidade, conservação e / ou recuperação da língua, e sua diversidade cultural com outros não indígenas.

Nesse sentido, pensando em termos de educação intercultural bilíngue e formação de seus próprios recursos humanos, planteiam-se sistemas educacionais interculturais que são propostos com sua própria filosofia, cosmovisões, reconhecimento de seus direitos econômicos, sociais, políticos, religiosos, culturais, reconhecendo os valores e a contribuição para a humanidade em termos de igualdade.

Nesse contexto, destaco a autora Aracy Silva onde diz que: “é crucial entender que para os povos indígenas a luta [é] pelo exercício do direito, de viver com dignidade e liberdade, e até mesmo de ser capaz de sobreviver tornando-se, assim, o projeto prioritário” (SILVA, 1993, p. 57).

No dia 05 de abril de 2019, conversando com os caciques da escola indígena Kokama Tsetsu Kamutum do Bairro de Grande Vitória, o professor Francisco Braga Maricaua e Ednay Moraes Panduro, comentaram que o povo indígena Kokama é um dos povos indígenas que mais se sobressaíram na luta perseverante da educação, entre outros, pois eles já formam parte de nosso cotidiano. Além disso, no dia 15 de maio de 2019, conversando com Perpétua Kokama, integrante da COPIME, os indígenas Kokama têm projetos educacionais com metas e objetivos que possibilitam que eles expressem aos seus interesses para integrar-se à vida como, por exemplo, em Manaus, existem três centros culturais que funciona como escolas onde dão aula de Kokama, pois não existem escolas Kokama no entorno. Como exemplos temos:

- O centro municipal de educação indígena *TSETSU KAMUTUN*<sup>8</sup> que fica localizado na rua Nova Olinda, número 86, bairro Grande Vitória – Manaus, o qual foi inaugurado no dia 13 de fevereiro de 2003;

- O centro municipal de educação escolar indígena *URUKURIA KOKAMA*<sup>9</sup> que fica localizado na comunidade karuar, rua Pedro Galvão, antiga rua ravinho, sem número, bairro João Paulo, próximo à entrada do Brasileirinho – Manaus, o qual foi inaugurado no dia 05 de março de 2017. Os responsáveis e professores são os caciques: Eliciario Arirama e Val Marinho Kokama;

---

<sup>8</sup> Estrela do amanhã

<sup>9</sup> Escola Coruja kokama.

- O centro municipal de educação escolar indígena *ATAWANÃ KUARACHI KOKAMA*<sup>10</sup> que fica localizado na estrada do brasileiro, km 08, ramal 8, comunidade nova esperança Kokama, o qual foi inaugurado no dia 25 de dezembro de 2017. Os Kokama ali residentes são oriundos de várias cidades do Amazonas como: Santo Antônio do Içá, com os deslocamentos para a capital. A responsável é a cacique Jaderline Kokama.

Como podemos observar, os Kokama com a criação de suas escolas vão ganhando autonomia no campo educacional e social, com liberdade para exercer e fortalecer sua língua e suas diversidades culturais

Tendo como referência as palavras dos caciques em menção, o atendimento em todos os centros municipais de educação escolar indígena Kokama é diferenciado, os Kokama sentiram a necessidade de organizar-se em associações ou comunidades com o objetivo de manter suas tradições em meio urbano, vitalizar a cultura, fortalecer a identidade e a língua Kokama na cidade de Manaus.

As escolas têm como visão serem reconhecidas como referência de fortalecimento da língua e da cultura do povo Kokama para as gerações presentes e futuras em Manaus e em todo o estado do Amazonas. Tem como missão possibilitar à comunidade a efetivação de uma educação intercultural, diferenciada e bilíngue.

Além disso, os Kokama possuem também alguns outros centros culturais como o “centro de ciências e saberes tradicionais Kokama Antônio Samias” que foi inaugurado em 17 de junho de 2017, o qual fica localizado na Estrada do Brasileiro, km 8, ramal 08, rua Mutsana, nº 161, Puraquequara II, Comunidade Nova Esperança na cidade de Manaus – Amazonas. Para a inauguração deste, o evento contou com a presença do coordenador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA), Alfredo Wagner Berno de Almeida, acompanhado da diretora do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Heloísa Maria Bertol Domingues, o convite foi feita pela Cacique da comunidade indígena Kokama Maria do Perpétuo Socorro.

Considera-se também que isto foi uma iniciativa do projeto “Centro de Ciências e Saberes: experiências de criação de Museus Vivos” na afirmação de saberes e fazeres representativos dos povos e comunidades tradicionais, chamada Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTI), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Sec. de Sustentabilidade, Inovação e Resiliência (SECIS)

---

<sup>10</sup> Escola Sol kokama

Nº 85/2013, realizado pelo PNCSA, UEA, MAST, Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Associação dos Índios Kokama Residentes no Município de Manaus (AKIM).

**Foto 2:** As principais representantes indígenas kokama e outros representantes institucionais na inauguração do “centro de Ciências e Saberes Tradicionais Kokama Antônio Samias



**Fonte:** Arenillas (2017)

Além do Centro Cultural Antônio Samias, também se inaugurou o “centro cultural de ciências e saberes espaço cultural indígena kokama YATS+ +K+RA<sup>11</sup>”, no dia 18 de junho de 2017, o qual fica localizado na Rua Francisca Mendes, nº116, Bairro Cidade de Deus, Manaus-AM. A cerimônia contou com a participação da mesma equipe que inaugurou o centro educacional Antônio Samias, tendo em consideração que em todas as atividades do povo Kokama nos diferentes centros educacionais todos frequentam de forma unida e participativa.

---

<sup>11</sup> Lua Verde

**Foto 3:** Composição da mesa na inauguração de “centro cultural de ciências e saberes espaço cultural indígena kokama YATS+ +K+RA”



**Fonte:** Arenillas (2017)

Destaco outros projetos educacionais que o povo Kokama também possui as quais são realizadas por meio de publicações de artigos em páginas de um site Kokama denominado “Wikcionário” com a finalidade de melhorar o nível de conhecimento de sua diversidade, fortalecimento linguístico e cultural da população, com ideias de expandir o artigo da língua Kokama e outros documentos relacionados sobre as terras indígenas dos Kokama, e informações sobre o povo nos verbetes dos municípios em que eles se concentram. Em 20 de maio de 2014, foi criada uma categoria no Wikcionário<sup>12</sup> em língua portuguesa para reunir as entradas em Kokama com suas definições em português. No mesmo mês, foram criadas 259 páginas com entradas em Kokama, das quais 27 com imagens. A iniciativa foi proposta como um teste para verificar a viabilidade de se construir uma versão do Wikcionário em língua Kokama (WIKCIONARIO, 2014).

No mesmo contexto, posteriormente, convidou-se falantes ou aprendizes de Kokama a fazer a leitura de termos na língua para gravação e disponibilização dos arquivos de áudio e imagens para melhorar o documento com ilustrações para os artigos e para as entradas do Wikcionário. Além disso, também existe neste site gráfico sobre a demografia, mapas históricos

<sup>12</sup> é um projeto web multilíngue pertencente à Wikipédia Foundation com a finalidade de criar um dicionário eletrônico de conteúdo livre, disponível em mais de 172 línguas diferentes.

de suas migrações, mapa de localização das terras indígenas em que eles vivem, fotos do povo, de seus utensílios, culinária, artesanato etc.

Hoje os povos indígenas estão buscando reafirmar cada vez mais sua identidade étnica e o direito de falarem sua língua. O povo indígena Kokama, após anos e anos de massacre cultural pela sociedade não indígena, vive um momento de fortalecimento dos laços culturais e de sua língua, o Kokama.

Diante disso, conforme Altacy Rubim, 2016, os Kokama residentes em Manaus, especificamente nos centros municipais de educação escolar indígena, avançam na educação diferenciada, com o processo de elaboração dos próprios livros didáticos que no princípio foram elaborados por professores indígenas Kokama da cidade de Nauta- Iquitos no perú e com a ajuda do Ministério de Educação Peruana, os quais possuem o título *Jawati Tinin*<sup>13</sup> I, e II para ensino infantil e II para ensino fundamental I, agora no Manaus-Brasil o livro já conta com atividades dinâmicas entre português e Kokama (RUBIM, 2016).

Conforme as palavras do cacique Francisco Maricaua, o projeto elaboração de livros didáticos com o título *Jawati Tinin I, e II* foi iniciado no ano 2003, no princípio foi a iniciativa dele, depois contaram com ajuda da professora Altacy Correia Rubim Kokama, que também está interessada no projeto para o desenvolvimento de sua comunidade. Relatou também que isto não foi fácil, a coletânea dos livros *Yawati Tinin I e II* foi organizada de forma a abordar conteúdos sobre: alimentação Kokama; os Kokama com os recursos naturais: partes das plantas; os conhecimentos tradicionais de instrumentos de pescar; os conhecimentos tradicionais de caças; as formas tradicionais de plantar; apresentação de danças e musicais tradicionais Kokama e as atuais, história antigas; conhecimento das cores das frutas e dos grafismos. A coletânea está sendo vista pelos envolvidos no processo, desde o alto Solimões ao baixo rio Negro, como uma proposta para se pensar de forma contextualizada o ontem e o hoje vivido pelos Kokama do Amazonas. A partir do ano 2005, além da SEMED contaram com a participação e ajuda do Padre Ronaldo, linguísta do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), que apoia na parte da gramática até a atualidade. Os Kokama estão trabalhando com esses livros há mais de 12 anos, pois foi no ano de 2007 que começaram a ser usados nas escolas.

O projeto, conforme as palavras da professora Altaci Correa Rubim, é considerado pelos Kokama de muita importância, tanto assim que ela apresentou o projeto como parte de um trabalho de pesquisa, considerando também que este apresenta caminhos para a

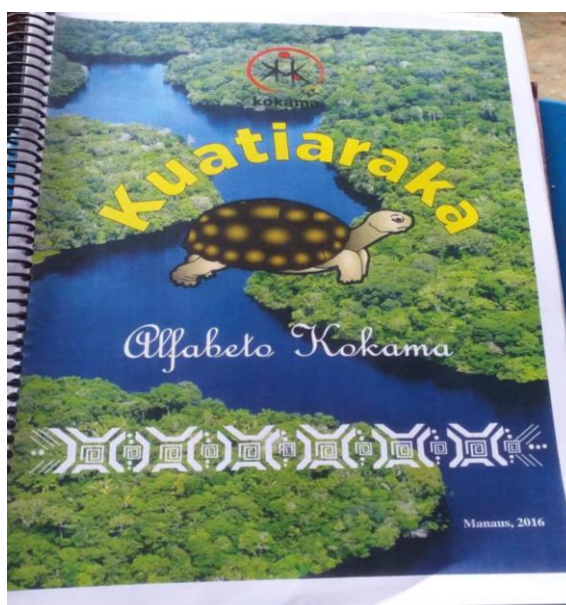
---

<sup>13</sup> Jabuti Branco I e II (I infantil e II fundamental I)

revitalização da língua Kokama. É um trabalho importante, demonstramos que o espaço escolar hoje exige uma metodologia não só para uma forma de ensino e de aprendizagem, mas também e principalmente para uma conquista política; manifestou também que trabalhou como chefe da Gerência de Educação Escolar Indígena da SEMED/ Manaus no período de 2017-2018, onde ela facilitou a documentação do projeto contando com a ajuda desta instituição no desenvolvimento dele. Aqueles livros são trocados a cada 3 ou 4 anos aproximadamente, mediante análises com os Kokama iniciadores do projeto que mencionamos e os representantes Kokama de cada escola.

Observe que os livros utilizados por eles corresponde ao ano 2016, os Kokama vêm se desenvolvendo cada vez mais no aspecto educativo ao lutar pelo ensino de sua língua materna. Eles estão usando, atualmente, um caderno de alfabeto Kokama para crianças de infantil e fundamental I chamado KUATIAKAKA<sup>14</sup>, onde eles aprendem o alfabeto Kokama com palavras, frases, pequenas canções, jogos e ilustrações em relação a sua diversidade cultural em geral (animais, objetos etc.).

**Figura 2:** Caderno Kuatiaraka



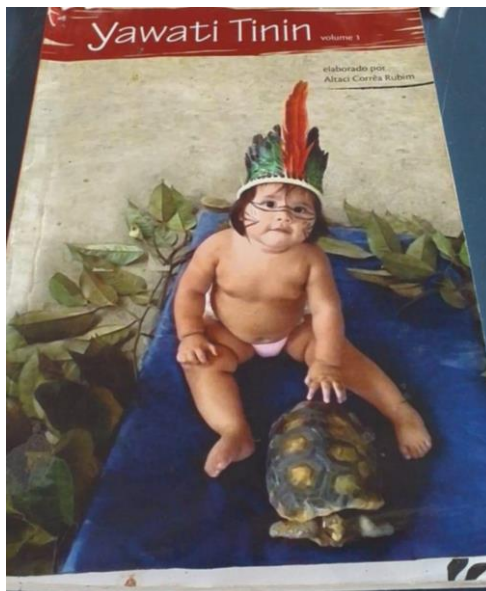
**Fonte:** Acervo Pessoal

O *Jawati Tinin*, que visa ao ensino da língua indígena Kokama para crianças, o qual é considerado um projeto de muita transcendência e vital para a conservação de sua identidade cultural indígena. Não devemos esquecer que a maioria dessas crianças já são alfabetizadas em

<sup>14</sup> caderno de Alfabeto kokama para infantil e fundamental I

língua portuguesa, e a tem como língua materna. O ensino do Kokama se dá, portanto, num contexto de ensino enquanto segunda língua. O material é bilíngue Kokama-português, e sua elaboração insere-se num contexto de fortalecimento linguístico-cultural do povo em menção.

**Figura 3:** Livro Jawati Tinin



**Fonte:** Acervo Pessoal

A autora Altaci Rubim (2016) menciona que a educação diferenciada tem uma estreita relação com o território, a história, as línguas, as culturas, e a vida Kokama com seus parentes de outros países, como do Peru, devido aos Kokama trabalharem a mesma metodologia educativa. Esses livros são elaborados no Peru, especificamente em Nauta, com o apoio do Ministério de Educação peruano, de forma que produz estratégia de fortalecimento da sua diversidade cultural. Assim, a língua espanhola para os Kokama, historicamente foi considerada como sua primeira língua, porém é entendida como uma língua de seus antepassados.

Além disso, mencionamos também que no interior de Manaus existem escolas Kokama, especialmente em São Paulo de Olivença, como:

- Escola Municipal Indígena Kokama Professor Edson Pereira Arcanjo (EMIKPEPA), São Paulo de Olivença (AM);
- Escola Municipal Indígena Kokama *Yatyry Ikuá*<sup>15</sup>, São Paulo de Olivença (AM);
- Escola Indígena Kokama João Martins, São Paulo de Olivença (AM);

<sup>15</sup> Escola indígena kokama União do Saber

- Escola Municipal Indígena Kokama Rano Raimuni<sup>16</sup>, São Paulo de Olivença (AM);
- Escola Indígena Kokama São Sebastião, São Paulo de Olivença (AM).

### 2.3.2 Descrição das Escolas Indígenas Kokama em Manaus

Começaremos com a escola indígena Kokama mais antiga da cidade, que é o centro municipal de educação indígena Kokama TSETSU KAMUTUN, localizada na Rua Nova Olinda, número 86, bairro Grande Vitória, zona leste de Manaus, a qual foi inaugurada o dia 13 de fevereiro de 2003.

No dito bairro, durante a pesquisa observamos que há a presença de vários comércios e mercados. Mas, infelizmente, suas ruas principais estão sem asfalto e outras em processo de pavimentação. O principal ponto inicial para chegar ao centro de educação indígena kokama é a parada do supermercado “Baratão da Carne”, próximo a ela está uma das ruas principais chamada Barreirinha, seguindo nessa rua por aproximadamente cinco blocos, e então virando à esquerda, chega-se à rua Jerusalém, indo direto, passando por duas ruas, respectivamente Campo Grande e Irapurá, finalmente chega-se à rua nova Olinda, antiga rua laranja chavo. O centro municipal de educação indígena fica especificamente localizado no número 86, ao final de uma ladeira.

No dia 30 de março de 2019 (sexta-feira), no período da manhã me dirigi ao centro educacional onde fui gentilmente recebida pelos caciques Francisco Braga Maricaú e Ednay Moraes Panduro, os quais me responderam algumas perguntas pertinentes a este estudo e cederam informações sobre o centro educacional indígena Kokama. O centro, inaugurado no dia 13 de fevereiro de 2003, conta com um espaço de 6 metros de frente por 20 de fundo parcialmente construído, o qual também é a casa dos caciques e professores citados. A sala onde ministram as aulas é muito pequena, precária, inadequada, quente e faltam paredes a serem construídas.

---

<sup>16</sup> Escola indígena kokama Rano Raimundo; em homenagem a um professor

**Foto 4:** Caciques Francisco Maricaú e Ednay Panduro



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 5:** Frente do centro municipal de educação indígena TSETSU KAMUTUN



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 6:** Sala de aula do Centro Municipal de educação indígena TSETSU KAMUTUN



**Fonte:** Acervo Pessoal

Conforme as palavras do cacique e professor do centro, Francisco Braga Maricaua Kokama, o objetivo e a estratégia do estabelecimento é fortalecer a língua kokama. A criação desse centro foi um processo difícil, a princípio não era aceito, havia uma forte resistência e luta por parte de outros parentes kokama que não aceitavam ele e sua esposa enquanto representantes do centro, havia uma espécie de preconceito, pois para serem representantes de um centro desse tipo, eles deveriam possuir formação acadêmica. Atualmente, ele está cursando pedagogia na Universidade Estadual do Amazonas (UEA), a universidade facilitou a aproximação dele com outras pessoas, além de seu povo, desse modo ele deve fazer-se conhecer, saber de sua pessoa, de seu espaço educacional na universidade e sua grande participação em movimentos culturais e acadêmicos. Então ressaltamos aqui a luta de Francisco Maricaua pelo reconhecimento. Ele comentou também que já existem vários trabalhos científicos com relação a sua pessoa e a sua comunidade, como o projeto de reabilitação da língua materna feito por ele em parceria com a SEMED, o que faz a diferença e incentiva outras pessoas a promover o centro.

Em 2005 ele ganhou uma bolsa de artes plásticas outorgada pela Universidade Estadual em menção onde ele está cursando pedagogia, no mesmo período buscou um espaço para trabalhar projetos com os povos indígenas; em 2006 ele foi convidado a trabalhar na secretaria de estado de assistência social, atuando no cargo até 2016. Em 2010, a secretaria de educação municipal, através da gerência de educação indígena, procurou-o por suas constantes

lutas, reconhecendo seu trabalho e seu interesse no centro, neste período sua comunidade o nomeou como o responsável oficial do centro educacional. Posso dizer que a partir de uma mobilização política, com educação e capacitação ele “ultrapassou” seus contrários.

Para ele, tornar-se professor foi um desafio, onde precisou procurar a orientação de seus avós, pois tinham um conhecimento mais amplo da língua Kokama e a sua relação com o espanhol quanto a tradução de expressões, além de terem conhecimentos tradicionais sobre a pesca, a floresta, e a agricultura, sempre procurando alternativas. Explicou também que o interesse pelo centro e a transcendência de família começou primeiro pelo seu avô Antônio Maricaú, de 90 anos, depois pelo senhor Francisco e atualmente por ele e sua esposa Ednay.

Em 2015 e 2016, eles estavam trabalhando especificamente com cantos e atividades contextualizando o português e a língua nativa. Ademais, falou que não existiam materiais didáticos indígenas, por isso ele e sua esposa precisaram procurar ajuda de amigos e instituições, sendo que a UEA tem iniciativa através das exposições culturais, artísticas, além de alguns amigos que são estudantes da UFAM.

Conhecendo um pouco mais sobre o Centro de Educação Indígena Kokama, soubemos que atualmente são 15 famílias kokama humildes que sustentam e formam parte da comunidade estudantil. Falamos de crianças, adolescentes e pais de família, pois a maioria não tem curso superior, as mulheres são empregadas domésticas e donas de casa, os homens trabalham com artesanato. A cacique Ednay falou que eles, infelizmente, não tiveram outras oportunidades.

Tem-se 31 crianças e adolescentes de 3 a 14 anos que são alunos do centro, dentro da turma tem 29 alunos Kokama, existem 1 criança Tikuna e 3 Piratapuya, eles estudam a língua kokama pela parte tarde, de segunda a sexta-feira, pois durante as manhãs eles estudam em diferentes escolas municipais próximas ao bairro, como: Escola municipal Danilo Correia, Vicente Mendoza e Hernandez Nascimento.

A população adulta, informação outorgada pela cacique e professora Ednay, da escola indígena está formada por 26 pessoas entre 14 e 58 anos. A maioria dos adolescentes estudam a língua Kokama aos sábados à tarde, de segunda-feira à sexta-feira eles estudam na escola estadual de tempo integral chamada Cíntia Régia, também próxima ao bairro, no resto do tempo se dedicam ao artesanato. Existem alguns jovens que estão interessados em fazer faculdade, e se preparam para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outros vestibulares, exemplo disso são as meninas kokama Franciele Moraes Panduro, de 20 anos, e Franciane da Silva, de 22 anos, as quais encontram uma alternativa na língua espanhola para se preparar e pensar em uma futura carreira.

**Foto 7:** Entrevista com mulheres Kokama



**Fonte:** Acervo pessoal

**Foto 8:** Estudante do Enem Francilene Moraes Panduro



**Fonte:** Acervo pessoal

Assim mesmo, a professora de língua Kokama e cacique Ednay, contou também que a escola indígena conta com o apoio da Gerência de Educação Escolar Indígena (GEEI) da

Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Através da assessoria pedagógica, duas vezes por mês, a professora coordenadora Jucinora Venâncio, que trabalha no setor da Gerência Indígena, facilita a elaboração de planos de aula necessários para o seu desenvolvimento mais criativo e significativo e as frequências dos alunos (crianças e adultos).

Atualmente, eles estão desenvolvendo um projeto sobre peixes regionais amazônicos, contextualizando o vocabulário de peixes já conhecidos em kokama mediante atividades na forma oral, escrita e canções com o objetivo de que crianças e adultos urbanos tenham conhecimento das variedades de peixes da região Amazônica. Os professores Kokama utilizam bastante o lúdico para o ensino da língua. Com base na minha experiência enquanto professora, considero que ao se trabalhar com o lúdico na escola são oferecidos os lugares para desenvolver a afetividade na criança, assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo a função simbólica e a linguagem, trabalhando com os limites entre a imaginação e o concreto (real).

A segunda escola indígena Kokama é o Centro de Educação Escolar Indígena Urukuria Kokama, localizado na comunidade Karuara, rua Pedro Galvão, antiga rua cravinho, sem número, bairro João Paulo II, próximo à entrada do Brasileirinho. A escola foi inaugurada no dia 05 de março de 2017, e o bairro encontra-se localizado na Zona Leste de Manaus.

Observamos também que existem vários outros bairros próximos como: Cidade Nova, Santa Etelvina, Monte das Oliveiras. Existe variedade de comércio e algumas das suas ruas principais estão com asfalto e outras em processo de pavimentação. O principal ponto para chegar ao centro de educação indígena Kokama Urukuria é o mercadinho ideal, na Avenida Mirra, número 1517. Esse mercadinho, especificamente, está localizado numa esquina desta avenida e também no começo da rua cravinho, assim, ao seguir essa rua aproximadamente um bloco, chega-se à rua B, depois à rua C, continuando direto por mais um bloco pela esquerda, chega-se à rua Pedro Galvão, antiga rua cravinho, seguindo direto até o término dessa rua chega-se ao começo de uma ladeira, descendo a ladeira chega-se à comunidade Kuarara, que é o lugar onde a escola está localizada. Infelizmente, a comunidade ainda não foi reconhecida pela prefeitura como parte do bairro João Paulo.

**Foto 9:** Ladeira final da rua Pedro Gordão



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 10:** Vista da comunidade Kuarara



**Fonte:** Acervo Pessoal

No dia 27 de junho de 2019 (sábado), no período da manhã, me dirigi ao Centro Educacional onde fui recebida pela anciã Kokama Ofélia Araújo Marinho, esposa do primeiro cacique Pedro Marinho, o qual, por motivos de saúde, deixou a liderança da escola. Ela respondeu a algumas perguntas e cedeu informações sobre o centro educacional indígena Kokama Urukuria. O centro conta com um espaço de 8 metros de frente por 15 de fundo, construído de madeira, onde se ministram aulas de língua Kokama a 10 crianças e 8 adultos uma vez por semana, especialmente aos sábados: as crianças pela manhã e os adultos pela tarde. A missão da escola é revitalizar a língua Kokama, fazendo do Centro Cultural Kokama o motivo

da construção da escola no bairro de João Paulo III, descentralizar e promover as escolas indígenas Kokama.

**Foto 11:** Anciã da escola indígena Kokama Ukukuria



**Fonte:** Acervo Pessoal

Atualmente, 10 famílias mantêm a escola com recursos próprios, os professores que ministram aulas da língua Kokama são os caciques já mencionados, quando há algum inconveniente que os impede de ministrar as aulas, seja por motivo de saúde ou trabalho, eles contam com a ajuda do parente Silvanio Gracia Brandão Kokama. Nenhum dos três professores reside próximo à escola, todo o trabalho de ministrar as aulas de língua Kokama é feito de forma filantrópica, ninguém é contratado, e no momento eles não tem acompanhamento da Coordenação de Gerência de Educação Escolar Indígena e nem da SEMED. Sobre isso, a cacique afirmou que estão em processo de formalização com a SEMED, a assessoria técnica já realizou uma visita encaminhada pela demanda deles, mas não obtiveram retorno, a instituição reafirmou que em 2020 eles teriam um professor contratado.

Observamos que a escola, além de ser grande e estar parcialmente construída em madeira, é rodeada de árvores frutíferas como manga, açaí, mamão e tucumã. Existe o contato com a natureza, mas não tem segurança, é bastante inacessível, acidentada, não conta com uma estrutura adequada para dar aula e observa-se a falta de higiene e cadeiras.

**Foto 12:** Escola indígena Kokama Ukukuria



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 13:** Sala de aula da escola Urukuria



**Fonte:** Acervo Pessoal

O terceiro espaço a se mencionar é o Centro Municipal de Educação Escolar Indígena Atawanã Kuarachi Kokama, localizado na comunidade Nova Esperança Kokama, especificamente na estrada do Brasileirinho, km 08, ramal 8, o qual foi inaugurado no dia 25 de dezembro de 2017. O ponto de referência para chegar a esta comunidade Kokama é o “balneário do Clóvis”, ao descer do ônibus no km 8, segue-se direto o ramal 8, bem à direita encontra-se a comunidade Kokama em menção.

**Foto 14:** Entrada da comunidade indígena Kokama Nova Esperança



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 15:** Comunidade indígena Nova Esperança



**Fonte:** Acervo Pessoal

No dia 28 de setembro de 2019 (sábado), chegando à comunidade Nova Esperança fui recebida pela cacique Maria do Perpetuo Socorro que também é esposa do presidente da Associação de Indígenas Kokama do Município de Manaus (AKIM), Carlos César da Costa Santos. Ela informou que a escola foi inaugurada no dia 25 de dezembro de 2017. Os Kokama residentes na comunidade são oriundos de várias cidades do estado brasileiro do Amazonas como: Santo Antônio do Içá, Tefé, e São Paulo de Olivença.

**Foto 16:** Cacique Maria do Perpetuo Socorro



**Fonte:** Acervo Pessoal

Conforme as palavras da cacique, a comunidade tem 14 anos de criação, antigamente eles viviam em um local ainda mais no interior do ramal 08, porém tiveram muitos problemas porque a dona do terreno onde moravam queria lucrar com os poucos benefícios que a comunidade conseguia. Com esse impasse, eles precisaram procurar outro lugar, assim conseguiram o terreno onde atualmente vivem e contando com a ajuda de todos os seus parentes construíram tudo novamente, foram anos de sacrifício e luta. Atualmente, são associadas 25 famílias que moram na comunidade.

No mesmo contexto, conhecemos e conversamos com a professora de língua Kokama Jaderline Kokama, ela é filha da cacique Maria e mora na comunidade. Ela conta que, no princípio, sua mãe ministrava as aulas de língua Kokama de forma filantrópica, sem apoio da prefeitura. Comentou também que toda a sua família luta para revitalizar a língua Kokama

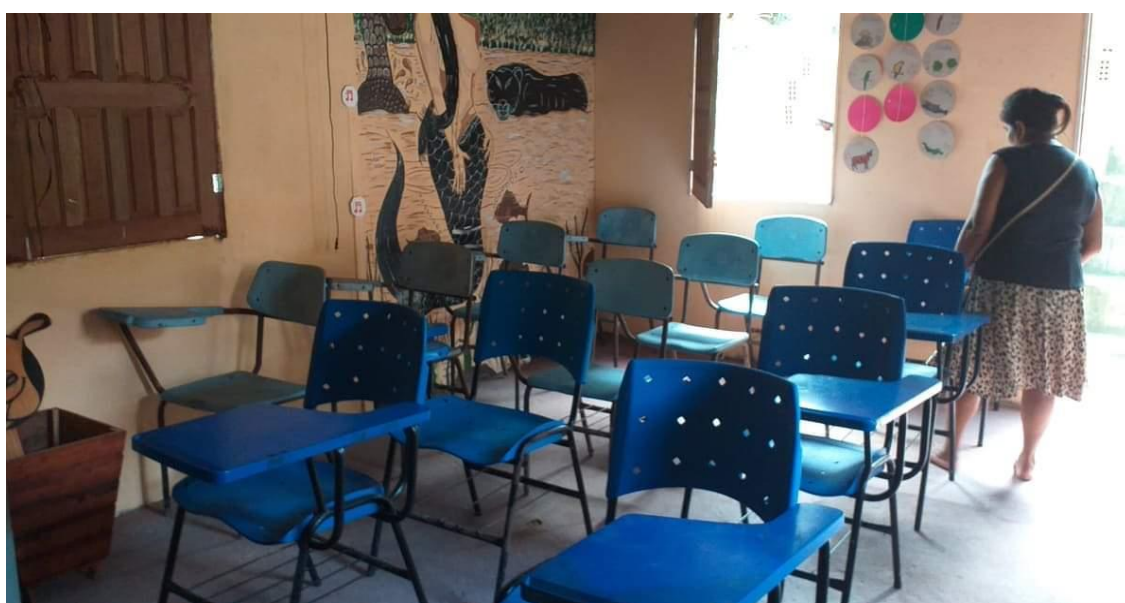
porque faz parte das suas identidades, eles não podem esquecer-se disso, pois o futuro são as crianças que moram na comunidade, as tradições devem passar de geração em geração. Eles trabalham procurando por parcerias e nisso puderam contar com a ajuda do Centro Universitário do Norte (UNINORTE), o qual ajudou a construir a escola indígena Kokama naquela época, a escola mede 4 metros de frente por 7x50 metros de fundo, com uma boa estrutura e muito bem equipada.

**Foto 17:** Escola indígena Atawana Kuarachi Kokama



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 18:** Sala de aula da escola indígena



**Fonte:** Acervo pessoal

Atualmente, Jaderline é quem trabalha como professora na escola indígena, que conta agora com contrato firmado com a prefeitura de Manaus (SEMED) e com o apoio da assessoria pedagógica da coordenação da Gerência de Educação Escolar Indígena, através da assessora Jovana Olivera e sua orientação de uma ou duas vezes por mês. Ela ministra aula todos os dias a 23 crianças pela manhã e a 43 adultos pela noite, onde, além de considerar o plano e projeto da prefeitura, eles também trabalham no desenvolvimento de todas as suas atividades com o livro Jabuti Tinin que a professora Altacy trouxe de Nauta, Peru, para ser utilizado nas escolas indígenas Kokama de Manaus.

**Foto 19:** Professora Jaderline na escola indígena



**Fonte:** Acervo pessoal

Conforme a professora Jaderline, além da escola também existe, dentro da comunidade, uma maloca chamada Ritamaka Uka Nuan<sup>17</sup> que é espaço onde fazem as suas atividades culturais.

---

<sup>17</sup> Casarão Grande

**Foto 20:** Maloca da escola indígena



**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 21:** Ritamaka Uka Nuan



**Fonte:** Acervo pessoal

Além disso, falando sobre o sentido da língua espanhola, a professora Jaderline afirmou que essa língua para ela como para muitos de seus parentes, têm muita similitude com a língua Kokama porque nela há um conjunto de expressões que se originam com o espanhol do Peru, assim mesmo comentou que existem palavras e expressões na língua Kokama que são próprios da quéchua, uma língua que remonta ao Peru, onde estão os seus antepassados. Mais uma vez refletimos sobre o texto de Ramos, onde encontramos provas e testemunhas da ligação da língua Kokama com o espanhol, inclusive o quéchua.

### CAPÍTULO 3: DINÂMICA ÉTNICA E A QUESTÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA

Este capítulo apresenta a dinâmica étnica Kokama e o interesse no ensino da língua espanhola para a educação indígena Kokama, a qual não é isolada deste povo. O ensino do espanhol concretiza o direito à educação considerando que esta língua é de suma importância, além de estarem cercados de países de fala hispana, para os Kokama o espanhol tem um sentido importante e relativo a sua língua e a seus antepassados, que será transcendente na vida deles e no futuro da sua cultura. Assim, poderíamos dizer que a Língua Espanhola serve tanto para o desenvolvimento étnico, educacional, intelectual, visto que agora esta língua encontra-se presente no cotidiano educacional e possibilita adquirir, além de mais conhecimentos, uma visão de mundo mais ampla.

#### 3.1 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS E ESTRATÉGIAS ÉTNICAS

##### 3.1.1 Políticas Linguísticas

Antes de avançar, cremos ser relevante fazer uma breve análise dos conceitos que envolvem a questão política, em especial a de política linguística.

De acordo com Norberto Bobbio (2000), política linguística envolve não apenas questões de cunho social, como também, e de forma destacada, a questão do poder, em todos os seus âmbitos. O poder político pode se manifestar e efetivar a partir e através: a) do poder econômico, da posse dos meios de produção; b) do poder ideológico, das ideias de grupos socialmente consagrados; e c) do poder político propriamente dito, pelo uso da força física. (BOBBIO, 2000, apud TEIXEIRA, 2014).

Rainer Hamel (1993) afirma que, de acordo com a maioria das concepções, duas grandes áreas são estabelecidas: a) política linguística externa, referindo-se ao papel de cada língua, seus usos e funções em contextos multilíngues; b) política linguística interna, que trata de normas gramaticais, codificação, padronização, elaboração de alfabetos e léxico. Afirma existir ainda uma terceira área, c) que trata da educação, por meio de políticas educacionais, tradicionalmente efetivadas pelas escolas e centros de formação. (HAMEL, 1993).

Sobre essa questão, Francisco Moreno Fernández (2012) acrescenta uma quarta área d) destinada a tratar dos meios de comunicação.

“[...] donde no alcanza la escuela, pueden llegar los medios de comunicación social. [...] pueden ser un instrumento eficaz para la planificación lingüística. De momento, están consiguiendo que los hablantes de unas variedades conozcan otras muy lejanas

y diferentes, lo que afecta a sus actitudes lingüísticas, y se están convirtiendo en paradigma indiscutible de buen hablar, de prestigio. Además, si se conociera bien la lengua de la radio y la televisión, se sabría qué dirección pueden tomar, en plazos muy breves, algunos cambios lingüísticos, y se podrían orientar.” (FERNÁNDEZ, 2012, p. 342).

Mackey (1976) destaca a questão do exercício do poder entre e pelas línguas, conferindo maior ou menor grau de status às línguas em contato, de acordo com a relação de força e de poder existente entre os grupos que as utilizam (MACKEY, 1976).

Sobre essa questão, Telma Pereira (2006) considera que:

“Os elementos que conformam o status de uma língua não seriam apenas de ordem jurídica, mas podem ser colocados em termos de força e atração lingüística. A atração ou repulsão entre as línguas seria em função de três distâncias: a distância do poder, a distância geográfica e a distância interlingüística. A distância do poder reporta-se diretamente aos motivos que um indivíduo possui para aprender e para utilizar uma determinada língua. A distância geográfica estabelece que a atração que pode exercer efetivamente uma língua sobre um povo falante de outra língua ou dialeto dependerá das possibilidades e das probabilidades de contato. À distância interlingüística diz respeito às diferenças internas entre as línguas. A similaridade entre duas línguas constitui em si uma força de atração (é o caso entre o português e o espanhol). Da mesma forma que a distância geográfica, a distância interlingüística pode diminuir a força de atração de uma língua para outra” (PEREIRA, 2006, p. 35-36).

Diante disto, os autores Blom e Gumperz (1972) afirmam que ocorrem alternâncias situacionais quando se usam variedades distintas de uma mesma língua, ou quando são línguas variadas ocorrem o que chamam de alternâncias metafóricas [(comparação entre dois elementos por meio de seus significados)] (BLOM; GUMPERZ, 1972, apud TEIXEIRA, 2014).

Destaco neste sentido, no mesmo texto, que as meias línguas, línguas misturadas ou soluções de fronteira são as variedades linguísticas encontradas em situações limítrofes, oriundas da vizinhança histórica e das migrações, seja por questões ideológicas, econômicas ou políticas. São a manifestação de uma acomodação comunicativa, destacadamente presente nas situações de contato linguístico fronteiriço. Fishman (1999) classifica as fronteiras em: a) geográficas, relacionadas ao conceito de território; b) (inter)étnicas, relacionadas ao conceito de etnia; e c) sociais, relacionadas ao conceito de grupo social, e destaca que, em cada um desses espaços surgem línguas de contato, as meias línguas.

Assim mesmo, as extensões geográficas do mundo hispânico permitem o surgimento de meias línguas como resultado da mistura da língua espanhola com outros elementos de línguas. Essas soluções de fronteira podem possuir aceitação social, dada sua utilidade como ferramentas de comunicação, de transição entre os povos. São exemplos de meias línguas no mundo hispânico o chapurreao, oriundo da mistura de elementos do castelhano e do catalão (TEIXEIRA, 2014).

No entanto, essas meias línguas não são a regra, não estão presentes obrigatoriamente em todos os contextos geográficos de fronteira. De acordo com Fernández (2012), há territórios fronteiriços entre o Brasil e a Colômbia onde o espanhol e o português mantêm-se diferenciados entre si, sendo utilizados naturalmente de forma distinta por seus falantes, mesmo em situação de contato especificamente entre as cidades de Leticia e Tabatinga, onde seus habitantes distinguem naturalmente entre o espanhol e o português, além das línguas indígenas presentes na região (FERNÁNDEZ, 2012).

Nesses territórios fronteiriços não há uma língua misturada, uma meia língua socialmente aceita e usada como ferramenta de contato intermediário entre os povos vizinhos, apenas existem transferências individuais inevitáveis em contextos de contato linguístico. Segundo Alvar (1977), os espanhóis e portugueses que moram em Letícia mantêm sua independência mútua. (ALVAR, 1977, apud TEIXEIRA, 2014)

Diante disto, o autor Villanueva (1980) sustenta que os contatos (inter)étnicos, principalmente os originários de movimentos migratórios, podem levar à formação de grupos sociais ou socioétnicos que, em contato com outros grupos, permitem o surgimento de meias línguas sociais, com variadas funções, muitas vezes levando à transculturação de indivíduos de um grupo a outro por conflitos identitários. É exemplo o portunhol brasileiro, variedade que mistura o português brasileiro com muitos elementos do espanhol, normalmente falada por hispânicos no Brasil (VILLANUEVA, 1980, apud TEIXEIRA, 2014).

Retomando o foco à questão das políticas linguísticas, segundo Ferreira (2010), apesar de no Brasil ser uma temática recente, figura na mesa de discussões de investigadores em várias partes do mundo desde a década de 50. A autora afirma que: “[...] sempre existiu o interesse de legislar, ditar o uso correto da língua ou intervir na sua forma, mas a política linguística e o planejamento linguístico são conceitos recentes.” (FERREIRA, 2010, p. 01).

Conforme o texto de Wagner Teixeira (2014), em 1974, Fishman propõe outra etapa de orientação e a divide em três possibilidades: 1) institucionalização, com a criação de uma língua nova; 2) ampliação, por meio da difusão de uma língua pré-existente; ou 3) substituição. Rubin e Jernudd (1971) defendem uma concepção sociolinguística para o planejamento, baseada em fatores como as atitudes dos falantes com relação à(s) língua(s) e seu(s) valor(es) simbólico(s). Contrária a essa proposta, Tauli (1974) defende uma concepção instrumental, que considera a língua como um mero instrumento de comunicação. Assim, o planejamento linguístico busca aperfeiçoar a língua para tornar a comunicação mais eficaz (TEIXEIRA, 2014).

Segundo Calvet (2007), as políticas linguísticas podem ser elaboradas por diferentes grupos que desempenham distintos papéis na organização social, porém, para ele, somente o Estado teria o poder e os mecanismos necessários para pôr em prática determinadas políticas.

“Chamaremos por política linguística um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e de planejamento linguístico, a implementação concreta de uma política linguística, de certo modo, a passagem ao ato.” (CALVET, 2007, p. 33).

Ao propor discussões em relação às políticas linguísticas, Martel (2002) destaca que devemos ter bem claro que seu planejamento e sua implementação sofrem interferências do Estado, porém, para que o processo ocorra sem grandes prejuízos, em termos sociais, culturais e linguísticos, deve estar orientado por conhecimentos fundamentalmente sólidos sobre a língua em seu contexto sócio histórico de uso (apud TEIXEIRA, 2014).

Assim mesmo, Calvet, (2070) afirma que:

“A intervenção humana na língua ou nas situações linguísticas não é novidade: sempre houve indivíduos tentando legislar, ditar o uso correto ou intervir na forma da língua. De igual modo, o poder político sempre privilegiou essa ou aquela língua, escolhendo governar o Estado numa língua ou mesmo impor à maioria a língua de uma minoria. No entanto, a política linguística (determinação das grandes decisões referentes às relações entre línguas e a sociedade) e o planejamento linguístico (sua implementação) são conceitos recentes que englobam apenas em partes essas práticas antigas.” (CALVET, 2007, p. 11).

A partir do exposto, percebi que discussões em torno das políticas linguísticas são complexas e delicadas, Calvet (2007) nos apresenta diferentes fatores que deveriam ser considerados no processo de discussão das políticas linguísticas:

1. Dados quantitativos: quantas línguas e quantos falantes para cada uma delas;
2. Dados jurídicos: status de línguas em contato, (re)conhecidas ou não pela Constituição, utilizadas ou não na mídia, no ensino etc.;
3. Dados funcionais: línguas veiculares (e sua taxa de veicularidade), línguas transnacionais (faladas em diferentes países fronteiriços); línguas gregárias, línguas de uso religioso etc.;
4. Dados diacrônicos: expansão das línguas, taxa de transmissão de uma geração a outra etc.;
5. Dados simbólicos: prestígio das línguas em contato, sentimentos linguísticos, estratégias de comunicação etc.;
6. Dados conflitantes: tipos de relações entre as línguas, complementaridade funcional ou concorrência etc.

Contudo, os fatores apresentados por Calvet (2007) não se esgotam em si, em se tratando de política linguística, pois devemos levar em consideração as evoluções que ocorrem no curso da avaliação de determinadas políticas linguísticas. A complexidade reside justamente nos fatores que, a princípio, não são evidenciados pelo autor, mas que passam a ser considerados, em decorrência das situações que levam a se pensar em uma eventual política linguística.

Conforme Rajagopalan (2005), temos bem clara a ideia de que a política e o planejamento linguísticos devem pautar-se nos contextos sociais, de uso da linguagem, sem, contudo, desconsiderar as discussões do campo teórico como tratamos de políticas linguísticas, consideramos sua heterogeneidade e sua correlação com o planejamento linguístico em virtude de que o processo se dá nos mais diferentes contextos sociopolíticos, em determinados contextos de planejamento linguístico é tida como cerne da política linguística e em outros como simplesmente sua aplicação (RAJAGOPALAN, 2005, apud TEIXEIRA, 2014).

Posso considerar que a política linguística se compara as decisões referentes as relações entre as línguas e a sociedade e que o planejamento linguístico seria o responsável por sua implementação. Contudo, as dificuldades em sua implementação se apresentam justamente no processo legislativo, que, em muitos casos, cria amarras para a aplicabilidade da proposta de política linguística.

Assim, ao falarmos da política linguística quero destacar o texto de Socorro Tavares, o estudo das políticas linguísticas, onde afirma que a política está intrínseca à língua, e a discussão das políticas linguísticas no Brasil indicou também que a língua não é apenas um instrumento de inclusão, mas também de exclusão social, principalmente para aqueles que não dominam “a língua” reconhecida na sociedade; a intervenção na língua pode ser utilizada como um meio para se atingir determinados fins, ou seja, a política linguística pode se constituir como um instrumento para o alcance de objetivos políticos, econômicos, ou de outras ordens; a necessidade de policiar, controlar uma língua, caracteriza também nossa cultura linguística, definindo valores, preconceitos, restrições em relações às línguas e suas variedades.

Enfim, “a língua é atravessada pela política, pelo poder, pelos poderes” e essa dimensão confere aos “usuários” da língua prestígio, intolerância, identificação, pertença objetivos políticos, econômicos, ou de outras ordens. A necessidade de policiar, controlar uma língua caracteriza também nossa cultura linguística, definindo valores, preconceitos, restrições em relação às línguas e suas variedades (TAVARES, 2014, p. 111).

As políticas linguísticas vêm cada vez mais conquistando espaço no âmbito dos estudos linguísticos na América latina e em outras partes do mundo. Entretanto, no Brasil, considerado um país com uma grande diversidade linguística, a temática ainda é recente. Nessa perspectiva, o órgão oficial do governo no Brasil aponta para um número cada vez maior de línguas no país, por exemplo, o Censo do IBGE (2010) apresenta cerca de 280 línguas. Cada comunidade encontra-se em diferentes estágios de proficiência de sua língua e busca uma política efetiva para a problemática das línguas em questão.

### 3.1.2 Estratégia Étnica Kokama

O aumento dessas demandas por uma forma de avivar ou fortalecer suas línguas, levaram o Estado a repensar o processo de uma política específica para esses povos indígenas. Posso destacar um exemplo que no Peru os Kokama, conforme informações da Federação Kokama Kokamilla - FEDECOCA (1996), se autodenominaram e se organizaram pela primeira vez em 1980, em sessenta e seis comunidades e atualmente tem muito mais, de forma que todas lutam para fortalecer sua língua e identidade. Porém, consideramos que a organização por meio de associação foi o primeiro passo dado pelos Kokama tanto no Brasil, quanto no Peru, para conseguirem ser atendidos em suas reivindicações.

Nessa perspectiva, o povo Kokama no Brasil, segundo Altacy Rubim e Enilde Faulstich (2004) no artigo Aspectos de política linguística na língua Kokama, é marcado pelo processo de obsolescência e desaparecimento da sua língua e identidade. Porém, devemos ressaltar a retomada do fortalecimento desta língua e da identidade Kokama por meio da autoestima e das conquistas territoriais, educacionais e artísticas (RUBIM; FAULSTICH, 2014, p. 25).

Então, no Brasil, após a criação de associações de indígenas como os Kokama, a luta passou a ser coletiva em busca da demarcação de terra e, entre outros, pela educação. O fortalecimento linguístico ocorre gradativamente em todas as comunidades Kokama do Amazonas.

Conforme Altacy Rubim e Enilde Faulstich, o Brasil é um país plurilíngue, mas pouco se tem feito para manutenção, avivamento ou fortalecimento linguístico das mais de duzentas línguas existente no país. Entretanto, há algumas iniciativas efetivas em relação à política de valorização e promoção de algumas línguas brasileiras diferentes do português, amparadas por Leis, Pareceres e Decretos, expostos na Constituição Federal (1988), LDB (1996), Resolução

03 (1999), Plano Nacional de Educação PNE (2014) e outros (RUBIM; FAULSTICH, 2014, p.29).

O trabalho de Altaci Rubim (2016), sobre a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru podemos mencionar que:

“As comunidades kokama desde suas aldeias e zonas urbanas se reorganizaram para realizar o processo de ensino e aprendizagem de seus aprendizes da língua kokama e passam a socializar materiais didáticos na língua kokama produzidos pelos professores kokama do curso para professores indígenas do Alto Rio Solimões; também por professores kokama de Manaus e dos professores kokama do Peru.” (RUBIM, 2016, p. 43).

Então, o trabalho realizado no avivamento da língua com os Kokama do Brasil e do Peru vem num movimento crescente de fortalecimento linguístico em ambos os países. Portanto, podemos dizer que este processo de política linguística é vivenciado pelos Kokama do Brasil, a nova geração assume o compromisso de fortalecer o aprendizado da língua Kokama por meio das iniciativas acima mencionadas e busca caminhos para a construção de uma escola que seja realmente significativa para os Kokama.

Quanto às estratégias de ensino aprendizagem étnica Kokama, de acordo com os professores da língua Kokama como Ednay, Jaderline Kokama e caciques das escolas indígenas Kokama de Manaus, como Val Marinho e Francisco Maricaua, são como o ensino e aprendizagem de qualquer outra língua. As estratégias são técnicas utilizadas pelos professores Kokama com o objetivo de ajudar o aluno a construir seu conhecimento. Essas técnicas são essenciais para extrair o melhor aproveitamento do aluno, ajudando-o a adquirir e a fixar o conteúdo que foi ministrado.

Desse modo, considerando minha experiência como professora e pesquisadora, acredito que essas estratégias devam ser muito bem pensadas, elaboradas e planejadas pelo professor, o qual deve ter bastante cuidado não só com o planejamento, mas também na execução dessas ideias. Quando escolhemos uma estratégia de ensino, devemos analisar se ela é realmente adequada para aquele conteúdo e se consegue atingir, de maneira positiva, a maioria dos alunos em sala. Consideramos também a idade dos alunos e das alunas. Não podemos esquecer ainda que, para adotar uma estratégia de ensino, é importante conhecer os alunos e suas peculiaridades, no caso específico dos Kokama sua diversidade cultural. Uma boa estratégia ao trabalhar com alunos jovens e adultos é que o professor tenha em mente a importância da formação de pequenos grupos para um resultado mais efetivo. Além disso, é essencial que o professor foque em atividades experimentais que façam com que os alunos

consigam visualizar o que está sendo trabalhado com mais motivação. Neste caso, para os indígenas Kokama como já mencionamos as estratégias devem ser baseadas na sua diversidade cultural, as quais visam analisar os conhecimentos prévios dos alunos antes do início de qualquer atividade com a finalidade de fazer com que eles tenham interesse, motivação no aprendizado e fortalecer seus conhecimentos para seu futuro.

Neste sentido, destacamos uma estratégia proposta segundo Altaci Rubim e Enilde Faulstich (2014) onde afirmam que: “para o processo de fortalecimento da língua Kokama é de uma política linguística baseada na elaboração de materiais didáticos contextualizados, que respeita os processos próprios de ensino e aprendizagem do povo Kokama.” (RUBIM; FAULSTICH, 2014, p. 115).

Neste aspecto, a língua Kokama é trabalhada especificamente nas escolas e nas comunidades Kokama do Amazonas como uma segunda língua, onde também podemos comentar, conforme as palavras da coordenadora, que os instrumentos utilizados para a confecção dos materiais e coleta de dados são através das gravações de áudio, vídeo e fotografia.

Nessa perspectiva, o próprio povo Kokama de diversos lugares do Amazonas enviam entrevistas, vídeos e fotografias do processo que estão vivenciando com a língua para dar visibilidade ao processo de fortalecimento da língua Kokama em sua comunidade.

Segundo Altaci Rubim (2016) na obra chamada “o reordenamento político e cultural Kokama”:

“Outra estratégia o material que está em fase de elaboração é constituído por livros de alfabetização, leitura etc. São chamados de coletânea ‘Jawati Tinin’ jabuti branco, esse material foi inspirado na história do jabuti, animal muito apreciado da culinária Kokama.” (RUBIM, 2016, p. 166).

Neste sentido, podemos considerar que cada comunidade do povo Kokama conhece contos, histórias, mitos que envolve o jabuti. A história contextualiza o material com o cotidiano do povo Kokama. Conforme o mesmo trabalho, outra estratégia ou material em processo de elaboração são as histórias em quadrinhos Kokama-HQK, desdobramento das histórias e mitos coletados do povo Kokama, tanto no Brasil quanto no Peru.

Refletimos assim, que os materiais didáticos produzidos focam o cotidiano do povo Kokama, tanto do Brasil como do Peru, de forma que sua cultura seja vista intrinsecamente relacionada à língua por meio de sua visão social. Nesse sentido, o conjunto de ações foram pensadas para que os materiais didáticos Kokama ficassem o mais próximo da realidade, assim

como a diagramação do material, a escolha da apresentação gráfica levou em consideração os aspectos culturais desse povo.

Consideramos importante lembrar e refletir que para a elaboração destas estratégias e materiais didáticos dos indígenas Kokama, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 210, assegura aos povos indígenas a utilização de suas línguas maternas e reconhece aos povos indígenas sua organização social, estratégias, usos, línguas e tradições.

Assim mesmo, conforme o mesmo artigo, destacamos a Lei de Diretrizes e Bases de Educação – LDB16, Lei 9394/96 nos artigos 77 e 78, os quais dispõem sobre a educação escolar indígena e determinam o seguinte:

“A atribuição de organizar a educação escolar indígena é da União, assim como a responsabilidade de assegurar proteção e respeito às culturas e modelos próprios de educação indígena. Que a educação escolar indígena deverá colaborar para a recuperação das memórias históricas dos povos indígenas, a reafirmação de suas identidades étnicas, a valorização de suas línguas e ciências.”

Estes são pontos que considero muito importante mencionar e refletir no ponto das estratégias com a finalidade de ter uma boa elaboração do material didático, o que permitirá, neste caso, melhorar a qualidade da educação especificamente com relação à população indígena em menção com vistas à sua universalização. Além disso, os materiais didáticos-pedagógicos devem ser descritos com base nas ações do fortalecimento da língua Kokama, como CD de Músicas Tradicionais, série de DVDs multimídia material de apoio para professores Kokama.

Destaco outra estratégia educativa, segundo o mesmo texto, além do Jawati Tinin, em Manaus desde 2005 existe um curso de “Introdução à língua e à cultura Kokama” no Alto Solimões que ocorre somente duas vezes ao ano, com carga horária de 60hs por curso, a educação à distância possibilita em qualquer hora do ano a comunicação entre os envolvidos (RUBIM, 2016).

Pelo exposto, refletimos também que os professores como os cacique das escolas indígenas Kokama de Manaus-Brasil são inspirados pelos materiais dos indígenas Kokama do Peru, o professor da comunidade Kokama cria seu próprio material pedagógico bilíngue Kokama/português.

Além disso, no mesmo texto é mencionado um caderno contendo desenhos do cotidiano Kokama e pequenos textos contextualizados chamado de “*Kuatxiaran Kokama*” que são utilizados nas escolas para que venham a despertar o interesse dos aprendizes da língua

Posso dizer que o processo de elaboração e socialização de materiais didáticos pedagógicos Kokama no Brasil e no Peru ocasionou a necessidade de que os materiais sejam trilíngues: Kokama, português e espanhol.

Pelo exposto, podemos refletir que os indígenas Kokama do Brasil e Peru sempre estão trabalhando juntos quanto as organizações das estratégias étnicas com a finalidade de melhorar o ensino da sua língua Kokama como já mencionamos os livros didáticos dos Kokama chamado Jawati tinin I e II, têm estratégias dinâmicas para facilitar o aprendizado, onde encontramos atividades criativas contextualizando sua diversidade cultural para que as crianças desenhem, pintem, completem frases, cantem, também tem conteúdo de gramática, alfabeto etc. Textos que atualmente serve como uma estratégia étnica de povo indígena Kokama.

Considero também importante mencionar o portal “o espanhol pelo mundo” (2016), que no campo do ensino e aprendizagem de línguas é considerado um dos mais apropriados para o uso de tecnologias analógicas ou digitais, antigas ou novas, porque as habilidades e processos envolvidos no ensino de línguas são muito bem as características e potencial das tecnologias digitais.

O portal menciona que para as práticas de exercícios repetitivos (para melhorar a memorização ou palavras de vocabulário), para a recolha e análise de dados linguística sistemática, tanto a nível semântico como prática sintático para melhorar a pronúncia, a prática da compreensão auditivo através de artefatos digitais, ou o trabalho de expressão oral através da produção de áudio digital, o exercício da leitura através do acesso a material autêntico na Internet, ou o desenvolvimento da escrita através de ferramentas de comunicação síncrona e assíncrona, só para citar alguns, as possibilidades de aplicação de novas tecnologias para o ensino e aprendizagem de uma língua expandir-se cada vez mais, especialmente para o desenvolvimento de habilidades orais (ESPAÑOL PELO MUNDO, 2016).

Além disso, na pesquisa observamos uma proposta de estratégia dinâmica da escola indígena Kokama Tsetu Kamutun onde, seu cacique e professor da língua Kokama Francisco Maricaua, realizou uma palestra na primeira semana de julho 2019 intitulada “Reabilitação da Língua Kokama através das Músicas Contemporâneas” que aconteceu nas instalações da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), com a finalidade de mostrar a presença de sua etnia na atualidade educativa, de sua língua Kokama e promover seu centro educacional.

Foto 22: Palestra de Reabilitação da língua Kokama



Fonte: Acervo Pessoal

No ano de 2016, outra estratégia do Centro Educacional Indígena Kokama Tsetu Kamutun - Grande Vitória, foi com a organização do I Encontro de Ancião de Educação Indígena, onde participaram como exponents os anciãos Kokama convidados de diferentes comunidades da Amazônia brasileira e peruana, falaram temas relevantes de sua história, território, língua, seus conhecimentos ancestrais etc.

Figura 4: I Encontro de anciãos de educação indígena



Fonte: Acervo Pessoal

Outra estratégia étnica que eles desenvolvem é através de um grupo musical Kokama chamado WARUNA<sup>18</sup>, onde difundem sua língua, fazem apresentações culturais, aproximam seus espaços ou centro educacional cultural usando a música como instrumento e estratégia étnica, assim mesmo fazendo uso das tecnologias digitais.

Por o exposto, destaco que é através desta atividade artística que foram contextualizadas as aulas de língua espanhola, considerando que esta estratégia é muito motivadora e atual. Além disso, a música é comunicação, expressão, é uma das formas que os povos Kokama possuem para preservar sua diversidade cultural.

**Foto 23:** Grupo musical Kokama Waruna: à direita com o microfone, Ednay kokama cantando



**Fonte:** Acervo Pessoal

Assim sendo, os indígenas Kokama do bairro Grande Vitoria, zona leste de Manaus, desenvolvem uma estratégia de aprendizagem com o projeto intitulado “Exposições de língua espanhola no centro educacional indígena Kokama Tsetu Kamutun” com todas as suas atividades e entrevistas gravadas no CD para ser mostrado a outras escolas indígenas Kokama e ao público em geral.

Outra estratégia para se destacar são as palestras, congressos, orientados a trabalhar na reabilitação da sua língua Kokama. Organizadas pelas figuras das lideranças e caciques das diferentes comunidades indígenas Kokama da Amazônia, contando com o apoio da prefeitura e da Gerência de Educação Escolar Indígena de Manaus (GEEI)

Pelo exposto, destacamos a XII oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama que foi desenvolvida em parceria com a prefeitura de Jutai (AM), na aldeia de Novo Progresso, de 20 até o 24 de julho de 2019, o evento teve como tema a língua Kokama e o seu objetivo foi

<sup>18</sup> arumã: que faz tipiti, peneira, é uma fibra.

à capacitação aos caciques e professores da língua Kokama sobre livros didáticos em Kokama, pensando na implementação deles para trabalhar com jovens e adultos, procurando também novas estratégias para promover o movimento e fortalecimento do ensino e aprendizagem da língua Kokama nas suas comunidades e cidades, além das fronteiras.

**Figura 5:** Mostra da XII oficina de ensino e aprendizagem da língua Kokama



Fonte: Acervo Pessoal

Além disso, aconteceu a I Conferência e Assembleia Geral do Conselho Indígena Kokama da Amazônia e III oficina de língua Kokama, saberes ancestrais e culturais do povo Kokama, nos dias 27, 28 e 29 de setembro de 2019. O tema do evento nesta oportunidade foi sobre o fortalecimento da língua, cultura, tradição, ancestralidade com o objetivo de unificar o povo Kokama. O evento teve lugar na comunidade indígena Kokama no Rio Preto da Eva (AM), no centro de saberes ancestrais tradicionais cacique Daniel Arcanjo. Além da participação dos indígenas de Manaus- Brasil, contaram com a presença dos parentes indígenas Kokama do Peru e da Colômbia que terminou em uma grande confraternização, acordos e troca e experiências sobre a etnia em menção.

Isto demonstra que entre os Kokama de diferentes países existe sempre uma relação interétnica, ninguém pode agir por conta própria quando se trata de assuntos de interesse como as estratégias de luta, evolução educativa e cultural do povo indígena Kokama em geral.

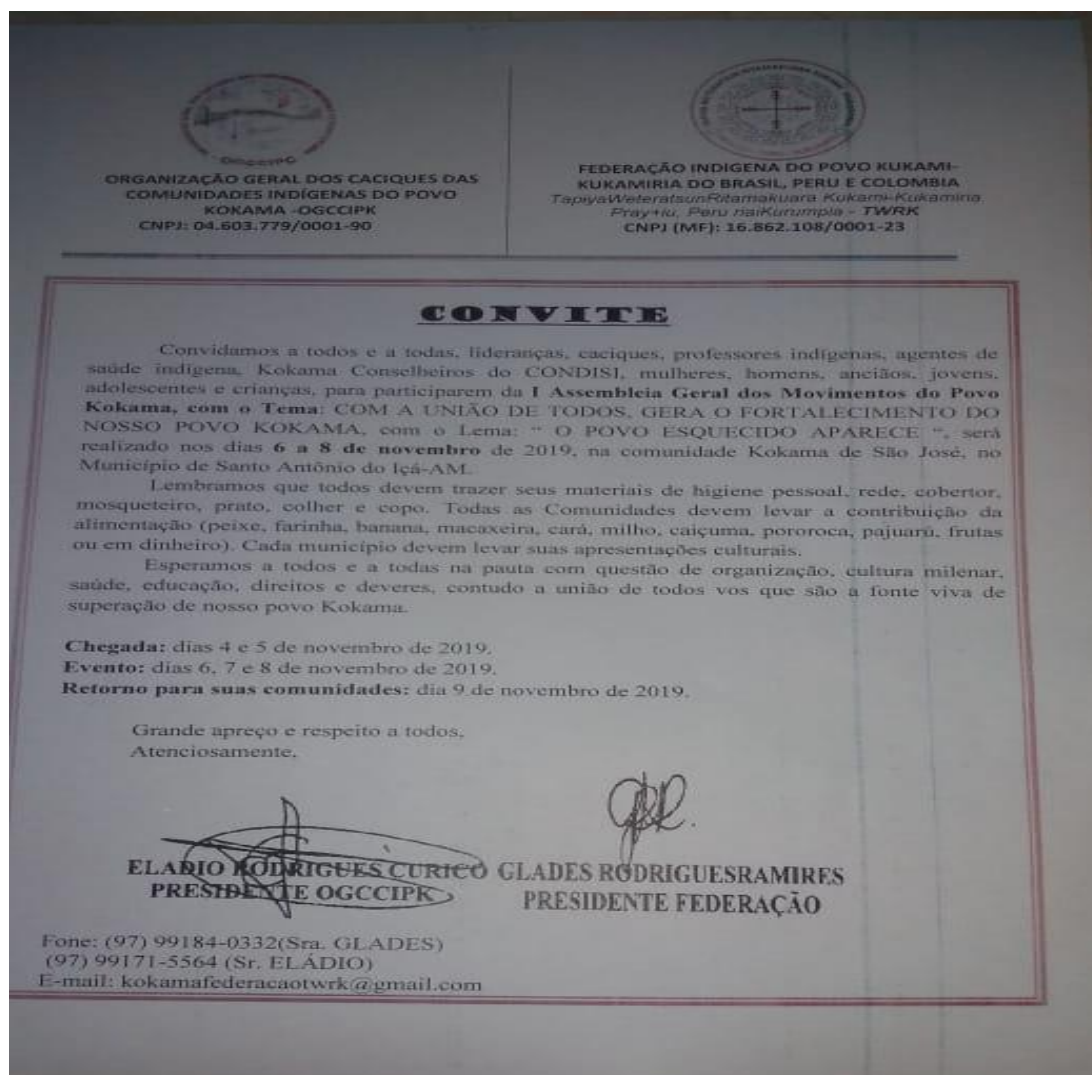
**Figura 6:** I Conferência e Assembleia de língua Kokama: saberes ancestrais e culturais



**Fonte:** Acervo Pessoal

Organizou-se a I Assembleia Geral dos Movimentos do Povo Kokama, com o tema “A união de todos gera o fortalecimento do nosso povo Kokama”, o evento foi nos dias 6, 7 e 8 de novembro de 2019. Este evento teve como lema o povo esquecido aparece. Como vemos, existem muitas estratégias que os indígenas Kokama desenvolvem para manter seu direito a educação, saúde, territorialidade, diversidade cultural, entre outros. O evento foi organizado pela Organização Geral dos Caciques das Comunidades Indígenas do Povo Kokama (OGCCIPK) em parceria com a Federação Indígena do Povo Kokama do Brasil, Peru e Colômbia.

**Foto 24:** Convite da I Assembleia Geral dos Movimentos do Povo Kokama



**Fonte:** Acervo Pessoal

### 3.2 A INSERÇÃO DA LÍNGUA ESPANHOLA ENTRE OS KOKAMA DE MANAUS

Não devemos esquecer que, historicamente, conforme o texto de Oscar Aguero (1994), este povo, desde o início da colonização, foram praticamente obrigado no primeiro momento a incorporar-se ao desígnio do Estado Peruano onde a língua espanhola (castellano) é falada. Além disso, os indígenas Kokama também pagavam com seu trabalho pela educação europeia espanhola que recebiam. Entendeu-se que esta troca era justa, já que o índio, em troca de seu trabalho e sujeição a seu novo patrão, recebia o benefício de uma fazenda, além de cultura e civilização superior (AGUERO, 1994, p.15).

Diante disto, o indígena Kokama poderiam ter a oportunidade de governar seu grupo da sua comunidade local, e até mesmo a sua etnia desde que demonstrasse ter condições para tal feito, e essas condições lhe eram oferecidas por meio da escolarização europeizada, do contato com a língua espanhola. Assim, podemos analisar que eles já tinham conhecimento da língua espanhola, os Kokama foram proporcionalmente aprendendo o espanhol nesse processo, logo, estão intimamente ligados quando falamos Kokama com a língua espanhola (AGUERO, 1994).

Portanto, a inserção desta língua na história de vida dos indígenas Kokama não é algo novo. Esta língua exerceu bastante influência no desenvolvimento e adaptação deles à sociedade (grupo de indivíduos se relacionando, a fim de conseguir e preservar seus objetivos comuns). No campo de pesquisa conforme as palavras da cacique Ednay da escola indígena Kokama Tsetsu Kamutum, os indígenas Kokama residentes em Manaus precisam do ensino e aprendizagem da língua espanhola nas suas comunidades indígenas devido que eles consideram a essa língua como uma ferramenta vital para tê-la uma melhor tradução da sua língua Kokama, além disso, serve como um meio de comunicação para interagir com o seus parentes Kokama habitantes do Estado nacional peruano e colombiano com a finalidade de manterem-se organizados nos processos de desenvolvimento da sua etnia, estar cientes das suas necessidades, problemática criando em conjunto alternativas de superação.

Além disso, no portal o espanhol pelo mundo (2016), o espanhol é uma das línguas mais importantes da atualidade e a segunda língua mais falada no mundo, daí parte a importância desta Língua no sistema educacional em geral do Estado nacional brasileiro, considerando aos povos indígenas como os Kokama, uma forma de elevar o nível de conhecimento através da nossa educação (ESPAÑOL PELO MUNDO, 2016).

Assim mesmo, com o Tratado do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) muitas pessoas, indígenas e não indígenas, com o mesmo interesse se juntam e interagem entre si, trate-se de uma opinião onde poderão aproveitar esta oportunidade de conhecê-la e aprendê-la, pois isso nos leva a refletir sobre a importância da aprendizagem desta língua em nosso país, pois, atualmente, o Brasil tem estreitado seus laços com países hispano-americanos do MERCOSUL, como Peru, Colômbia; lembrando que são países onde existem indígenas Kokama possibilitando o aproximamento e facilitando a comunicação com este povo não somente por questões comerciais, que foram o ponto de partida, mas também por questões educacionais (MERCOSUL, 1991).

Aguero (1994) destaca também que através das "milícias indígenas", cuja missão, consistia em raptar crianças e jovens, os quais eram levados ao mato e, depois de aprender e inserir a língua espanhola era usado como intérprete ao voltar às suas aldeias para eles foi considerada como sua primeira língua com a qual possam interagir na sociedade. Assim, os Kokama foram alfabetizados em língua espanhola e uma das mudanças mais notáveis foi a rápida assimilação (AGUERO, 1994, p.27).

Assim mesmo, outro motivo para a inserção da língua espanhola para os indígenas Kokama conforme as palavras dos caciques e professores de língua Kokama: Jaderline, e Val Kokama entre outros indígenas Kokama são para melhorar as suas relações socioculturais. Além disso, também serve como enriquecimento intelectual étnico, procurando o desenvolvimento da sua etnia, o qual ajudará a traduzir e aprender a ensinar melhor sua língua, pois eles consideram que a melhor ajuda que eles recebem é de seus antepassados e parentes peruanos, considerando que a língua Kokama tem palavras e expressões em geral inseridas na língua espanhola e através disso, conseguir o fortalecimento dela em outros países, no caso Manaus-Brasil.

Wagner Teixeira (2014) menciona que a inserção da língua espanhola para os indígenas Kokama faz alusão aos seus parentes hispânicos, vizinhos peruanos e colombianos, residentes na região de fronteira, ainda se aventura a falar nas duas línguas mais presentes na localidade, o português, língua oficial do Brasil, e o espanhol, idioma de seus parentes da/na fronteira por motivos de comercio (TEIXEIRA, 2014, p. 78)

Confirmando mais uma vez que a inserção da língua espanhol no caso dos indígenas Kokama, pode considerar-se como a língua que serve como um vínculo de aproximação com seus parentes, enriquecendo a comunicação com seus antepassados que historicamente tem conhecimento da língua espanhola, assim como também uma forma de enriquecer os seus conhecimentos pessoal e profissional.

Retomando as considerações de Wagner no mesmo texto, consideramos importante mencionar que a inserção desta língua na vida dos Kokama não só se preocupa com a sua forma, mas com seu uso e, principalmente, com a defesa e manutenção da sua língua nativa que em sua maioria é de tradição oral, é através da língua espanhola (tradição escrita) onde ele procurara defender a sua língua Kokama (TEIXEIRA, 2014, p. 79-80).

Essa relação de dependência entre oralidade e escrita é destacada por Biber (1998, p. 08) no fragmento a seguir:

[...] em termos de desenvolvimento humano, a fala é o status primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as crianças aprendem a falar (excluindo-se as patologias); muitas crianças não aprendem a ler e a escrever. Todas as culturas indígenas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária.

Em sua maioria para os indígenas como os Kokama, pertencentes a culturas de tradição oral, consideram o espanhol como uma língua de ‘branco’, europeia, caracterizada por estruturas típicas de línguas de tradição letrada. (presença da tradição escrita) que defendeu inicialmente o desenvolvimento da sua língua nativa a qual confirma mais uma vez que esta língua influenciou no seu desenvolvimento étnico há muito tempo.

Teixeira (2014), manifesta que, inicialmente, a língua espanhola para os indígenas Kokama, é uma nova forma para se perpetuar o conhecimento ancestral do povo, foi mistificada, recebendo caráter mágico, assumindo papel semelhante ao que tinham os mais idosos, os ‘irmãos mais velhos’ das comunidades, os responsáveis pela manutenção dos feitos de seus ancestrais, pela herança histórica de seu povo (TEIXEIRA, 2014, p. 89)

Pelo exposto, podemos refletir que é através da inserção desta língua que os indígenas Kokama, estarão interagindo, aprendendo/contextualizando a língua espanhola com a finalidade de enriquecer o desenvolvimento étnico onde eles estão, o que permitirá aos indígenas Kokama ter um melhor nível de conhecimento geral. Aprender a língua espanhola também é uma boa alternativa para melhorar suas produções socioculturais, econômicas, etc., demonstrando que esta língua é também parte de seus conhecimentos profissionais.

### 3.3 ENSINO, APRENDIZAGEM E SIGNIFICADO DO ESPANHOL NA VIDA DOS INDÍGENAS KOKAMA

Para falar sobre o ensino e aprendizagem da língua espanhola na vida dos indígenas Kokama temos que contextualizar o significado dos referidos conceitos com o objetivo de dar um breve conhecimento e a influência na vida dos mencionados indígenas.

Começamos com a definição de ensino, Segundo Pozo (1999), citado por Jacoba Rodrigues e Julia Arguello (2015), pesquisadores e professores de educação intercultural multilíngue, definem o conceito de ensino como:

“Processo pelo qual o sujeito é formado graças a ações sociais e deliberadamente organizadas. Um processo de treinamento que articula conhecimentos, habilidades e atitudes, que visam à realização e aprimoramento profissional ou social, ou seja, crescimento pessoal.” (POZO, 1999, apud RODRIGUES; ARGUELLO, 2015, p. 9).

O ensino nos remete ao trabalho didático, à ação do professor. Destaco que, conforme o observado no convívio com os indígenas em menção, os professores e caciques representantes das escolas indígenas Kokama para ter um melhor ensino do espanhol em Manaus, fazem atividades, palestras, congressos com seus parentes e amigos peruanos e colombianos que tem melhor conhecimento da língua espanhola, porque o ensino do espanhol só pode ser eficaz se partir do conhecimento de seus antepassados para conseguir ativá-lo e conectá-lo adequadamente ao material de aprendizagem feito pelos professores indígenas na cidade de Manaus, posteriormente ter uma boa tradução da sua língua nativa.

Assim mesmo, segundo Vygotsky (2001) citado pelos mesmos autores Rodrigues e Arguello (2016), a aprendizagem no contexto escolar sempre implica aquisição de conhecimento e construção de sentido. De acordo com a tese vigotskiana da aprendizagem, o principal ator no processo é o aluno. No caso dos indígenas Kokama residentes em Manaus.

Diante disto, por meio da experiência e convívio com os Kokama, a aprendizagem deles ocorre em um sistema interpessoal, portanto, por meio de interações com os seus parentes peruanos e colombianos, professores, caciques e os colegas de classe. O Kokama aprende os instrumentos cognitivos e comunicativos da língua espanhola para logo inserir o aprendido na sua cultura. Destaca-se que os indígenas Kokama não se limitam a responder aos estímulos passivos ou mecanicamente, mas agem sobre eles. Pelo exposto, os indígenas Kokama durante esta interação, além de aprender as palavras e expressões novas da língua espanhola em geral, também aprendem e reconhecem as palavras e expressões inseridas do espanhol na sua língua Kokama o qual ajuda a fortalecer e enriquece-a. Refletindo, mais uma vez a importância dela na vida dos indígenas Kokama.

Quando também falamos aprendizagem da língua espanhola para os indígenas Kokama é importante considerar às metodologias de ensino, as quais não podem ir além do tema, Gamboa, (1996) e Cid (2006), pedagogos e pesquisadores do ensino relatam que:

“Na metodologia participativa ativa, a estratégia de aprendizagem é entendida como a maneira pela qual os professores orientam de maneira dinâmica, participativa. Seleciona, organiza, desenvolve conteúdos, procedimentos, recursos e ações educacionais que ocorrem nos espaços educacionais, para atingir os objetivos de aprendizagem. São chamados de ativas participativas porque se baseiam em experiências concretas, dinâmicas e em projetos de trabalho, nos quais o professor é um facilitador.” (GAMBOA, 1996, p. 153; CID, 2006, p. 98).

Contextualizando a metodologia usada pelos indígenas kokama para ter uma melhor aprendizagem da língua espanhola se destaca a importância de saber o objetivo de para que

aprender, que é definido como: “a capacidade de observar e” participar de forma ativa comunicativa, dinâmica de novas experiências mediante as aulas de espanhol ministradas, assembleias, reuniões étnicas com os anciãos, parentes, amigos nas associações indígenas Kokama que conhecem a língua, as quais são atividades de experiências concretas feitas por eles no interior de Manaus e na capital com a finalidade de incorporar os conhecimentos existentes a sua diversidade cultural étnica modificando-os quando necessário.

Segundo Cohen (2007), o uso de estratégias e sua eficácia para o aprendizagem de uma língua como é o espanhol dependem de três fatores fundamentais: Os alunos em particular, a tarefa de aprendizagem e o contexto. Existe um consenso de que as estratégias melhoram a eficácia do aprendizagem, o uso da língua em tarefas gerais e específicas, e são usadas para tornar o aprendizado mais fácil, rápido e agradável. (COHEN, 2007 apud CHAVARRÍA; RODRIGUEZ, 2009).

Para os Indígenas Kokama residentes em Manaus poderíamos afirmar que a tarefa de aprendizagem da língua espanhola está basicamente relacionada com a defesa, tradução de sua língua através de atividades educacionais como elaboração de seus livros didáticos como o jabuti tinin, etc., atividades culturais através de canções em língua espanhola e em Kokama.

Considero ainda importante destacar a Ariel Chavarria e Sergio Rodriguez (2009,) que falam sobre os estilos de aprendizagem, destacando a David Kolb (1999), o qual descreve os estilos de aprendizado baseados em como processar as informações da seguinte maneira e os mais relevantes são: a) estilo divergente: combina as etapas de aprendizado da experiência concreta e da observação reflexiva. As pessoas que adotam esse estilo de aprendizagem geralmente observam situações concretas sob diferentes pontos de vista. A abordagem que eles usam é o observador, em vez de agir; b) estilo assimilador: combina as etapas de aprendizado da observação reflexiva e da conceituação abstrata. As pessoas que adotam esse estilo de aprendizado geralmente são as melhores para entender uma grande variedade de informações e ordená-las de forma concisa e lógica (KOLB,1999 apud CHAVARRÍA; RODRIGUEZ, 2009).

Conforme o exposto, aprender a língua espanhola para os indígenas Kokama é baseada no conhecimento, enriquecimento e fortalecimento da língua Kokama que prevalece hoje, como podemos observar nas suas relações interétnicas com os seus parentes Kokama de países hispanos, como Peru e Colômbia, houve uma grande necessidade dos Kokama que motivou o interesse de ter mais conhecimento, experiências, procurando melhorar a tradução da sua língua e desenvolver habilidades de comunicação com a língua espanhola. Através destas habilidades com dita língua busca-se "usar", não somente para "conhecê-la", também para que os indígenas

Kokama alcancem a competência comunicativa da língua espanhola o qual implica o desenvolvimento da sua etnia através de habilidades sociolinguísticas.

Então, a aprendizagem do espanhol para os indígenas Kokama ajudará e manterá uma relação mútua de seu modo de vida com outros parentes indígenas que falem essa língua, como do Peru e Colômbia, com a finalidade de enriquecê-las devido que os indígenas Kokama sempre trabalham juntos nos projetos de desenvolvimento e interesses de sua língua Kokama, como é o aspecto educativo com a criação de cadernos e livros didáticos a ser usados em Brasil, Peru e Colômbia, onde eles também trabalham a mesma metodologia com cartilhas pedagógicas elaboradas por professores indígenas Kokama do Peru para o ensino da sua língua nativa no Brasil. Outro caso é a atividade da conferência do Conselho Indígena Kokama da Amazônia<sup>19</sup> envolvendo a participação dos Kokama dos países que já mencionamos, assim como a criação das oficinas de língua Kokama saberes ancestrais e culturais trabalhando sempre juntos (Brasil, Peru e Colômbia) de forma criativa e por um mesmo fim.

### 3.3.1 Atividades de Aula em Espanhol Feitas com os Indígenas Kokama do Grande Vitória

Na minha condição de professora e pesquisadora para ministrar o ensino da língua espanhola na vida dos indígenas Kokama, na primeira sala de aula, antes de iniciar as atividades, uma atividade introdutória será aplicada à dinâmica da apresentação em espanhol e Kokama, pois nem todos são conhecidos, necessariamente nem todas as pessoas de uma comunidade se conhecem, dentro da mesma escola. Essa atividade inicial visa explicar aos alunos no que consiste, qual é o seu papel e como isso os ajudará na aprendizagem. É uma atividade que também servirá para quebrar o gelo e facilitar que os alunos se encontrem e interajam.

---

<sup>19</sup> É uma entidade indígena Kokama civil de direito privado, sem fins lucrativo, de duração indeterminada, para promoção de bem estar, de caráter cultural, educacional, saúde, econômico, desportivo, social, direitos humanos, defesa civil, propriedade intercultural, infraestrutura entre outros.

**Tabela 3:** Plano de aula 01 - conteúdo

| <b>CONTEÚDO</b>                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Kokama</b>                                                                                                                                                                                                                             | <b>Espanhol</b>                                                                                                                                                                              |
| <p>Era na karuka!</p> <p>Rosa= Mariwatsini; tatsa chira</p> <p>Rosa ene?</p> <p>Pablo= Tatsa chira Pablo</p> <p>Rosa= Kumitsa ene awa+r+ wata?</p> <p>Pablo= Emete mukuika wepe wata; ene?</p> <p>Rosa= Emete mutsap+r+ka itskun wata</p> | <p>Buenas tardes!</p> <p>Rosa= Hola! Yo me llamo rosa; y tu?</p> <p>Pablo= Yo me llamo pablo</p> <p>Rosa= Cuál es tu edad?</p> <p>Pablo= Tengo 21 años; y tu?</p> <p>Rosa= Tengo 39 años</p> |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 4:** Plano de aula 01 - itens

| ITENS                                                             | Expressões específicas de apresentações                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b></p> <p>Apresentação diálogo</p> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Para começar, a professora se apresenta e expõe o objetivo da aula de espanhol para os kokama mediante diferentes perguntas.</li> <li>- Os alunos copiam os comentários, palavras novas do interesse dos Kokama no quadro.</li> <li>- Os alunos repetem a conversa em dupla em espanhol e em Kokama.</li> <li>- Eles treinam a conversa para se apresentarem a próxima aula.</li> <li>- Na próxima aula, em dupla, fazem o mesmo exercício.</li> <li>- Ao final cada dupla apresenta uma conversa.</li> </ul> |
| <b>OBJETIVO GERAL</b>                                             | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar-se em espanhol.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| <b>OBJETIVO ESPECIFICO</b>                                        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o vocabulário em espanhol e relacioná-lo com o vocabulário Kokama.</li> <li>-Conhecer os novos colegas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>RECURSOS</b>                                                   | <ul style="list-style-type: none"> <li>-Quadro, caderno, livro didático etc.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |

**DURAÇÃO**

-60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana).

**Fonte:** Acervo Pessoal

A minha percepção desse evento podemos refletir que foram significativos e muito motivadores, eles fizeram muitas perguntas sobre a língua espanhola, assim mesmo queriam conhecer como é o lugar onde os seus parentes Kokama peruanos moram atualmente, eu respondi todas as suas perguntas, mostrando mapas, vídeos, figuras, etc.

No final da aula, os alunos indígenas Kokama apresentaram em dupla os seus trabalhos, em qual momento eles tinham que fazer uma conversa de apresentação em língua espanhola, fizeram muitas perguntas quanto à pronúncia da língua espanhola, mostraram muito interesse e participação. Nesta oportunidade eles desenvolveram uma habilidade de apresentação, introdução da língua espanhola, assim, esta atividade é considerada importante para expressar os seus sentimentos, conhecer a seus parentes e colegas Kokama da sala de aula.

Continuando com as aulas de língua espanhola no terceiro dia, antes de começar com as atividades propriamente ditas, aplicou-se uma dinâmica de rotina para explicar a meus alunos indígenas Kokama à importância da organização do tempo para os estudos, e como estas atividades de rotinas podem contribuir para o melhor desenvolvimento das atividades de aprendizagem.

**Tabela 5:** Plano de aula 02 - conteúdo

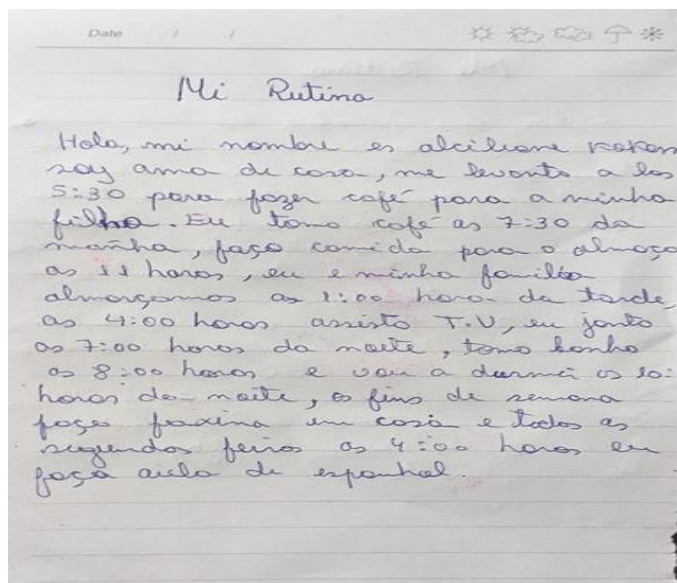
| <b>CONTEÚDO</b>      |                  |
|----------------------|------------------|
| Levantarse           | Almorzar         |
| Bañarse              | Hazer las tareas |
| Preparar café        | Ir a estudiar    |
| Desayunar            | Cenar            |
| Preparar el almuerzo | Dormir           |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 6:** Plano de aula 02 – itens

|                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ITENS                                                                             | Expressões que indicam rotinas                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| ESTRATÉGIA<br>METODOLÓGICA<br><br>Apresentação<br>escrita com<br>sentenças longas | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Para iniciar, a professora expõe o objetivo da aula de espanhol.</li> <li>- Mostra aos alunos uma figura onde se vê uma pessoa fazendo várias atividades, os alunos observam com muita atenção, é uma boa forma para motivar perguntas.</li> <li>- Os alunos descrevem de forma oral a figura.</li> <li>- Os alunos copiam os comentários no quadro e as descrições.</li> <li>- Os alunos fazem uma pequena descrição sobre suas rotinas eles aproveitam para contar sobre sua vida, seus interesses, seus estudos etc.</li> <li>- A próxima aula os alunos levam uma foto pessoal.</li> <li>- Em dupla, eles fazem uma descrição sobre a rotina de um colega</li> <li>- No final cada dupla expõe sua experiência na aula.</li> </ul> |
| OBJETIVO<br>GERAL                                                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer um parágrafo expressando sua rotina.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| OBJETIVO<br>ESPECIFICO                                                            | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer o conceito das rotinas.</li> <li>- Aprender vocabulário sobre as rotinas mais usadas.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| RECURSOS                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Foto pessoal, quadro, cadernos, livro didático etc.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| DURAÇÃO                                                                           | -60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Figura 7:** Atividade de escrita da rotina

**Fonte:** Acervo Pessoal

Nesta atividade com os alunos indígenas Kokama observe que ao realizar a tarefa em dupla, conversando sobre a rotina de um colega eles não tem muito tempo para se organizar referente aos estudos por motivos de trabalhar em casa, cuidar de filhos pequenos, depois de muitas conversas e intercâmbio de ideias sobre o tema em questão sentiram a necessidade e importância de organizarem suas vidas para desenvolver o determinado fim de estudo, eles questionaram muito a pronúncia das palavras, expressões, frases que eles geralmente fazem durante o dia e verbos de ação, eles realizaram num primeiro momento uma atividade escrita sobre as suas rotinas onde reconheceram a escritura da língua espanhola, os indígenas Kokama falaram que encontraram no espanhol facilidade de aprender e depois fizeram a mesma atividade de forma oral.

Continuando com as aulas de espanhol com os adolescentes e adultos, conversando com a professora e cacique da escola indígena Tsetu Kamutum, onde as aulas de espanhol estão se realizando, me refiro a Ednay Panduro, quem me solicitou que enfatizasse o projeto sobre peixes regionais amazônicos, que foi o projeto do centro educacional em 2019, contextualizando em língua espanhola o vocabulário de peixes que eles já sabem em língua Kokama, com a finalidade de ser cantada em língua espanhola também, dita canção já foi cantada no dia do índio em uma atividade indígena desenvolvida na escola da comunidade kokama em menção e em outras comunidades, lugares festivos.

**Tabela 7:** Plano de aula 03 - conteúdo

| <b>CONTEÚDO</b> |                  |
|-----------------|------------------|
| <b>Kokama</b>   | <b>Espanhol</b>  |
| Tapaka Memuki   | Palometa asada   |
| Kirimata Memuki | Boquichico asado |
| Tarira Memuki   | Fasaco asado     |
| Kuwana Memuki   | Lisa asado       |
| Inia Memuki     | Carachama asado  |
| Tamakiti Memuki | Gamitana asado   |
| Upari Memuki    | Sardina asado    |
| Tsaikana Memuki | Chambira asado   |
| Mani Memuki     | Badre asado      |
| Tukunari Memuki | Tucunaré asado   |
| Akaratsu Memuki | Akarahuasú asado |
| Ipiri Memuki    | Piraña asado     |
| Akara Memuki    | Bujurqui asado   |
| Tsuri Memuki    | Doncella sado    |
| Wakupa Memuki   | Corbina asado    |
| Mamuri Memuki   | Sábalo asdo      |
| Kawara Memuki   | Cahuara asado    |
| Iwatsu Memuki   | Paiche asado     |
| Kuturu Memuki   | Novia asado      |
| Maparati Memuki | Maparate asado   |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 8:** Plano de aula 03 - itens

|                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ITENS</b>                                                                              | Vocabulário e canção de peixes amazônicos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
| <b>ESTRATÉGI<br/>A<br/>METODOLÓ<br/>GICA</b><br><br>Apresentação<br>oral de uma<br>canção | <p>-Os alunos observam várias figuras de peixes e respondem muitas perguntas exemplo: “que tipos de peixes regionais da Amazônia vocês conhecem?”</p> <p>-Os alunos respondem de forma oral observando as imagens.</p> <p>-Eles copiam os comentários e vocabulário no quadro.</p> <p>-Os alunos repetem o vocabulário de peixes e copiam uma canção em espanhol e Kokama.</p> <p>-Na próxima aula, os alunos cantam a canção em espanhol e Kokama.</p> <p>-No final os alunos cantam a mesma canção na atividade para o dia do índio.</p> |
| <b>OBJETIVO<br/>GERAL</b>                                                                 | - Conhecer as variedades de peixes da região Amazônica em espanhol.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |

|                     |                                                                                                        |
|---------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| OBJETIVO ESPECIFICO | - Aprender uma canção em espanhol para participar das atividades no dia do índio.                      |
| RECURSOS            | - Figuras de peixes, quadro, cadernos, rádios etc.                                                     |
| DURAÇÃO             | - 60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana). |

**Fonte:** Acervo Pessoal

Observei que a atividade foi desenvolvida com muito entusiasmo por ser uma canção a ser apresentada no Dia do Índio representando a escola indígena Kokama Tsetu Kamutun, os indígenas Kokama copiaram no caderno o vocabulário e entonaram a canção com a ajuda do rádio. Também tivemos a participação das crianças da escola indígena em menção, a participação dos alunos indígenas Kokama foi um sucesso ficaram muito emocionados e felizes. Nesta oportunidade durante o ensino da língua espanhola utilizei muito o lúdico, pois com base na minha experiência profissional eu considero que quando se trabalha com o lúdico na escola, são oferecidos os lugares para desenvolver a afetividade nos alunos, assimilação de novos conhecimentos, desenvolvendo a função simbólica e a linguagem, trabalhando com os limites entre a imaginação e o concreto (real).

Na próxima aula tive a oportunidade de colaborar uma vez mais com as atividades letivas da escola indígena Kokama, neste caso foi o dia das mães Kokama que sempre celebram fazendo uma confraternização no centro indígena, assim, encaminhei a realização de um cartão com comemoração para o dia das mães indígenas Kokama, proporcionei a meus alunos indígenas Kokama o material dispensável para a elaboração do cartão como cartolina, tessoras, pinceis, etc., com a finalidade de que as crianças e jovens exponham os seus trabalhos e entregam a elas naquele momento.

**Tabela 9:** Plano de aula 04 - conteúdo

| CONTEÚDO                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------------------------|
| Elaboração de um cartão para o dia das mães: cartolina, lápis de cor, pincel etc. |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 10:** Plano de aula 04 - itens

|                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ITENS                   | Cartão para o dia das mães.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| ESTRATEGIA METODOLÓGICA | <p>-Os alunos aprenderam várias palavras e expressões sobre o dia das mães para aprender em espanhol e Kokama.</p> <p>-Os alunos respondem de forma oral.</p> <p>-Eles copiam as palavras e frases no quadro.</p> <p>-Os alunos repetem o vocabulário e expressões e copiam no caderno.</p> <p>- Na próxima aula, os alunos fizeram um cartão para o dia das mães.</p> <p>-No final os alunos apresentam e entregam os cartões na atividade de confraternização das mães Kokama na escola indígena.</p> |
| OBJETIVO GERAL          | -Fazer um cartão para o dia das mães indígenas Kokama em língua espanhola.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| OBJETIVO ESPECIFICO     | -Aprender palavras e expressões em espanhol para participar na confraternização para o dia das mães na escola indígena.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| RECURSOS                | -Papel, lápis de cor, tesoura, quadro, cadernos, etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| DURAÇÃO                 | -60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana).                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 25:** Cartão de dia das mães Kokama e em espanhol

**Fonte:** Acervo Pessoal

Naquele dia especial, analisei que entre conversas na confraternização, exposições e troca de cartão do dia das mães no centro educacional indígena Kokama, eles estavam se divertindo muito cantando e dançando, aproveitando a oportunidade da confraternização. Fiz com que os indígenas Kokama escutassem uma música proveniente do Peru do grupo musical UCHPA<sup>20</sup>, que é uma música misturada da língua espanhola e língua quéchua, próprias do Peru, nesse momento a cacique Ednay comentou e expressou a satisfação de reconhecer algumas partes da letra da canção, onde destaco a existência de várias palavras e expressões na música que se relacionam com a língua Kokama, inclusive ela fez uma breve tradução da letra da música. Ela também lembrou e comentou que a sua avó ensinou a ela quando era criança algumas palavras além do espanhol em língua quéchua, isso então me levou a analisar mais uma vez a importância e a transcendência destas línguas na história de vida dos Kokama. Assim percebi que existe relação no texto de Ramos (2013) quando esse faz menção que existem palavras e frases soltas da quéchua misturadas na língua Kokama.

Refletindo sobre a confraternização realizei a seguinte aula de espanhol com os indígenas Kokama, uma atividade de produção escrita conversando com eles sobre a importância do espanhol, fez uma chuva de ideias com vocabulário e frases em espanhol sobre sua importância na atualidade, os seus interesses com a língua e com finalidade de escrever um pequeno parágrafo e incentivar a produção escrita.

**Tabela 11:** Plano de aula 05 - conteúdo

| <b>CONTEÚDO</b>                                                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Textos sobre a importância de aprender espanhol                                                                                          |
| Vocabulário: Interesante, bonito, trabajar, estudiar, viajar, curiosidade, cantar, currículo, conocer nuestro origen, hablar com amigos. |

**Fonte:** Acervo Pessoal

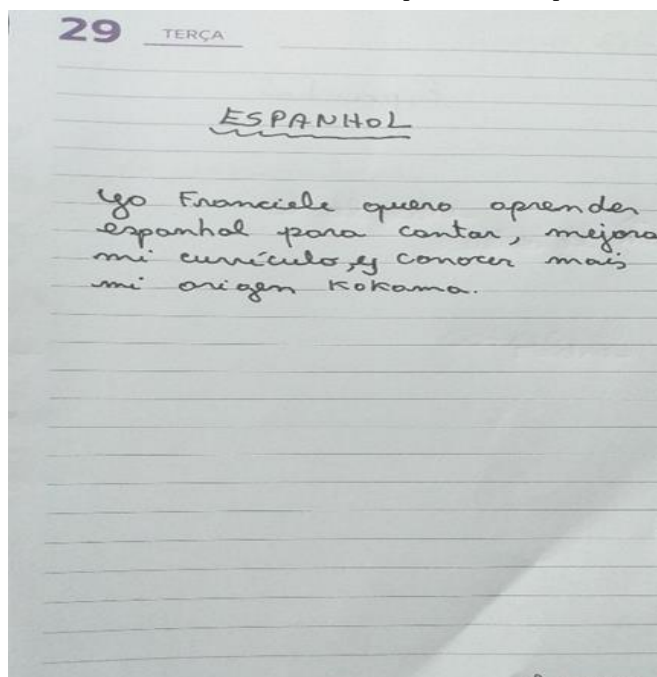
---

<sup>20</sup> Grupo de rock e blues do Peru.

**Tabela 12:** Plano de aula 05 - itens

|                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
|------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ITENS                                                | Expressões sobre a importância do espanhol                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| ESTRATÉGIA<br>METODOLÓGICA                           | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos respondem perguntas sobre a importância de aprender espanhol. Eles mencionam várias palavras e expressões sobre o tema.</li> <li>- Os alunos copiam as palavras e frases no quadro.</li> <li>- Os alunos repetem o vocabulário.</li> <li>- Os alunos escrevem um pequeno texto expressando a sua opinião sobre a importância de aprender espanhol com o vocabulário passado pela professora.</li> <li>- Na próxima aula, os alunos finalizam suas atividades escritas para compartilhar com seus colegas.</li> </ul> |
| Apresentação escrita sobre a importância do espanhol |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| OBJETIVO GERAL                                       | -Escrever um pequeno texto expressando a importância de aprender espanhol.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| OBJETIVO ESPECIFICO                                  | -Aprender palavras e expressões sobre a importância do espanhol.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| RECURSOS                                             | - Quadro, cadernos, livro didático etc.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| DURAÇÃO                                              | - 60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Foto 26:** Atividade escrita sobre a importância de aprender espanhol

**Fonte:** Acervo Pessoal

Descobri que durante a realização desta atividade os indígenas Kokama de novo foram muito questionadores quanto as palavras e expressões, quando perguntei qual é a importância deles com respeito à língua espanhola, para conhecer as suas opiniões sobre a aula de espanhol e a importância da mesma nas suas vidas, responderam muitas alternativas tanto como para o seu desenvolvimento étnico como pessoal (viajar, conhecer a seus parentes peruanos) e profissional. Fiz uma lista de todas as palavras e expressões consideradas importante na vida dos indígenas Kokama praticando assim a escrita, na atividade de pronúncia todos os indígenas demonstraram interesse e participaram escrevendo seus textos em espanhol e posteriormente lendo na frente da sala no final da aula.

Realizamos outra de espanhol com atividades correspondentes a aprender vocabulário conforme seus parentes Kokama, falamos sobre a família e a importância dela para a existência e o desenvolvimento de sua etnia como; abuelo, abuela, tio, tia, prima, primo, padre, madre, cunhada, cunhado, neta, neto etc. Eles apresentaram seus trabalhos na forma oral e escrita onde trocaram ideias e vocabulário etc.

**Tabela 13:** Plano de aula 06 - conteúdo

| CONTEÚDO                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Vocabulário de família:</p> <p>Abuelo, abuela, tio, tia, prima, primo, padre, madre, cuñado, cuñada, nieto, nieta.</p> |

**Fonte:** Acervo Pessoal

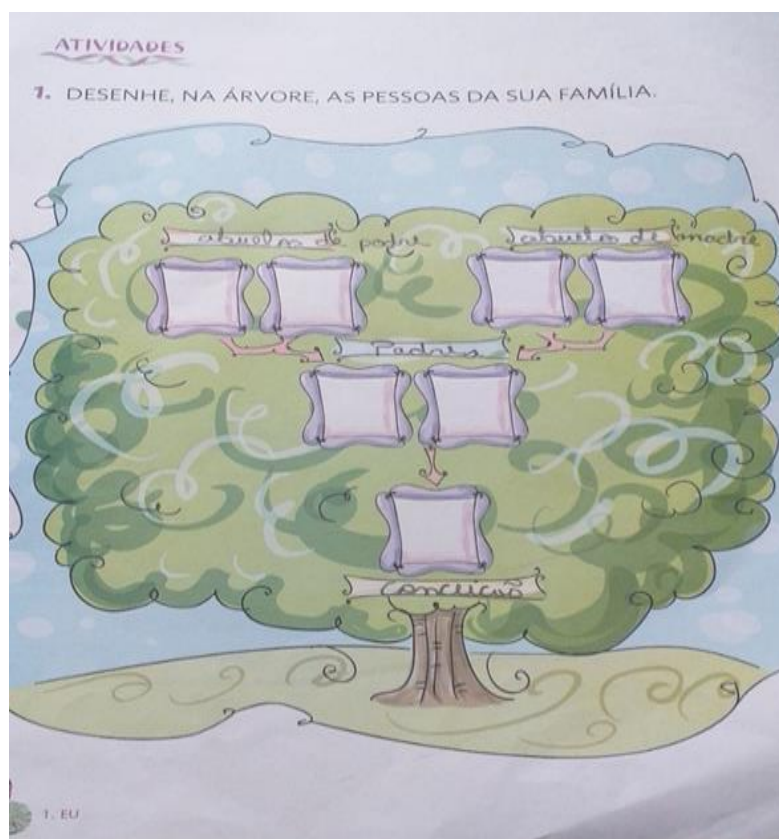
**Tabela 14:** Plano de aula 06 - itens

|                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ITENS:                                                                                  | Vocabulário de família                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
| <b>ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b><br>Apresentação escrita e oral de sua árvore genealógica | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos aprendem vocabulários sobre a família em espanhol.</li> <li>- Os alunos copiam o vocabulário, repetem e copiam no caderno.</li> <li>- Escrevem um pequeno texto apresentando a sua família.</li> <li>- Eles elaboram sua própria árvore genealógica para apresentar na aula.</li> <li>- Na próxima aula eles apresentaram seus trabalhos na forma oral e escrita onde trocaram ideias e vocabulário etc.</li> </ul> |

|                     |                                                                                                       |
|---------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| OBJETIVO GERAL      | - Elaborar uma pequena árvore genealógica apresentando a sua família.                                 |
| OBJETIVO ESPECIFICO | - Aprender palavras e expressões sobre a família em espanhol.                                         |
| RECURSOS            | - Quadro, cadernos, etc.                                                                              |
| DURAÇÃO             | - 60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana) |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Figura 8:** Elaboração da árvore genealógica



**Fonte:** Acervo Pessoal

Durante o desenvolvimento desta atividade percebi que os alunos Kokama completaram a sua própria árvore genealógica perguntando-se a eles mesmos de onde é seu avô ou bisavô, eles queriam saber de que cidade ou país eles chegaram a Manaus, quando, como, tinham muitas questões sobre os seus antepassados e a maioria se deparou que os seus familiares chegaram do Peru. Os indígenas Kokama compartilharam em forma oral a atividade, onde aprenderam o vocabulário e a pronúncia em língua espanhola sobre a sua família.

Continuando com a aula de espanhol, por iniciativa dos alunos, realizamos a aula sobre rituais indígenas Kokama para compreender e reconhecer a importância destes para a comunidade indígena como processo de formação integral dos alunos.

**Tabela 15:** Plano de aula 07 - conteúdo

| CONTEÚDO                                                                        |
|---------------------------------------------------------------------------------|
| Vocabulário de ritual Kokama em espanhol:<br>Niño, niña, cabello, madrina, río. |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 16:** Plano de aula 07 - itens

|                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ITENS:                                                                                      | Aprendendo um ritual em espanhol                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| ESTRATÉGIAS<br>METODOLÓGICAS<br>Apresentação escrita e oral de um ritual Kokama em espanhol | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos respondem perguntas sobre as festas indígenas Kokama</li> <li>- Eles aprendem vocabulários sobre as principais festas indígenas em espanhol e em Kokama.</li> <li>- Os alunos copiam o vocabulário e repetem.</li> <li>- Eles fazem uma pequena lista de seus rituais principais e os motivos dos rituais para apresentar na aula.</li> <li>- Na próxima aula, eles apresentaram seus trabalhos na forma oral e escrita onde trocaram ideias e vocabulário etc.</li> </ul> |
| OBJETIVO GERAL                                                                              | - Reconhecer a importância de nossos rituais culturais com a finalidade de fortalecê-la                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| OBJETIVO ESPECÍFICO                                                                         | - Explorar e aprender palavras e expressões sobre os rituais culturais em espanhol.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

|          |                                                                                                       |
|----------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| RECURSOS | - Figuras, rádio, tv, quadro, cadernos etc.                                                           |
| DURAÇÃO  | - 60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana) |

**Fonte:** Acervo Pessoal

### Ritual

A criança Kokama quando nasce não pode cortar o cabelo, ele só pode cortar quando tiver 7 anos, a gente faz uma festa escolhendo um padrinho e uma madrinha. No cabelo da criança são feitas muitas tranças, na festa todos os convidados cortam as tranças e deixam as última para os padrinhos, a madrinha fica com um pedaço da trança e o outro pedaço a criança enterra. Então, esse ritual sempre é feito perto de um igarapé ou rio porque depois de cortar o cabelo da criança ela é levada pelos convidados cantando até o igarapé ou rio para que a criança tome banho como se fosse um batismo.

### Espanhol

Cuando nace un niño Kokama, el no puede cortarse el cabello, solo puede cortarlo cuando tenga 7 años, las personas hacen una fiesta eligiendo un padrino y una madrina. En el cabello del niño se hace muchas trenzas, ya en la fiesta todos los invitados cortan las trenzas y dejan las últimas para los padrinos, la madrina toma la mitad de una trenza y la otra mitad el niño lo entierra. Este ritual siempre se realiza cerca de un río porque después de cortar el cabello del niño los invitados lo llevan cantando hacia el río para que el niño se bañe como si fuera un bautismo.

Durante esta aula sobre rituais me pareceu importante e muito bonita conhecer mais sobre eles, a sua crença, etc., os indígenas Kokama pensaram em um ritual onde todas as crianças e adolescentes deveriam conhecer e fazer prevalecer devido a que é um ritual de muita importância, transcendente e conservação da sua etnia, eles escreveram um ritual em espanhol com a ajuda do vocabulário e expressões passadas pela professora e com a ajuda de um dicionário, eles compartilharam e analisaram o ritual com os seus parentes em casa com a finalidade de enriquecê-la, tirar dúvidas sobre aquele ritual, ficando como tarefa escrever outro ritual.

Na décima quinta aula de espanhol com os indígenas Kokama trabalhamos sobre a harmonia deles com a natureza com a finalidade de fazer uma análise da vida harmônica da

comunidade com a natureza, como uma estratégia de conservação a fim de evitar os mecanismos de contaminação e exploração.

**Tabela 17:** Plano de aula 08 - conteúdo

| <b>CONTEÚDO</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                 | <p>Sugestões para proteger a natureza</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1) Preservar los arboles.</li> <li>2) Cuide de los ríos.</li> <li>3) No pescar en época de reproducción.</li> <li>4) Reutilize, reaprobeche y recicle todo que es posible.</li> <li>5) Cuide bien de se desperdício.</li> <li>6) Reducir el consumo de agua.</li> <li>7) Reducir el consumo de energía.</li> </ol> |

**Fonte:** Acervo Pessoal

**Tabela 18:** Plano de aula 08 - itens

|                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>ITENS:</b>                                                                                      | Sugestões para proteger a natureza                                                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>ESTRATEGIA METODOLÓGICA</b>                                                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos observam uma imagem sobre a contaminação ambiental.</li> <li>- Eles respondem perguntas sobre a imagem.</li> <li>- Os alunos copiam o vocabulário sobre a natureza no caderno e repetem.</li> </ul>                                           |
| <b>Apresentação escrita e oral de uma lista de sugestões para proteger a natureza em espanhol.</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Os alunos escrevem frases contra a contaminação ambiental em espanhol.</li> <li>- Eles apresentam a seus colegas.</li> <li>- Na próxima aula eles devem trazer sugestões feita por eles mesmos em espanhol sobre a contaminação da natureza.</li> </ul> |
| <b>OBJETIVO GERAL</b>                                                                              | - Ter consciência sobre a importância de manter uma harmonia com a natureza.                                                                                                                                                                                                                     |

|                     |                                                                                                                                        |
|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                     |                                                                                                                                        |
| OBJETIVO ESPECIFICO | - Analisar quanto afeta a intervenção humana na natureza.<br>- Explorar e aprender palavras e expressões sobre a natureza em espanhol. |
| RECURSOS            | - Figuras, quadro, cadernos etc.                                                                                                       |
| DURAÇÃO             | - 60 minutos a primeira aula de espanhol e 60 minutos a segunda aula (outro dia, uma hora por semana)                                  |

**Fonte:** Acervo Pessoal

Inferi que, nesta atividade os alunos se mostraram muito interessados e questionaram em conhecer mais sobre o tema. Além disso, os indígenas Kokama observam que na concepção deles, atualmente existe uma desvalorização da natureza. Pois, os Kokamas contara-me serem conhecedores de segredo curadores da natureza, e por conhecerem tais segredos, os indígenas utilizam para benefícios próprios, ou seja, para adquirirem por meio da natureza a cura de uma eventual doença.

Em relação à atividade desenvolvida, eles participaram dando sugestões, palavras, frases com o tema, algumas questões sobre o que fazer e como fazer para melhorar, proteger a natureza. Por fim, alguns indígenas Kokama também fizeram desenhos alusivos ao tema e mostrara-me ao final da aula.

Com a finalidade de conhecer mais as suas ideias, opiniões, sentimentos sobre o sentido e significado da língua espanhola apliquei aos indígenas Kokama uma ficha de entrevista semiestruturada (requer um roteiro de perguntas, as perguntas e a ordem em que são feitas são adaptadas aos participantes, o contexto social é considerado fundamental para a interpretação dos significados). Uma entrevista é basicamente uma conversa entre duas ou mais pessoas (entrevistador e entrevistado ou entrevistados) na qual, por meio de perguntas e respostas, busca-se comunicação e construção conjunta de significados em relação a um determinado tópico.

### 3.3.2 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para o desenvolvimento desta pesquisa, trabalhamos com categorias de análise que foram elaboradas de acordo com os objetivos do trabalho após uma leitura minuciosa dos dados. Como observamos, foram 10 indígenas Kokama da comunidade indígena do Grande Vitória, na zona leste da cidade de Manaus que abordam questões sobre o ensino da língua espanhola. Os aspectos estudados em cada uma das 10 categorias são detalhados abaixo.

Observa-se que muitos parágrafos poderiam ser subsidiados com os dados das entrevistas que é realizada considerando as respostas escritas, ouvindo as gravações, escrevendo o conteúdo literalmente e levando em consideração os objetivos mencionados anteriormente, com base nos dados obtidos nas entrevistas, propõe-se realizar a análise dos dados das seguintes maneiras.

Observe que os dados na primeira categoria, sete dos alunos indígenas Kokama afirmam que os seus parentes indígenas chegaram ao Brasil da Amazônia Peruana, especificamente das comunidades de Caballococha, (é uma cidade do Peru, é a capital da província de Mariscal Ramón Castilla e do Distrito de Ramón Castilla na região de Loreto, nordeste do Peru. Está localizada na margem direita do Rio Amazonas muito perto do trapézio amazônico que corresponde ao extremo sul do departamento colombiano do Amazona). Um aluno comentou que seus parentes chegaram de Requena, (cidade peruana é a capital da Província de Requena, situada no Departamento de Loreto). Outra aluna afirma que chegaram de Ramón Castilla, (é uma província do Peru localizada na região de Loreto. Sua capital é a cidade de Caballococha). E outro aluno respondeu que seus parentes chegaram de Nauta, (é uma pequena cidade do norte do Peru, capital da província de Loreto na região de Loreto). Quase todos responderam que a única ligação dos Kokama do Peru com o Brasil são seus avós, mas infelizmente a maioria já morreu, eram Kokama que chegaram do Peru, sem dúvida, esta pequena cidade e como uma porta de entrada e saída para o Peru, já que estão perto de Santa Rosa (Peru), Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil), no Rio Amazonas. Tanto estas cidades e províncias desempenham um papel importante na movimentação, relação interétnica dos indígenas Kokama.

Por conseguinte, podemos analisar que os indígenas Kokama de Manaus-Brasil, sempre mantinham contato com os seus parentes Kokama do Peru quem viviam em diversas comunidades do dito país como eles já mencionaram, os indígenas Kokama são cientes da sua realidade e a sua movimentação étnica começando por a tríplice fronteira (Brasil, Peru e Colômbia) e posteriormente a Manaus como já lemos.

Assim mesmo, a maioria dos alunos indígenas Kokama responderam que o motivo de seus antepassados virem para o Brasil foi procurando melhores oportunidades pois tinham muitos conflitos: preconceito e terrorismo com os indígenas por parte do governo peruano.

Diante disto, destaco as palavras da cacique Maria do Perpétuo Socorro, da comunidade indígena Kokama Nova Esperança, mediante uma visita no dia 28 de setembro de 2019 (sábado) a dita comunidade, em conversa ela confirmou que os seus parentes indígenas do lado peruano sofriam de abusos, preconceitos com respeito a sua etnia, o Estado peruano queria eliminar a etnia, comentou que o Estado chegaria a matar eles se não aceitassem ser considerados simplesmente peruanos, onde os indígenas Kokama tinham que esquecer a sua etnia para ser considerados como parte da sua sociedade, assim mesmo tinha muito problemas com o terrorismo, ressaltou que isto foi muito difícil mesmo, por causa disso eles tiveram que se movimentar para outras comunidades e lugares com a finalidade de evitar o preconceito e procurar novas oportunidades de vida.

Três dos alunos responderam que desconhecem de onde especificamente os seus parentes vieram, mas que o motivo de seus parentes virem ao Brasil foi principalmente saúde, porque o lugar onde moravam não tinha muito recurso e para melhorar a sua condição de vida.

Na segunda categoria, percebi que a maioria dos alunos Kokama sete da comunidade indígena do Grande Vitoria comentaram que sim, conhecem algum parente da Amazônia Peruana. Três alunos indígenas afirmaram que têm irmãos que moram na comunidade de Caballococha. Dois alunos afirmaram que têm tios que moram na cidade de Iquitos, (é uma cidade do Peru, capital do departamento Loreto e da província de Maynas). E outros dois alunos Kokama manifestaram que têm sogros que moram em Nauta.

Pelo o exposto, podemos confirmar mais uma vez que, para os indígenas Kokama falar da Amazônia Peruana não é algo totalmente desconhecido na vida deles, eles têm uma noção do referido lugar onde os indígenas ainda têm parentes morando em diferentes comunidades, indígenas do lado peruano como Caballococha, inclusive podemos observar que lendo as suas respostas nesta categoria e conversando com eles analisamos que tem indígenas Kokama que já viajaram e conhecem pessoalmente aquelas comunidades, onde os seus parentes estão atualmente morando e assim mesmo inferimos que esta relação para o lado peruano já é parte da sua vida cotidiana.

É a diferença dos alunos indígenas Kokama que são 03 responderam que não conhecem nenhum parente na Amazônia peruana.

Na terceira categoria, analisei que para a maioria dos indígenas Kokama, sete deles, já conhecem pessoalmente as comunidades indígenas onde os seus parentes e amigos estão morando como: Nauta, Caballococha, etc. e três responderam que não conhecem mais já escutaram falar de algumas comunidades da Amazônia Peruana como Caballococha e Nauta.

Para ser mais específicos os três primeiros alunos indígenas Kokama que comentaram que além das comunidades que eles conhecem, ouviram falar também de Pevas, (é um dos quatro distritos que formam a Província de Mariscal Ramón Castilla, situada no Departamento de Loreto, pertencente a Região Loreto, Peru) e Yurimaguas, (cidade peruana, é a capital da Província de Alto Amazonas, situada no Departamento de Loreto, pertencente a Região de Loreto, na zona central do Peru. Localizada na confluência dos rios Huallaga e Paranapura na selva peruana). Então, podemos deduzir que foi através do rio Huallaga, que serviu como uma ponte para que os indígenas Kokama pudessem chegar a dita cidade, com o objetivo de ficar e procurar novas alternativas de vida e fazendo respeitar os seus direitos como etnia.

Assim mesmo, os próximos quatros alunos indígenas mencionaram que já conhecem alguma, mas também responderam que ouviram falar especialmente de Nauta, como já destacamos, esta cidade caracteriza-se por ser uma cidade praticamente cheia de indígenas Kokama. Eles destacaram que têm referências faladas por amigos e parentes sobre a cidade de Nauta com sua capital Iquitos, localizada no departamento de Loreto, província de Maynas, Peru, onde têm parentes Kokama em geral o qual seria um sonho conhecer.

Na quarta categoria, constatei que todos os alunos indígenas Kokama, todos os dez, responderam que sim, eles têm muito interesse de conhecer alguma comunidade da Amazônia Peruana.

A maioria deles, no total de oito alunos indígenas, manifestaram que gostariam de conhecer a cidade Nauta, por que é uma cidade cheia de indígenas Kokama que moram lá, eles gostariam muito de viajar e conhecer.

Pelo exposto, não temos dúvida que os indígenas Kokama tem conhecimento pelos seus antepassados, parentes e amigos que esta cidade foi fundada pelo cacique Manuel Pacaya Irarica, líder do grupo da etnia Kokama, assim mesmo, conversando com eles destacaram que os seus amigos e parentes indígenas Kokama compartilharam com eles uma lenda, onde contaram que o nome desta cidade surge do fato de que alguns indígenas dirigidos pelo cacique Pacaya encontraram uma tinaja na terra da cidade. Na língua Kokama tinaja é pronunciado "mauta"; depois foi mudado o nome para a palavra latina "nauta", que significa "marinheiro",

diante disto percebi que os alunos indígenas Kokama se sentem muito identificados com esta lenda, assim mesmo, conforme os dados já mencionados de Lisa Galli, considero importante destacar a Rádio Ucamará, que é uns dos meios culturais para interagir e permitir que os Kokama se encontrassem em um espaço onde pudessem socializar em sua língua nativa, etc., então podemos dizer que existe muito interesse dos indígenas Kokama de conhecer a cidade de Nauta

Só dois alunos afirmaram que querem conhecer a comunidade de Caballococha, que é uma das comunidades indígenas peruanas já mencionadas onde tem Kokama, comentaram que é neste lugar onde nasceram os seus antepassados.

Na quinta categoria, destaco que todos os dez alunos da comunidade indígena Kokama responderam que eles já nasceram no Brasil. Lembramos que todos os alunos indígenas Kokama que fizeram a entrevista foram jovens e adultos entre 15 a 58 anos, conversando com eles, todos reconhecem que já são indígenas Kokama brasileiros, uns jovens que estão estudando o ensino médio e adultos que trabalham para sustentar a suas famílias, assim mesmo, todos juntos trabalham para a organização, execução de atividades culturais lutando para o reabilitação e desenvolvimento da sua etnia na comunidade indígena Kokama do Grande Vitória, localizada no mesmo bairro na zona leste de Manaus.

Os primeiros cinco alunos indígenas Kokama afirmaram que os seus antepassados vieram para o Brasil por motivos de terrorismo e/ou pobreza da Amazônia peruana, eles chegaram crianças ou jovens porque seus pais estavam doentes.

Os próximos cinco alunos comentaram que vieram em busca de outro futuro, primeiro nas aldeias da Amazônia brasileira, até chegar à cidade de Manaus.

Como já mencionamos anteriormente, os indígenas Kokama tiveram muita movimentação étnica, eles se deslocaram das aldeias do Estado peruano cruzando a tríplice fronteira e dirigindo-se no primeiro momento as aldeias de Manaus e posteriormente a capital, com o objetivo de lutar pela sobrevivência e desenvolvimento da sua cultura contra as ameaças do Estado peruano de eliminá-los e de se proteger lutando contra todo mal.

Nesta sexta categoria analisei que dos 10 alunos indígenas Kokama que fizeram a entrevista, duas alunas indígenas Kokama responderam que são auxiliar de serviço num supermercado, no momento estão trabalhando com carteira assinada; uma aluna, respondeu que atualmente está trabalhando de professora indígena da língua Kokama na comunidade Grande

Vitória contratada pela rede pública da SEMED no processo seletivo, mas sem carteira assinada. As outras duas alunas comentaram que têm um trabalho autônomo, são artesãs.

Três alunos homens que fizeram a entrevista, um aluno respondeu que também é artesão; o outro respondeu que é artesão e professor da língua kokama na comunidade em menção; e finalmente um aluno é artesão e músico da língua kokama.

Só duas alunas são donas de casa.

Pelo o exposto, conversando com eles podemos afirmar que os indígenas Kokama da comunidade do Grande Vitória, nem todos tem um trabalho estável com carteira assinada que é a carteira de trabalho e previdência social (CTPS), originalmente conhecido como Carteira Profissional, que é um documento obrigatório para quem venha a prestar algum tipo de serviço profissional no Brasil ganhando muitos benefícios como: (férias remuneradas, vale-transporte, fundo de garantia, salário maternidade, seguro de desemprego, etc.)

Nesse sentido, os Kokamas comentaram que para eles terem a carteira assinada é difícil, devido possuírem pouca documentação. Além disso, eles disseram que trabalham muito, chegando a ser considerado por alguns como um trabalho escravo, ou seja, um “abuso”. Nesse sentido, eles me relataram que o sentimento que fica neles é de discriminação, conforme relatos, eles disseram que pessoas chegavam após eles para trabalhar e já conseguiam assinar a carteira de trabalho e quando era a vez deles, não se assinava.

Dessa forma, observamos o velho estereótipo do índio, como ser preguiçoso e selvagem, mostrando ao branco seu conceito particular, plantando uma semente na cabeça das pessoas para que cresçam com uma consciência de respeito em relação aos povos indígenas e entendem sua forma de pensar e seus valores diferentes (ÍNDIOS URBANOS, 2015).

Assim mesmo, no caso dos indígenas que estão no momento trabalhando como professores de língua Kokama na escola indígena da comunidade, em menção ao contrato com a SEMED, também não tem carteira assinada e ainda lutam por esse direito. Nesta categoria considero importante destacar a dedicação dos mencionados indígenas por um trabalho autônomo através da produção e venda de artesanato e a música junto com a sua família, já que existe algumas indígenas Kokama que são donas de casa pela manhã e pela tarde trabalham junto com os seus maridos procurando subsistência

Nesta sétima categoria observe que todos os dez alunos responderam que sim, têm parentes no interior da Amazônia Brasileira. Um aluno respondeu que tem primos como Pedro Maricaú e Nete Maricaú que são kokama e nasceram em Tefé; dois alunos responderam que têm tios e primos que atualmente estão em Tabatinga, São Paulo de Olivença, Santo Antônio

do Içá, Jutai, Fonte Boa e Coari; três alunos afirmaram que têm sogros em Tabatinga e Santo Antônio do Içá; outros dois alunos contaram que têm filhos trabalhando em Benjamim Constante e Fonte Boa; Uma aluna contou que têm pais em Tonantins; e finalmente outra aluna afirmou que têm primos Carlos, Simone e zé Paulo que estão em São Paulo de Olivença e a sua avô que está em Tabatinga.

É destacável a existência dos indígenas Kokama no interior da Amazônia Brasileira, lembramos aqui parte importantes do texto de Peter Grow (2003), onde comenta que existem indígenas Kokama no interior da Amazônia Brasileira eles ocupam aproximadamente catorze terras indígenas chegando até a capital Manaus segundo dados recentes da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). (GOW, 2003, p. 1-23).

Os dados do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), mencionam que os indígenas Kokama no interior da Amazônia Brasileira era de 786 pessoas distribuída por comunidades localizadas no alto e médio rio Solimões, no estado do Amazonas, principalmente nos municípios de Tabatinga, São Paulo de Olivença, Benjamim Constant, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Fonte Boa, Tefé e Jutai. (CIMI, 2009).

Por outro lado o CGTT – Conselho Geral da Tribo Ticuna, que foi conveniado com a Funasa – Fundação Nacional de Saúde, no tratamento da saúde indígena na região do Alto Solimões, diz que os Kokama já somam 9.000 índios. (CGTT,2007)

Os indígenas Kokama, como podemos observar, foi uma etnia que se destacou na movimentação nas aldeias da Amazônia brasileira conforme as informações dos indígenas nesta categoria, onde atualmente tem parentes e famílias morando lá, assim mesmo, para os indígenas Kokama ir para as aldeias e voltar a cidade não é preocupante, eles fazem esta atividade com frequência.

Na oitava categoria, percebi que os dez alunos indígenas Kokama responderam que para eles aprender espanhol é importante. Três deles responderam que é importante para falar com amigos e estar preparados para as provas de pré-vestibulares das universidades que organizam as instituições públicas e privadas de ensino e processos seletivos, entre outros e o exame do ENEM; assim mesmo, três alunas contaram que essa língua é importante, pois muita gente usa o espanhol nos meios de comunicação, nos negócios, estudos, amizades e trabalho; uma aluna respondeu que essa língua é bonita e quer se comunicar com os países vizinhos; uma aluna afirmou que gosta dessa língua pelo meio educacional, laboral, se formou no ano passado e está pensando em sua futura profissão e encontra um alternativa em ser professora de espanhol; 01 aluno considera que a língua espanhola é importante para melhorar seu currículo

e conhecer outra cultura, considera o espanhol muito similar ao português; e finalmente 01 aluno contou que o espanhol é importante por motivos de trabalho, pois ele é artesão e músico, viaja muito pela fronteira, ele tem conexões com os seus parentes Kokama de lá, contou que tem um pouco de conhecimento da língua espanhola, é um conhecimento por convivência, não de estudo, pois quando viaja na fronteira de tabatinga tem muito Kokama peruano e colombiano indo para lá e ele assim aprende.

No geral todos os alunos indígenas Kokama responderam que sim, tem muito interesse em aprender o espanhol por diferentes motivos pessoais, profissionais, e amigáveis, etc. Consideramos então que o espanhol é uma língua muito considerada e usada na atualidades em nossa sociedade.

Na nona categoria, percebi novamente que dos dez indígenas Kokama entrevistados, cinco alunos afirmaram que existe um significado especial da língua espanhola na vida deles, disseram que foi considerada anteriormente como a sua primeira língua para poder subsistir na sociedade; assim mesmo a língua espanhol para eles é também como um resgate das expressões e vocabulário da sua língua materna, da sua cultura, devido que com esta língua eles podem aprender e conhecer mais a verdadeira origem da sua etnia e se aproximar a sua língua nativa, já que existe muito vocabulário e palavras inseridas da dita língua na língua Kokama. Disseram também que o espanhol vem acrescentar ao conhecimento da língua Kokama, qual falta melhorar e aprofundar, eles querem ter domínio das duas línguas, eles como indígenas Kokama têm muito interesse e devem aprender melhor, a língua espanhola chama a atenção deles.

Duas alunas consideram que o verdadeiro motivo de aprender espanhol é para aproximar-se a seus parentes e amigos peruanos com a finalidade de pedir apoio no desenvolvimento da sua etnia em geral, assim como para o ensino da língua Kokama com o objetivo de consolidá-la e fortalecê-la, pois eles têm uma noção da importância desta língua para enriquecer a sua língua Kokama. Assim mesmo, contaram que o espanhol ajuda a elas a não esquecer sua origem, a sua história, acrescentaram que esta língua é como se fosse nossa árvore genealógica, para repassar a seus filhos, netos e demais parentes a sua história, descendência e sua cultura Kokama.

Dois alunos mencionaram, que o verdadeiro significado do espanhol para eles são duas coisas fundamentais, como: comunicar-se e conhecer a seus parentes do lado peruano, além disso, comentou que procurando expressões e palavras em espanhol vai ter mais aproximamento e conhecimento de sua língua Kokama que não sabe muito bem. No futuro, ele quer falar bem o Kokama e espanhol também.

Finalmente, o último aluno entrevistado comentou que o verdadeiro sentido da língua espanhola para ele é para melhorar a sua pronúncia de dita língua, considera ao espanhol como se fosse uma terceira língua pois ele já tem um conhecimento da língua devido a que trabalha como comerciante na fronteira, aos seus parentes de dito lugar ensinaram a ele a falar essa língua há muito tempo e, atualmente, tem parentes como a sua avó muito próxima a ele que o ensinaram, ele quer melhorar o conhecimento da sua terceira língua, o espanhol. Expressou também seu sentimento com respeito a língua espanhol onde comentou que pelo fato de ser Kokama, tem sangue peruano, está em seu que influe na vida dos indígenas em menção, com respeito a sus respostas em nesta categoria é indiscutível o conhecimento e a trascendência de esta língua que serve como instrumento para aproxima-se a ter origem.

Pelo o exposto, a língua espanhola para os indígenas Kokama, além de ser atualmente uma língua de demanda é de interesse e de necessidade em geral na sociedade, poderíamos dizer que também existe um valor histórico, cultural, sentimental uma melhor interpretação, fortalecimento da língua Kokama, destaco aqui o comentário de Jaderline Kokama quem é professora de língua Kokama da comunidade indígena de brasileiro, assim mesmo, da cacique e professora da comunidade indígena Kokama de Grande Vitoria Ednay Panduro Kokama que devido a existência de palavras e expressões em espanhol na língua Kokama como por exemplo: a palavra mapa em língua Kokama significa (abelha) e a mesma palavra em língua espanhola significa (diagrama, gráfico, quadro), outro exemplo é Kamukamu que em língua Kokama significa (árvore com fruto com grande valor nutritivo) em espanhol também significa (árvore frutífera nativo das margens dos rios e lagos da Amazônia peruana e brasileira), a palavra mama em Kokama significa (mãe) em espanhol a palavra mama significa (ato de mamar, lactar), a palavra ira em Kokama significa (mentir) em espanhol significa (estar irritado), a palavra papa em Kokama significa (pã) em espanhol significa (o chefe supremo da igreja católica e também é um tubérculo comestível). Assim mesmo, lendo as frases em língua Kokama: *Ta **mama** erura uni = minha mãe traz água. Ya **papa** kurata uni=seu pã bebe água.*

Nestas duas frases em língua Kokama podemos observar que as palavras destacadas incluindo a também a palavra **Ya** que em espanhol significa (agora, algo já feito) já formam parte da língua espanhola como vimos anteriormente, da mesma forma podemos encontrar também uma palavra misturada com a língua Quechua, a palavra **papa** que além do espanhol essa palavra também existe em Quechua com a tradução de tubérculo.

Podemos analisar que para os indígenas Kokama residentes em Manaus, especificamente no bairro de Grande Vitoria, existe uma relação linguística da sua língua com

o espanhol onde eles têm a necessidade de se apoiar para ter uma melhor interpretação, ensino da língua Kokama e para o desenvolvimento da etnia em geral.

Destaco que na última categoria, a maioria de alunos indígenas Kokama, sete deles responderam que sim, têm amigos e parentes que falam espanhol.

Uma aluna respondeu que ela tem um amigo falante do espanhol, o seu nome é Jaime Rodrigues, ele veio de Iquitos - Peru e agora mora em Manaus, comentou também que ele veio de turismo, gostou da cidade, ele pretende estudar e trabalhar aqui.

Outra aluna destacou também que a sua tia Fernanda Sousa fala espanhol, ela veio de Tabatinga na fronteira com Peru e Colômbia, que foi o lugar onde ela aprendeu relacionando-se com amigos peruanos e colombianos, agora está morando em Manaus.

Uma aluna comentou que conhece colegas indígenas Kokama de estudos do fundamental II de seus filhos como: Mateus Rodrigues, Joshua Melo e outros que falam espanhol, eles moram na fronteira com Peru e Colômbia onde atualmente estão estudando.

Uma aluna indígena Kokama respondeu que o seu irmão Lucas Panduro, que está em São Paulo de Olivença, com ajuda de amigos e demais parentes que moram lá, está aprendendo a falar o espanhol, e também com seu colega e grande amigo Silvanio Ribeiro que atualmente está em Manaus, ele aprendeu com amigos em Santo Antônio de Içá e na fronteira

Segundo com a descrição uma aluna disse que tem muitos colegas e amigos da formatura do ensino médio que falam espanhol, pois a maioria deles foram morar em Tabatinga por motivos de trabalho.

Outro aluno afirmou que tem um grande amigo, o Roberto Tananta Ahuanari da cidade de Iquitos – Peru, que agora está na Espanha, além disso, os seus parentes do interior de Manaus falam espanhol porque eles já viajaram para o Peru. Contou também que seu avô de parte pai, o senhor Antônio Maricaú de 90 anos e seu avô de parte mãe, Quentino Braga de 78 anos falam espanhol e tem conhecimento incluindo o quéchua, atualmente eles moram em Tonantins.

Finalmente, um aluno disse que tem muitos parentes como a sua avó Estela Isuiza, seus primos como Daniel Garcia e Clara Mota. Eles falam a língua espanhola, estão em Tabatinga e a avó está em Santo Antônio do Içá.

Só três alunos indígenas responderam que no momento não tem nenhum amigo que fale espanhol.

Tendo como base todo o exposto nas categorias pelos alunos indígenas Kokama do centro educacional indígena Kokama, podemos refletir que para o povo Kokama, especificamente do bairro Grande Vitória em Manaus, o significado da língua espanhola é

continuar mantendo um laço étnico e cultural com os kokama do lado peruano, apesar do desafio de estarem fora da Estado peruano, oriunda de seus antepassados, os Kokama do lado brasileiro se identificam com eles.

A língua espanhola tem um verdadeiro significado na vida dos seus antepassados, também é considerada transcendental na vida dos indígenas Kokama, além disso, não é algo totalmente desconhecido pois eles têm conhecimento que sua etnia foi muito movimentada na Amazônia Peruana, conhecem suas origens e querem continuar conhecendo. Podemos dizer também que existe uma ligação dessa língua na vida dos Kokama, pois foi uma primeira língua para muitos de seus antepassados, amigos, parentes Kokama que ficaram no Peru e outros que se movimentam, como já conhecemos em Manaus-Brasil.

É impossível falar da etnia Kokama do Brasil, sem ressaltar a relação com os parentes Kokama do lado peruano onde se fala espanhol. Eles dizem que se eles falam espanhol, os Kokama do Brasil também têm que continuar com esse vínculo comunicativo, porque é através dessa língua espanhola que os Kokama de Manaus-Brasil podem manter esse vínculo, conhecer-se melhor, resgatar sua cultura, trocar ideias, acrescentar e chegar a ter mais conhecimento de sua língua materna com a finalidade de fomentar seu conhecimento étnico e fortalecê-la no Brasil.

Para os Kokama residentes no bairro Grande Vitoria de Manaus, encontram nesta língua uma alternativa de superação no campo educacional, laboral e profissional, pois agora esta língua é requisitada em várias provas de pré-vestibulares de diferentes instituições, como no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) entre outros, é solicitada pelo estado para estar ao nível das demandas da sociedade. Os indígenas Kokama encontram nesta língua o enriquecimento de conhecimento étnico pessoal e profissional considerando isso como uma terceira língua, além do português e do Kokama.

### 3.3.3. Resultados e Discussão

Para os estudantes indígenas Kokama numa das atividades para ajudar o ensino e aprendizagem de uma língua e em geral que desenvolvemos foi a prática de hábitos de estudo como: leitura, uso de livros e outros materiais, horário, local de estudo e planejamento, que devem ser entendidos como a repetição contínua de um ato, que possibilita alcançar resultados positivos na aprendizagem e onde também aprendem fatores como o interesse e a motivação interna dos alunos indígenas Kokama.

As técnicas de estudo que foram desenvolvidas durante o ensino dos indígenas Kokama foram a frequência das aulas, acompanhadas de atenção às explicações, à técnica de leitura, do sublinhado, anotações, concentração e técnica de análise. Em relação às técnicas de estudo, destaco a León Gross (2004) e Hernández (2005) as definem como auxiliares práticos para a tarefa de estudar com atividades visíveis e operacionais que facilitam a aquisição de conhecimento (GROSS, 2004, HERNANDEZ, 2005 apud RODRIGUES; ARGUELLO, 2015, p.12).

Esta pesquisa que foi realizada na comunidade indígena Kokama do Grande Vitória, teve uma metodologia de natureza descritiva. A população foram 10 adultos indígenas de 15 a 58 anos. Para obter informações, são utilizadas fontes primárias: Kokama que foram alunos estudantes de língua espanhola, a técnica da entrevista com perguntas semiestruturadas, a observação, revisão e análises das categorias.

O procedimento consistiu na revisão detalhada da informação onde se classificou de acordo com os objetivos da pesquisa, fez-se uma transcrição das respostas. A análise da informação foi feita pela organização dos dados, foi feita uma descrição analítica das gravações dos indígenas Kokama nos grupos focais, entrevistas e observações.

Durante as aulas de espanhol para os estudantes indígenas Kokama, é importante destacar também uma metodologia participativa, porque eles encontram facilidade para aprender, aumentar e desenvolver habilidades e competências de maneira espontânea e livremente. Isso é semelhante a Gamboa (1996) e Cid Lucero (2006), que referem que na metodologia ativa a estratégia de aprendizagem é entendida como a forma pela qual é desenvolvida dinamicamente e participativamente, a seleção, organização e desenvolvimento de conteúdo educacional para atender aos objetivos de aprendizagem.

Assim mesmo, considerando a metodologia na observação participante, constatou-se que os estudantes indígenas Kokama apresentaram suas atividades domésticas, de sua diversidade cultural, trabalhos práticos individualmente e em grupos, que foram corrigidos e aprimorados juntos. Até novas ideias surgiram, esclarecimento de dúvidas, a participação dos estudantes indígenas foi constante e muito boa.

Durante a entrevista, outro método que devemos destacar e que usamos para ensinar espanhol aos estudantes indígenas Kokama foi o “interrogatório” realizado através de uma folha de entrevista semiestruturada, discussão em grupo, indivíduo com perguntas individuais diretas com base nos objetivos da investigação, para que as informações sejam mais completas. (RODRIGUES e ARGUELLO, 2016, p. 13).

Observa-se, então, que o método de interrogatório é utilizado individualmente e em grupo na apresentação oral das atividades na aula de espanhol realizados por escrito, onde os alunos indígenas Kokama responderam perguntas pessoais, defenderam seus critérios e esclareceram dúvidas sobre o conteúdo das aulas de espanhol. Estudantes indígenas participaram ativamente.

Gostaríamos também de salientar que, durante a minha indução nas aulas de espanhol com os indígenas Kokama e levando em conta a minha experiência com essa língua, o método indutivo que é sempre usado, onde o pensamento vai do particular ao geral, do conhecido ao desconhecido, cada um dos alunos indígenas Kokama têm interesses pessoais, profissionais e necessidades diferentes com respeito a língua espanhola para o seu próprio desenvolvimento. Da mesma forma, o método dedutivo, o pensamento vai do geral para o particular, onde os conceitos, definições, conclusões, consequências de um determinado conteúdo como a língua espanhola pode influir e formar parte da experiência da diversidade histórico, cultural dos indígena Kokama.

Consideramos que as metodologias utilizadas são modernas e menos tradicionalistas. Elas buscam a participação ativa dos alunos. Trata-se de seguir processos de pensamento crítico, criativo, reflexivo e analítico. Busca estabelecer vínculos próximos à experiência, trabalho e prática do teórico individualmente ou em grupo. Essas situações são usadas para formar respeito mútuo e outros valores, além de motivação e participação em seus próprios processos para aprender, desenvolver habilidades e competências linguísticas que lhes permitam se comunicar com sucesso nos ambientes em que operam.

Quanto aos estilos desenvolvidos pelos alunos indígenas Kokama da comunidade Grande Vitória, verificou-se que uma minoria está em um estilo divergente. Expressaram que, ao realizar o trabalho em grupo, eles têm espaço para a participação e podemos tirar as suas dúvidas com respeito a algo alcançando um consenso após o debate sobre a entrega do trabalho, para que possam trocar conhecimentos que se manifestam na experiência como um elemento significativo na construção do conhecimento. O que é baseado na afirmação de David Kolb (1999).

O exposto acima, reflete a intencionalidade dos estudantes indígenas Kokama em interagir com seus colegas, parentes e estabelecer relacionamentos para adquirir e construir conhecimento, tirar as suas dúvidas, questões o que é evidenciado no aprendizado da interação do pensamento do sentido e significado da língua espanhola na vida deles.

Outro estilo de aprendizagem encontrado e o mais utilizado pela maioria dos alunos indígenas Kokama é o arrumador, que se caracteriza pela manifestação da capacidade de aprender com a experiência, neste caso os indígenas Kokama contam com o apoio dos seus parentes, antepassados, lideranças, caciques indígenas do lado peruano para se relacionar com um determinado fim, como é às situações de ensino e aprendizagem da língua espanhola para dita etnia

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim de nossa investigação, apesar de saber que nenhuma pesquisa se encerra em si. Devemos fechar uma porta para abrimos novas, com isso, apresento neste ponto algumas considerações as quais acredito terem relevância para o melhor entendimento de nossas reflexões.

Sabemos que há uma tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru que favorece o trânsito e a residência no lado brasileiro de indígenas Kokama da Amazônia peruana em maior proporção, pouco a pouco os Kokama que chegavam da Amazônia Peruana que falavam espanhol foram movimentando-se para a Amazônia do Brasil, onde tiveram que conviver com outras etnias e populações onde a língua hegemônica é o português. Na perspectiva de procurar novas terras tiveram que interagir com a sociedade: política e educacional, até chegar à capital Manaus, com isso, e devido a constantes lutas e processos educacionais, os indígenas Kokama também passam a ter direitos e usufruir do serviço educacional do município, palavras destacadas pela professora e coordenadora do conhecido bairro Indígena Parque das Tribos de Manaus, onde também há presença Kokama, a professora Cláudia Baré e a cacique do dito bairro Lutana Kokama.

Conforme mencionado no capítulo Introdutório, este trabalho nasceu de questionamentos levantados durante minha atuação nos trabalhos de mutirões culturais com indígenas enquanto estudante de graduação na Universidade da Amazônia Peruana.

Além da pesquisa de cunho bibliográfico, fizemos uma pesquisa de opinião e motivação, por meio de questionários e entrevistas que buscam verificar a opinião dos informantes sobre a língua espanhola, assim como as aulas de ensino e aprendizagem da língua espanhola que buscam traçar o perfil do indígena Kokama e verificar sua relação com dita língua.

Buscando respostas, o tema proposto foi o ensino e a aprendizagem da língua espanhola aos indígenas Kokama, e foram propostas as seguintes hipóteses: a língua espanhola é tradicionalmente utilizada pelos indígenas Kokama devido a herança histórica da colonização espanhola na região da Amazônia peruana e devido a relação inter-étnica dos parentes indígenas kokama do Peru com os parentes indígenas Kokama do Brasil.

Neste sentido, mediante as entrevistas e respostas da ficha semiestruturada, percebi que a herança histórica de colonização espanhola influenciou na escolha do espanhol como língua de comunicação, a língua espanhola está presente na vida e na formação da identidade dos indígenas Kokama.

Há indícios de interesse crescente pelo uso dessa língua, seja por questões de comunicação com seus parentes, amigos da Amazônia peruana, seja por questões de melhoria de condições de reabilitação, tradução, ensino da sua língua Kokama, melhorar a vida em sua região, de fronteira com países hispânicos, de sua geração e também das gerações vindouras. Exemplo claro é a informação de que quase todos os indígenas Kokama entrevistados afirmaram que não tinham contato com o espanhol quando crianças, atualmente eles querem se comunicar, aprender de alguma forma essa língua como demanda na sociedade. Percebi que a língua espanhola assume distintas funções, sendo língua de comunicação entre amigos e parentes indígenas Kokama do Peru, de negociação entre vendedores e comerciantes ambulantes na tríplice fronteira e para melhorar a tradução das expressões e vocabulário da língua Kokama com a finalidade de ser mais bem ministrada no Brasil.

Assim mesmo, mediante esta pesquisa podemos afirmar que existe uma relação inter-étnica em noções de língua, devido as palavras e expressões combinadas, inseridas além do espanhol, também na língua quéchua e na língua Kokama como parte da cultura de seus antepassados, fatos que são mencionados pelo cacique da comunidade Grande Vitória e professora de língua Kokama Ednay Kokama e a cacique e professora da mesma língua da comunidade de Nova Esperança, Jaderline Kokama.

Há indícios de que a língua Espanhola cumpre um papel muito importante e transcendente para os indígenas Kokama. Um exemplo disso é que no lado peruano os Kokama falam espanhol e a tendência deles é ensinar Kokama como segunda língua em muitas escolas de Kokama. Posso mencionar, tendo como base meu conhecimento e amizade com o professor de arte e oriundo de cidade de Nauta, o professor Roger Murayari Tenazoa que a cidade de Nauta, localizada no departamento de Loreto, província de Maynas em Iquitos – Peru, é uma cidade claramente Kokama, entre adultos e crianças, com exceção das pessoas mais velhas que se comunicam no Kokama, as outras falam em espanhol. Conforme as palavras do professor Kokama em menção as estatísticas indicam que apenas 2% do Tupi-kokama são monolíngues, enquanto 98% são bilíngues.

Observe que existe uma ligação de fronteiras, ideias de oralidade para interagir com os Kokama do Peru, um povo transfronteiriço. Tendo em conta suas origens, existe uma conexão, um valor sentimental parentesco, arte de convivência, pois o jeito de ser Kokama reforça mais o fato de querer aprender o espanhol, visto que eles se sentem mais Kokama do Peru que do Brasil. Os Kokama que aprendem o espanhol ficam mais próximos da sua língua

nativa com a finalidade de conhecê-la melhor, fortalecê-la e poder interagir entre eles mesmos para dar a conhecer a sociedade a qual forma parte de sua identidade.

Para facilitar o processo de ensino e aprendizado de espanhol, como segunda língua no caso de estudantes indígenas Kokama, é necessária atenção à diversidade com aulas particulares para apoiar estudantes indígenas por meio de professores e prática de hábitos e técnicas de estudo. Os estilos de aprendizagem identificados nos alunos indígenas da sala de aula de espanhol eram divergentes e arrumador, refletindo com mais frequência o arrumador e, em segundo lugar, o divergente

Os alunos indígenas Kokama da comunidade indígena de Grande Vitoria devem assumir seu compromisso e responsabilidade com o aprendizado, especialmente neste curso de espanhol que fortalece suas habilidades de comunicação oral e escrita, tornar-se consciente da importância de adquirir e aplicar hábitos e técnicas de estudo para alcançar uma aprendizagem significativa de acordo com suas necessidades. Pode-se afirmar que o ensino e aprendizado da língua espanhola para os indígenas Kokama define metas em relação aos valores culturais, reconhece sua identidade e aceita o grupo em uma dimensão mais ampla. É através dessa língua que abordam seus demais conhecimentos tendo em conta sua diversidade cultural, consideraram a língua uma ferramenta principal para o desenvolvimento do processo educacional, além da melhoria para sua formação profissional.

Esta nova língua também é importante para comunicar e aprender novos costumes, culturas etc. É através desta língua que os indígenas Kokama têm um espaço ideal para a promoção da interculturalidade como eixo estratégico para tornar visível a diversidade étnica dos Kokama e desenvolver ações para enfrentar os problemas da população indígena e aprimorar suas habilidades, que se encaixam em uma experiência educacional positiva.

A partir do ensino da língua espanhola aos indígenas Kokama, propõe-se servir os jovens indígenas Kokama, entre outros, com o conjunto de ações educativas que tentam responder às necessidades, interesses, motivações e habilidades de todos, a fim de que possam alcançar o máximo desenvolvimento possível de suas habilidades pessoais, os objetivos estabelecidos e as competências básicas

Hoje, com a globalização, pode ser essencial comunicar-se de uma forma competitiva, é perceptível a necessidade de aquisição. Por isso, ao contextualizar o ensino da língua espanhola desenvolvida na comunidade indígena Kokama, especialmente da comunidade Grande Vitória na cidade de Manaus, eles também estão dentro das novas demandas políticas educativas da nossa sociedade, já que os países latinos estão próximos de nossa realidade social.

Ao mesmo tempo, analisamos e nos damos conta de como o ensino da língua espanhola se torna conhecimento tradicional e como desenvolvimento profissional.

Algumas pessoas dizem que a língua é um obstáculo para se comunicar com os outros e temem que os outros não entendam. No final, eles ficam frustrados e decidem “jogar tudo para o alto” porque não conseguem expressar suas ideias com fluência.

Mas isso é quase uma mentira viciosa. Se fosse português, espanhol ou qualquer outra língua que se fala, a comunicação nada mais é do que expressar sentimentos e emoções. A linguagem é apenas a ferramenta para fazer isso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÜERO, O. A. **El Milenio en la Amazonía: Mito-Utopía Tupí-Cocama o la Subversión del Orden Simbólico**. 1 ed. Lima/Quito: CAAAP/ Abya Yala. 1994. 55p.

ALES, C. Les tribus indiennes de l'Ucayali au XVI siècle. **Bulletin de l'Institut Français d'Études Andines**. v. 10, n. 3-4, p.87-97, 1981.

ALMEIDA, A. W.; RUBIM, A. C. Kokama: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. v. 4, n. 1, p. 67-80, 2012.

ALMEIDA, E. A.; SILVA, R. H. D. A Política de educação escolar indígena na década de 90. **Amazônida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFAM**, v. 8, n. 1, 2003.

BAINES, Stephen. As chamadas "aldeias urbanas" ou índios na cidade. *Revista Brasil Indígena*, v. 2, n. 7, p. 15-17, nov./dez. 2001.

BERGAMASCHI, M. A. Educação escolar indígena no século XX: da escola para os índios à escola específica e diferenciada. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (orgs.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BERGAMASCHI, M. A.; MENEZES, M. A. **Educação ameríndia, a dança e a escola Guaraní**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/legislação>. Acesso em: 18 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 6ª Manual de jurisprudência dos direitos indígenas / 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações Indígenas e Comunidades Tradicionais. Brasília: MPF, 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.172, de 09 de Janeiro de 2001**. Plano Nacional de Educação – PNE (2001-2011). Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [2001]. Disponível em [www.planalto.gov.br/legislação](http://www.planalto.gov.br/legislação).

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, [1996]. Disponível em [www.planalto.gov.br/legislação](http://www.planalto.gov.br/legislação).

CALVET, L. **As políticas lingüísticas**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial/IPOL, 2007.

CHAVARRIA, A.; RODRIGUEZ, S. **Estilos de aprendizagen y enfoques de enseñanza**. 2009.

CID L. M. **Didáctica de la lengua miskitu, material didáctico para la formación docente**. Puerto Cabezas: Ford Foundation, 2006.

CIMI. **Comunidades e organizações indígenas na cidade de Manaus**. 2007. Disponível em: <https://cimi.org.br/2007/04/25910/>. Acesso em: 02 maio 2019.

CONCELHO GERAL DE TRIBUS TICUNA. **Povos indígenas na amazonia**. 2007. Disponível em: <https://www.indios.org.br/pt/Povo:Kokam>

CONVENÇÃO DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO. **Povos Indígenas**. 2002. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Conven%C3%A7%C3%A3o\\_OIT\\_sobre\\_Povos\\_Ind%C3%ADgenas\\_e\\_Tribais\\_em\\_pa%C3%ADses\\_independentes\\_n%C2%BA.\\_169](https://pib.socioambiental.org/pt/Conven%C3%A7%C3%A3o_OIT_sobre_Povos_Ind%C3%ADgenas_e_Tribais_em_pa%C3%ADses_independentes_n%C2%BA._169).

COSTA, E. **O Projeto Calha Norte**: antecedentes políticos. São Paulo, 1992. 70 p.

DE SOUSA, N. Educação Escolar Indígena nas Escolas de Manaus, Caminhos e Processos. 2015, p.1

ENCICLOPEDIA CIUDAD DE NAUTA. **Nauta y los kokama residentes**. 2019. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Nauta>. Acesso em: 15 jun. 2019.

ERICKSON, Paul A; MURPHY, Liam D. **História da teoria antropológica**. Tradução de Marcus Penchel. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ESPAÑHOL PELO MUNDO. **Só Espanhol**. 2016. Disponível em: [https://www.soespanhol.com.br/conteudo/Diversos\\_Espanhol\\_pelo\\_mundo.php](https://www.soespanhol.com.br/conteudo/Diversos_Espanhol_pelo_mundo.php).

FERNANDEZ, F.M. **Política Linguísticas**. 2012, p. 342

FERREIRA, C. Política linguística e sociolinguística na América Latina: o contato das línguas portuguesa e espanhola em regiões fronteiriças Brasil/Uruguai. In: **Anais do I Congresso Internacional de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL e I Encontro Internacional de Associações de Professores de Línguas Oficiais do MERCOSUL: línguas, sistemas escolares e integração regional**. Foz do Iguaçu, Brasil, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, D. **Escola Makuxi: identidades em construção**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2010.

FONTOURA, A. TREVISAN, K. “**O indígena e a cidade**” 2019, p.330-332.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO. **Terras Indígenas**. 1967. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GALLI, E. Los Kukama aparecen: L’esperienza radiofonica indigena nell’Amazzonia contemporanea. En: BADINI, R. (ed.). **Amazzonia indigena e pratiche di auto rappresentazione**. Milão: Franco Angeli, 2014.

GAMBOA, A.; PÉREZ, S.; ZEPEDA, Y.; ROJAS, M. **Manual para el trabajo con los padres y madres de familia de preescolar**. Managua: Ministerio de Educación. 1996.

GEERTZ, Clifford - A Interpretação das Culturas - Capítulo 1. Rio de Janeiro. 2008. p.4

GERENCIA DE EDUCACAO ESCOLAR INDIGENA. **Aulas digitais**. Disponível em: <http://www.educacao.am.gov.br/educacao-escolar-indigena/>

GOW, P. Ex-cocama: identidades em transformação na Amazônia peruana. **Mana**. v. 9, n. 1, p. 01-23, 2003.

GRUPO DE ESPANHOL. "**Espanhol pelo mundo**" em *Só Espanhol*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em: [http://www.soespanhol.com.br/conteudo/Diversos\\_Espanhol\\_pelo\\_mundo.php](http://www.soespanhol.com.br/conteudo/Diversos_Espanhol_pelo_mundo.php). Acesso em: 04 dez. 2019.

HAMEL, R. E. Políticas y planificación del lenguaje: una introducción. Políticas del lenguaje en América Latina. **Revista Iztapalapa**. v. 29, n. 13, p. 05-39, 1993.

HECK; E. **Os índios e a caserna políticas indigenistas dos governos militares 1964 a 1985**. Campinas, 1996.

IBGE. **Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2005.

ÍNDIOS URBANOS. **Buscando as raízes longe da natureza**. 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445509265\\_732696.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445509265_732696.html).

INEI. **Índice da população kokama nas aldeias de acordo com o censo do 2016**. Disponível em: <https://www.inei.gob.pe/buscador/?tbusqueda=censo+del+2016+poblacion+kokama+en+las+aldeas>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Terra Indígenas no Brasil**. 2000. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/en/terras-indigenas/4184>. Acesso em: 10 jun. 2019.

ISLA RONDA. Wikipedia, La enciclopedia libre, 2020 [fecha de consulta: 1 de diciembre del 2020]. Disponible en <[https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Isla\\_Ronda&oldid=126531963](https://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Isla_Ronda&oldid=126531963)>.

LIMA, L.; CHAMO, L. Indígenas na Cidade de Manaus: A construção do Mapa. In: ALMEIDA, A.W.B.; SANTOS, G. S. (orgs.). **Estigmatização e território**: mapeamento situacional dos indígenas em Manaus. Manaus: PNCSA/ EDUA, 2009.

LÓPEZ, L. E.; KUPER, W. **La EIB en América Latina: Balance y perspectivas**. Cochabamba: PROEIB Andes, 2003.

LÓPEZ, C. L. **Pueblos Indígenas, Fronteiras y Estados Nacionales**: Reflexiones Histórico-Antropológico desde las Fronteiras Brasil-Colombia-Perú. Lima: Univerdidad Mayor de San Marcos, 2011.

LÓPEZ, L. E.; JUNG, I. **Abriendo la Escuela: Lingüística aplicada a la enseñanza de lenguas**. Madrid: Ediciones Morata, 2003.

LOS COCAMA COCAMILLAS. **Monografías**. 2006. Disponível em: <https://m.monografias.com/trabajos93/cocama-cocamillas/cocama-cocamillas.shtml>. Acesso em: 24 set. 2019

MACKEY, W. F. **Bilinguisme et contact des langues**. Paris: Klincksieck, 1976.

MARCO COMÚN EUROPEO DE REFERENCIA (MCER). **WIKIPÉDIA**. 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Quadro\\_Europeu\\_Comum\\_de\\_Refer%C3%Aancia\\_para\\_L%C3%ADnguas](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quadro_Europeu_Comum_de_Refer%C3%Aancia_para_L%C3%ADnguas).

MARTINEZ, I. K. **El enfoque del estado en las políticas educativas interculturales bilingües: Los planes educativos en el Perú 2005-2008**. 2012.

MARZAL, Manuel M. **Las Misiones Jesuitas, una Utopía Posible?** IN Marzal, Manuel María & Tua, Sandra Negro (1999). *Un reino en la frontera: las misiones jesuitas en la América colonial*. Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 1999. pp. 489-495

MATURANA, H.; REZEPEKA, N. S. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MERCOSUL. **O Tratado de Assunção**. 1991. Disponível em: <http://www.mercosul.gov.br>.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **As Sociedades Indígenas e seus Processos de Territorialização**. Conferência realizada na 3ª Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste. ABA/UFPA, Belém, Pará, 1 de junho, 1993

OLIVEIRA; F. M. **A reconquista da Amazônia. In: Novos Estudos: O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento**. CEBRAP, v. 38, 1994.

ÓRGÃOS URBANOS KOKAMA. **WIKIMÉDIA**. 2014. Disponível em: <https://br.wikimedia.org/wiki/Kokama>. Acesso em: 20 jun. 2019.

PEREIRA, T. C. A. S. **O ensino de línguas estrangeiras como um fator de inclusão social: o desafio da francofonia no Rio de Janeiro**. 164 f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

QUEVEDO, Ricardo. *Revista Latino-Americana de Historia* Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012 Edição Especial – Lugares da História do Trabalho. p.25

QUISPE, T. **Política indigenista peruana**. Huancayo. 2018.

RAMIREZ, C. M. *Las historias del río son las memorias de los abuelos: el proyecto de Radio Ucamara en la Amazonía peruana*. **revista de literatura oral**. 2016.

RAMOS, L. M. **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena São Domingos do Jacapari e Estação**. Brasília: FUNAI, I/II/III. 2003.

REDE DE INDIOS. **Índios: Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural**. 2007. Disponível em: [https://www.indiosonline.net/educacao\\_escolar\\_indigena\\_e\\_diversidade/](https://www.indiosonline.net/educacao_escolar_indigena_e_diversidade/).

RODRIGUES, A. **A Concepção e práticas de educação escolar indígena**. 2016.

RODRIGUEZ, J; ARGUELO, J. **Enseñanza del español como segunda lengua a estudiantes indígenas**. 2015.

RUBIM, A. **O Reordenamento Político e Cultural do Povo Kokama: a reconquista da língua e do território além das fronteiras entre o Brasil e o Peru**. 2016.

RUBIM; A.; FAULSTICH; E. **Aspectos de Política linguística na elaboração de materiais didáticos para a língua kokama**. 2014.

SASTRE, Patricia Martins. REVISTA ANTROPOLOGICA: **Índios Urbanos: buscando as raízes longe da natureza**. 2015. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445509265\\_732696.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/22/politica/1445509265_732696.html)

SEMED. **Lei nº 1.394/11**. Estabeleceu a criação da Escola Indígena e o reconhecimento da categoria de professor indígena no âmbito municipal. Diário Oficial do Município de Manaus, Ed. 2670, 2011.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 2.000, de 24 de Junho de 2015**. Plano Municipal de Educação – PME (2015-2025). Diário Oficial do Município de Manaus, 2015.

\_\_\_\_\_. **Plano Municipal de Educação: documento base (2015-2025)**.

\_\_\_\_\_. **Port. nº 0713, de 05 de agosto de 2014**. Cria Comissão para Coordenação do Plano Municipal de Educação. Diário Oficial do Município de Manaus: Manaus, 2014.

\_\_\_\_\_. **Professores e líderes discutem novas práticas das casas de Educação Escolar Indígena**. 2018. Disponível em: <http://semed.manaus.am.gov.br/lideres-e-professores-indigenas-discutem-novas-praticas-das-casas-de-educacao-escolar-indigenas/> Acesso em: 11 jun. 2019.

\_\_\_\_\_; MEC. **Decreto nº 18.749, de 6 de maio de 1998**. Cria o Conselho de Educação Escolar Indígena-AM (CEEI).

\_\_\_\_\_; MEC. **Lei nº 1.893, de 23 de julho de 2014**. Ditas escolas estas adotarão as suas nomenclaturas a partir da definição do povo ou da comunidade indígena a que se destinarem.

SILVA, A. **Concepções e práticas de educação escolar indígena**. 2016.

\_\_\_\_\_. Balanço crítico da situação atual da educação escolar indígena no Brasil. **Boletim da ABA**. n. 16, p. 57, 1993.

TAVARES; S. **Um estudo sobre as políticas Linguísticas no Brasil**. 2014.

TEIXEIRA, P.; MAINBOURG, M. Migração do povo indígena nos contextos urbanos. **Caderno crh**. v. 22, n. 57, p. 531-546, 2009.

TEIXEIRA, W. **Presença e Função do Espanhol no Alto rio Negro/AM**: considerações políticas e históricas. 2014

TRAJANO, J.M. **A Luta pelo Reconhecimento Étnico dos Kokama na Tríplice Fronteira**. Universidade Estadual de Campinas, 2016.

TUBINO, F. La interculturalidad crítica como proyecto ético-político. In: **ENCUENTRO CONTINENTAL DE EDUCADORES AGUSTINOS**. Lima: Universidad Andina, 2005.

UFAM. **Licenciatura Indígena**: Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável. 2012. Disponível em: <http://www.ensinosuperiorindigena.ufam.edu.br/historico/criacao-do-curso>. Acesso em: 12 jun. 2019.

UNESCO. **GESEDUCA**: Gestión Educativa, un modelo para armar. Santiago: UNESCO/OREALC/REPLAD, 1994

\_\_\_\_\_. **Os quatro pilares da Educação**. 2019. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro\\_pilares\\_da\\_educ%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Quatro_pilares_da_educ%C3%A7%C3%A3o).

UNICEF. **Educación y Poblaciones Indígenas en América Latina**. Santa Fé de Bogotá, 1993.

VALLEJOS, R. **Projeto Kukama Kukamiria**. 2016. Disponível em: <http://www.unm.edu/~rvallejos/proyectokukama.html>. Acesso em: 15 set. 2019.

VEGA, I. **Buscando el Río**: Identidad, Transformaciones y Estrategias de los Migrantes Indígenas Amazónicos en Lima Metropolitana. Lima: CAAAP. 2013.

WIKCIONARIO. **Órgãos Urbanos Kokama**. 2014. Disponível em: <https://br.wikimedia.org/wiki/Kokama> Acesso em: 20 jun. 2019.